

NO LIMITE
de seu
desejo



SÉRIE TELLES
Sedução

| KIRA BAPTISTA |



EDITORIA ANGEL



NO LIMITE
de seu
deseja

❧

SÉRIE TELLES
Sedução

| KIRA BAPTISTA |


EDITORA ANGEL

Copyright © 2019 Kira Baptista
Copyright © 2019 Editora Angel

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônico ou mecânico sem a permissão por escrito do Autor e/ou Editor.
(Lei 9.610 de 19/02/1998.)

1ª Edição

Produção Editorial: Editora Angel
Capa e projeto Gráfico: Denis Lenzi
Diagramação digital: Débora Santos
Revisão: Mari Vieira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA
PORTUGUESA.

Baptista, Kira

No limite de seu desejo: Sedução / Kira Baptista; [revisão] Mari Vieira. – 1.ed. –

Campinas: Editora Angel, 2019.

Recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe editions digital

Modo de acesso: Word wide web

1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Literatura Erótica. I. Vieira, Mari.

II. Título.

Editora Angel
Campinas/ SP

Sumário:

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[**NO LIMITE DO SEU DESEJO 2**](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

[Editora Angel](#)

Dedicatória

Dedico esta obra primeiro à força divina que me manteve firme e a todos que acreditaram que nada, quando conquistado com humildade e perseverança, é impossível.



Acordo às 6h40 morrendo de vontade de dormir novamente. Desde que mudei da casa dos meus pais para viver sozinha na capital, minha vida mudou completamente, ainda mais depois do meu pai ter ligado há dois meses informando que não estava muito bem de saúde. Para completar, minha bolsa de estudos está me dando adeus. Nunca poderia dizer aos meus pais a minha atual situação na faculdade.

Minha madrinha me chamou para ajudar na casa em que trabalha. Eu não estou trabalhando e realmente preciso ajudar meus pais. Mesmo tendo que deixar a faculdade, preciso me organizar sozinha e por isso aceitei o emprego.

Hoje será meu primeiro dia na casa dos Telles. Minha madrinha, Lu, trabalha para essa família praticamente toda a vida e está precisando de ajuda, e eu, de dinheiro. Não é fácil cursar direito em uma universidade particular sendo bolsista. Vou ter que trancar a faculdade por um tempo. Já que meu pai é apenas um aposentado e o aluguel deste pequeno apartamento já lhe tira muito, nunca poderia pedir-lhe para pagar meia bolsa ou integral na faculdade.

Tenho apenas duas aulas no curso, depois correrei para a casa dos

Telles para me apresentar para a Senhora Dora Telles. Paro de pensar na vida, pulo da cama e sigo para o banho, escovo meus cabelos, que quase chegam a minha cintura em ondas sedutoras, assim como diz minha melhor amiga, Lisa.

Coloco uma saia estampada com detalhes pretos um pouco acima dos meus joelhos e uma camisa preta colada, sapatilhas pretas e pego minha bolsa e caderno. Estou pronta para a faculdade. Paro na cozinha para preparar meu café. Não gosto de tomar o café da manhã completo, mas um café preto é tudo de bom para mim. Pego minhas chaves e sigo para a garagem. Meu belo carro, mais do que usado, está lá, presente do meu irmão.

Quase morro de raiva ao descobrir que só terei uma aula e a outra será apenas para entregar um trabalho da semana passada. Terei que ir para casa dos Telles antes do combinado, saco!

Ligo para minha madrinha para avisar que estou a caminho. Sua alegria me faz sorrir. Amo minha madrinha assim como amo meus pais e o chato do meu irmão.

Já fui à casa dos Telles quatro vezes, quando eles se encontravam de férias pelo mundo. Sei que eles têm três filhos: Alex, Caio e Nina Telles. Eles são bonitos por fotos. São uma família muito tradicional e de posses.

Os Telles são do ramo da Advocacia. Sei que possuem várias unidades espalhadas, e elas têm como viganas o Senhor Manoel Telles e seus dois filhos homens, conhecidos como o “Terror dos Tribunais”, assim como diz minha madrinha. Nina, a única filha da casa, cursa Designer de Modas, saindo completamente das linhas do Direito que correm no sangue da família Telles.

Chego ao portão da casa às 7h50, apresento-me, e o porteiro me deixa entrar após a permissão da minha madrinha. Achei que teria que mostrar meu registro de nascimento também.

O jardim é imenso, não posso deixar de notar a quantidade de seguranças que há aqui. A casa do primeiro andar é toda branca, tendo como cores apenas a das rosas e o verde das árvores e plantas que a cercam. Minha madrinha, Lu, já está à porta da frente, me esperando.

— Minha boneca, como você está? Estava ansiosa por sua chegada!

Não tem como eu me conter, e saio pulando como uma criança. Apesar de ter 21 anos de idade, é assim que me sinto perto da minha madrinha, uma criança.

— Rebs, minha flor — diz me abraçando e me enchendo de beijinhos

por todo o rosto.

— Madrinha. — Abraço-a com carinho.

— Você está linda como sempre.

Eu não me acho lá essas coisas, mas meus olhos cor de mel, minha pele morena, meus cabelos longos e ondulados chamam atenção.

— Que saudades! — falo com o coração apertado e lágrimas nos olhos.

— Vamos, minha flor. Vamos entrar, tenho uma surpresa para você! — Ela está tão feliz com minha chegada.

A casa, do jeito que é por fora, é por dentro: paredes brancas e com móveis elegantes. Acho tudo lindo e bem decorado.

— Aqui, querida, vamos para a cozinha. — Também é toda branca. Os Telles realmente gostam da cor branca. — Quero que você coma essa torta de limão, fiz para você. Ainda é a sua preferida?

— Adoro torta de limão, obrigada!

— Enquanto você come, vou pegar seu uniforme.

Minha madrinha sai, e me encontro sozinha na imensa cozinha.

— Olá! — cumprimenta-me uma voz feminina.

Viro-me, deparando-me com uma moça linda.

— Olá! — respondo sorridente.

— Sou Nina, e você deve ser a Rebeca, afilhada da Lu, acertei?

— Sim, sou eu, pode me chamar de Rebs!

— Rebs? Gostei! Pode me chamar de Nina, não tenho apelido, o meu nome por si só já é um.

A moça à minha frente é extravagantemente linda, tem altura mediana, com cabelos castanho-claros, olhos verdes, pele morena e é muito animada!

— Obrigada, Nina.

— Ei, você! — diz um rapaz alto, moreno, muito atraente e com olhos de cor verde, agarrando Nina por trás e a fazendo bufar de raiva. Tenho que segurar o sorriso.

— Por favor, Alex. Vai me desarrumar toda!

— Desculpe, princesa, mas não resisto a te ver brava.

Nina mostra a língua a ele em revolta.

— Alex, essa é Rebs, afilhada da Lu.

— Ei, Rebs, é um prazer conhecê-la!

Sorridente, apresento-me com o mesmo entusiasmo.

— O prazer é todo meu — respondo sorrindo, recebendo o aperto suave

da sua mão.

— Você é um perdido, meu irmão — Nina afirma olhando para Alex, que sorri.

— Vejo que já se conheceram — diz minha madrinha, entregando-me o uniforme.

Neste momento, os irmãos se olham e me olham de volta.

— Vai trabalhar aqui? — pergunta Alex.

— Irei ajudar minha madrinha por um tempo.

— Hum... Isso será um problema — afirma olhando para a irmã.

— Nada disso! Ela está aqui para ajudar a Lu, ele não vai se opor — Nina conversa com o irmão, mas não entendo nada.

— Já deu uma boa olhada nela? Eu já constatei o quão linda é. Será um problema, sim, conheço a fera — Alex retruca olhando para mim sério.

— Não faça tempestade em um copo d'água, Alex!

— Tudo bem, minha irmã. Depois não diga que não avisei. Seja bem-vinda, Rebs. A tempestade vai deixar sua marca. Isto, eu sei.

— Obrigada. — Olho para minha madrinha, que sorri docemente.

— Não ligue para o Alex. Só falou isso por causa do nosso irmão do meio, Caio. Se estiver aqui à noite irá conhecê-lo. Chega hoje de viagem. Ele é um pouco, ou melhor, muito diferente de nós, e desde já te digo: não dê importância às atitudes dele. Beijinhos para vocês.

A forma como os irmãos falaram do outro me deixou curiosa. Eles dois aparentam ser legais, e esse outro é tão diferente? Algo há para ele ser assim.

— Caio é problemático, só isso! É necessário que você fique longe do caminho dele quando estiver na casa, certo? Ele será o único a quem você terá que se dirigir como Senhor; os outros filhos da casa não ligam para isso, mas não se esqueça de ficar longe dele. Venha, vou mostrar onde pode trocar de roupa.

— Entendi, madrinha. — Sigo-a, não estou aqui para arrumar problemas, preciso de dinheiro.

O uniforme é um vestidinho com botões na frente, na cor rosa-claro, um palmo acima dos meus joelhos. Esta droga é curta!

Minha madrinha me diz o que fazer e por onde começar. Aprendo tudo rapidamente.

Estou no primeiro andar limpando a biblioteca, na qual há muitas obras de arte. Fico apaixonada por elas. Quando estou saindo do cômodo, uma

porta da segunda ala do andar é batida fortemente. Estranho, já limpei por lá.

Terei esquecido de fechar a porta? Vou verificá-la, e está fechada, mas sinto uma energia estranha, algo que não havia sentido antes quando limpava o cômodo. É o quarto do Caio, o único lugar da casa que é muito escuro. Tudo possui tons de preto, cinza e azul-escuro, até o banheiro é preto. Muito triste.

Tomo coragem e abro a porta, entro e tudo está como eu deixei. Recebi ordens de deixar tudo fechado e com a central de segurança acionada. Isso eu não fiz, deixei a porta da varanda aberta para arejar o quarto.

Fecho essa porta e logo em seguida puxo as cortinas negras. Ouço quando a porta do quarto é fechada suavemente. Viro-me olhando para frente, mas tudo está muito escuro e não consigo enxergar ninguém, então vou abrir a cortina novamente, quando uma voz furiosa me dá uma ordem:

— Não abra! — Isso não foi um pedido, foi uma ordem! Meu Deus, que voz é essa? Meu corpo fica todo arrepiado. Minha respiração fica descontrolada. Meu coração está a ponto de fugir de dentro do meu peito. — Quem é você? — pergunta-me a voz calmamente, mas me enviando ondas de fúria.

— Sou Rebeca. Afilhada da Lu — respondo com um pouco de vergonha por ter sido pega ainda arrumando o quarto.

— E por isso se acha no direito de entrar no meu quarto sem minha autorização? — Não sei o que responder, o tom autoritário dele me desarmou por completo. Esse homem tem uma voz linda! — Responda-me, Rebeca! — pede friamente.

— Não, senhor. — Estava tão concentrada em não sair correndo que não notei que ele havia ligado as luzes embutidas do quarto.

— Acredito que mereço um pedido de desculpas por sua intromissão. Vire-se agora! — exige.

Viro-me olhando para baixo. Um belo par de sapatos sociais acompanhado de uma calça social preta feita sob medida, que esconde pernas longas e, pelo que noto, bastantes chamativas em minha primeira impressão são minha primeira visão. Não deveria ter continuado a olhá-lo. Sua visão me congelou.

O homem de voz sedutora está sem camisa, possui um abdômen bem trabalhado, seu peitoral é um sonho, tem braços fortes e firmes. Há uma tatuagem no braço direito que se arrasta até o seu peitoral. O homem

realmente malha muito! Continuando a subir meu olhar, não posso deixar de notar seu queixo com esse maravilhoso furinho o deixando mais másculo. Sua boca carnuda é linda. Seu nariz é perfeito, fazendo qualquer cirurgião querer o modelo, e os olhos têm um tom de verde que nunca vi na minha vida.

Os olhos verde são uma característica dos Telles, mas os dele são diferentes dos irmãos. Seus cabelos negros são um pouco abaixo das orelhas, têm uma franja sexy desfiada caindo sobre as sobrancelhas negras bem desenhadas.

O homem moreno à minha frente é uma perfeição, e sua voz é um convite para o inferno, no qual sei que ele vive, pela forma como está me olhando. Alguém tão lindo como ele não pode ter um minuto de paz. A sensação está de volta, o formigamento em minha nuca. É ele. Sua dominação é tão intensa dentro desse quarto que me sinto pequena.

Ele olha para mim profundamente, lendo-me, analisando-me. Ele não pisca. É como se estivesse em transe e me levasse com ele. Deixando de me analisar, olha para o teto como se estivesse implorando por algo, então caminha para onde eu estou em passos firmes e lentos. Deus, o homem é totalmente sensual.

— Quero que se retire do meu quarto. Só volte a entrar aqui quando for solicitada ou quando tiver a certeza de que não estarei em meu quarto ou na casa. — Assinto com a cabeça, sentindo-me um lixo. — Saia. — Fico parada. Minhas pernas perdem as forças. Ele se aproxima mais e para na minha frente. — Não entendeu o que eu disse? Odeio repetir!

Fecho meus olhos.

— Entendi, estou saindo. — Dou um passo vacilante, e ele nota.

— AGORA!

Nunca me senti tão desmoralizada em minha vida, fui expulsa do seu quarto como se fosse um cachorro doente.

Olho para seus olhos frios. Ele me dá espaço para passar e sai fechando a porta atrás de mim. Entro novamente na biblioteca para me acalmar. Eu não volto aqui nunca mais, irei descer e dizer isso à minha madrinha.

Desço as escadas, possesa de raiva. Sigo direto para cozinha, sendo surpreendida por uma senhora bastante elegante e bem cuidada que está com um avental florido e mexendo nas panelas. Quando nota minha presença, dá-me um enorme sorriso.

— Minha querida, você deve ser Rebeca?
— Sim, senhora.
— Nossa, você realmente é muito linda, e que olhos cor de mel mais belos! Sou Dora.
— Obrigada, Senhora Telles.
— Me chame de Dora, querida. Que tal me ajudar aqui?
— Sim, claro. Corto as verduras?
— Sim, meu bem. Meu filho voltou de viagem antes do previsto. Quero fazer essa salada, que é a preferida dele, assim como também a carne para o Alex e a massa para a Nina. Eles já passaram dos 20 anos, mas me parecem que têm 15.

Estamos conversando alegremente, quando sinto meu pescoço formigar e, quando me viro, lá está ele, olhando-me como se eu fosse uma coisa do outro mundo ou como se eu estivesse com uma melancia na cabeça, mas o pior é o olhar de nojo.

— Com sua licença, senhora — digo lavando minhas mãos, já pronta para sair da copa.

— O que houve, querida? — Olho para a porta, mas não dirigindo o olhar para ele, então a mãe nota sua presença e nesse momento corta um dos dedos com a faca que está utilizando. — Como sou desastrada, me cortei.

Ouvindo essas palavras da mãe, ele vem ao seu encontro, pega suas mãos como se a mãe fosse se quebrar a qualquer momento. O monstro tem sentimentos.

— Venha comigo, mãe — diz olhando para a mãe como se não houvesse outra pessoa na cozinha.

— Sim, querido. — Os dois saem da copa. — Querida, pode terminar para mim?

— Claro.

Realmente, Caio Telles não passa de um bastardo. Pode ser lindo, mas é um homem bastante arrogante. Sem opção, pego o caderno de receitas que a senhora estava usando e termino todo o jantar sozinha, depois organizo a mesa. Estou realmente cansada, só quero ir para casa.

Quando minha madrinha chega da lavanderia, já passa das 18h, e me pede para acompanhar o jantar dos Telles. Às 19h já estão todos jantando e conversando naturalmente sobre os acontecimentos do dia.

Noto que, entre todos à mesa, o único vestido todo de preto é Caio. Por

que será?

Quando Caio vai repetir a salada pela segunda vez, a Senhora Dora me chama e agradece por ter terminado o que ela começou. O Senhor Telles também me agradece, assim como o restante da família. Menos Caio, claro!

— Está tudo divino, Rebs, se você não der certo no ramo jurídico pode abrir um restaurante, que viro freguês na hora — diz-me Alex com seu olhar cativante, tão diferente do irmão.

— Obrigada! — falo corando como uma ridícula que sou.

— Está tudo perfeito, não é, Caio?

Ele não responde. Caio pede licença a todos à mesa, caminha em minha direção fazendo um movimento sexy com a cabeça para retirar os cabelos dos olhos. Ele possui um corpo de fazer com que a pessoa queira arrancar suas roupas. Deus, estou sentindo um calor só em ver o homem andar?

Ele passa por mim e não diz uma palavra, mas me dá um olhar que praticamente parece dizer que deve ter visto minha roupa íntima.



Ajudo minha madrinha na cozinha deixando tudo limpo. Já são quase 20h, até eu chegar à minha casa serão 22h fácil. Tomo um banho no complexo dos empregados, onde minha madrinha vive e muito bem, por sinal. O apartamento é muito confortável. Despeço-me dela e vou para a garagem dos funcionários da casa. Estou rezando por minha cama.

Quando chego ao carro, sinto o formigamento no pescoço. Passo minha mão, tentando acalmar a agonia. Quando vou pegar as chaves na bolsa, acabo deixando-as cair. Abaixando-me para pegá-las, dou de cara com sapatos esportivos e um par de calças jeans pretas. Subo meu olhar, e ele está aqui, olhando-me de cima. Como sempre seus olhos me direcionam raiva.

— Não volte aqui amanhã. Para seu bem, não volte!

Eu não posso acreditar no que está me dizendo.

— O quê?! — consigo dizer ainda abaixada, erguendo o olhar para ele. Ele é alto.

O que parece impossível, acontece. Ele ri baixo e sexy. Tento respirar novamente para ficar de pé. Respiro fundo e me levanto. Fico com a cara no peitoral dele; eu tenho 1,75m, ele parece ter 1,90m ou mais. Aproxima-se de

mim como se prendesse a respiração. Eu só posso causar enjoos nele.

— Se você voltar, vai se machucar. Eu. Vou. Machucar. Você. Profundamente — diz-me como um sussurro, mas arre pia todo o meu corpo.

Não posso responder nada, só o observo fechar sua jaqueta de couro e seguir para a garagem social. Ele coloca o capacete e sobe em uma moto de cor preta que pagaria todo meu curso e mais algumas coisas. E assim ele se vai zumbindo pelo caminho afora, deixando-me com sua ameaça na cabeça até chegar em casa. Maldito bastardo!



Capítulo 2

Rebeca Mendes

Chego em casa morta de cansaço e com a mente bastante perturbada. Queria tanto que Lis estivesse aqui, aposto que ela saberia o que dizer sobre esse homem.

Como já tomei banho no apartamento da minha tia, apenas troco a roupa que estou por uma camisola de algodão com um lindo panda desenhado na frente. Faço um pouco de café e vou para a varanda olhar a rua, que está bastante tranquila. Entro e apago as luzes, mas o barulho de uma moto me faz retornar para a varanda. Porém, a máquina já se foi. Esse homem está ocupando a minha mente. Demais!



Vou para a faculdade um trapo. Não dormi a noite toda e, no meio das aulas, a voz do bastardo ressaltava em minha mente: *Se voltar vai se machucar. Eu. Vou. Machucar. Você. Profundamente.*

De onde esse homem saiu? Expulsou-me do seu quarto e da casa no

mesmo dia! Ele acha que é quem? Um deus? Isso, ele pode até ser, com um corpo e um rosto daqueles poderia ser filho de Afrodite.

Não posso deixar minha madrinha na mão, eu preciso do dinheiro para ajudar meus pais, e não será um *playboy* bastardo, mimado, malditamente lindo e que tem tudo na vida que irá me amedrontar.



No outro dia não vou para à aula pela manhã para poder trocar meu horário, preciso resolver a situação da minha dispensa na faculdade. Corro para o banheiro, onde tomo um banho, depois coloco um vestidinho preto, sandálias rasteiras e saio correndo para a casa dos Telles.

Por causa do trânsito, chego um pouco atrasada. Vou direto trocar de roupa para poder falar com minha madrinha. Preciso sair na parte da tarde. Procuro por minha madrinha pela casa e não a encontro. Parece que não tem ninguém na casa, então resolvo cuidar das minhas obrigações. Arrumo toda a parte de baixo e estou seguindo para a área de cima quando o telefone da cozinha toca.

— Residência da família Telles.

— Rebeca.

Meu Deus, que voz é essa? Até pelo telefone o homem consegue tirar meu fôlego.

— Sim.

— Preciso falar com Lu. Passe para ela, agora.

Arrogante!

— Ela não está no momento.

Ouço-o amaldiçoar.

— Vai ter que ser você mesmo! — Hã, eu o quê? E ele continua falando: — Dentro de uma hora estarei em casa com alguns advogados do escritório. Preciso que organize a área da piscina e algo para ser servido. Consegue fazer isso?

Infeliz prepotente!

— Claro.

— Ótimo. Até breve.

Desligou sem dizer um obrigado ou um tchau, filho da puta arrogante!

Vou preparar uma torta de frango com palmito e cogumelos que é especialidade da minha mãe. Também preparo pasteizinhos de carne com creme de queijo e, por fim, faço um creme de azeitonas pretas com pimenta dedo-de-moça.

Aquele bastardo vai ver se não consigo fazer algo. Arrumo toda área da piscina e antes do horário já estou com tudo preparado.

Ele chega acompanhado de cinco homens altamente bem vestidos e alguns muito bonitos. Fico em minha posição, esperando que ele dê as ordens para começar a servir. Que ódio ter que o servir!

— Bom dia! Qual será o nome dessa moça bonita? — pergunta um homem alto, forte, loiro e muito bonito. Bonito não, lindo, como o bastardo.

— Rebeca. — Dou um sorrisinho tímido. Meu pescoço já dá sinais de formigamento.

— Lindo nome para uma linda mulher! — diz-me com cara de sacana.

— Obrigada.

— O prazer é inteiramente meu, Rebeca.

— Pode parar de jogar charme para a moça, Leandro? — Ele está atrás de mim, muito perto, por sinal. O formigamento atinge o nível máximo.

— Cara, até aqui você é um saco? — Leandro pergunta e sai em seguida.

— Pode ir, Rebeca. Quando precisar, chamo.

Não olho para ele, assinto com a cabeça e saio. Mandão!

Volto para a cozinha e ligo para a minha madrinha, que está acompanhando a Senhora Dora o dia todo, e ninguém irá almoçar na casa. Eu poderia ir embora agora mesmo se quisesse, mas tenho que ficar para servir aquele bastardo! Que ódio!

Resolvo ir para o jardim; ele que me procure quando estiver pronto para servir aos seus convidados. O jardim dessa casa é um verdadeiro sonho. Aproveito que a brisa está boa e solto meus cabelos, que caem em minhas costas em ondas. Se há algo em mim que amo são meus cabelos, iguais aos da minha mãe. Sento-me no banquinho, colocando minhas mãos para trás e aproveitando sol, que está muito gostoso.

Passo um tempinho assim, até que o sol é substituído por uma sombra. Quando abro meus olhos, dou de cara com ele olhando-me fixamente. Meu Deus, de cabeça para baixo ele é mais lindo ainda! Levanto-me rapidamente, baixando meu uniforme, que subiu. Seus olhos acompanham meus

movimentos, e tenho a ligeira impressão de que o cretino lambeu os lábios, embora ele não me suporte. Estou ficando louca!

O homem é uma verdadeira tentação em pernas, está vestido com uma calça social preta e uma blusa cinza chumbo com mangas dobradas até os antebraços. Está com as mãos nos bolsos. Uma delícia!

— Já terminou seu banho de sol? — pergunta-me petulante e irônico.

— Desculpe. — Esse homem me deixa desnorteada.

— Venha.

Mandão! Sigo-o olhando todo seu corpo, suas costas largas, cintura estreita, quadris perfeitos, e que bunda é essa?

— Pode começar a servir, Rebeca — diz ainda na metade da sala, sem ao menos ter o trabalho de se virar para me olhar.

Vou arrumar o carrinho com tudo que preparei. Quando entro na parte social da área da piscina, todos os homens se viram para me olhar, mas não dou muita atenção, dirijo-me para a mesa e começo a colocar tudo organizadamente. Depois fico ao lado da mesa. O primeiro a se levantar é o Leandro, com todo o seu sorriso contagiante.

— O que temos, linda? O que me diz para provar primeiro? Me parece tudo muito gostoso.

— A torta — digo sorrindo.

— Então, vamos de torta. — Corto um pedaço para ele, que recebe com um grande sorriso. Leandro geme com o pedaço na boca, fazendo-me sorrir. — Porra, linda. Isso aqui está muito bom!

— Obrigada.

— Caio? Por que não nos disse que está comendo tão bem?

— Eu não estou comendo — responde olhando-me e sugerindo um sentido figurado para a frase *não estou comendo*. É um verdadeiro filho da puta!

Olho para ele com raiva e vejo os outros sorrindo da situação, mas não vou ficar de empregadinha submissa, ele vai ver!

— É só vir comer, senhor. Garanto que não vai se arrepender de provar.

Ele me olha friamente erguendo uma sobrancelha e deixa escapar um meio sorriso sexy. Ele vai replicar!

— O que tem a me oferecer com tanta certeza de que não vou me arrepender, Rebeca?

Agora ele vai ter que engolir sua mente suja.

Pego um prato, coloco um pedaço de torta e me dirijo direto até ele, que está sentado. Fico entre suas pernas, que estão abertas, e ele me olha de baixo acima até encontrar o meu rosto, com cara de safado.

— A torta, senhor — respondo com um sorrisinho de satisfação pela minha coragem. Entrego-lhe o prato, que ele recebe de bom grado, ainda sorrindo da minha audácia. — Ainda vai precisar de mim? — pergunto encarando o lindo bastardo.

— Não.

— Com licença.

Leandro pisca para mim, e eu sorrio para ele. Depois saio sem olhar para trás, mas ouço que os outros homens estão rindo do bastardo. Bem feito! Antes de me afastar o suficiente, ouço-o dizer um raivoso *com licença*.

Agora me ferrei! Devo me esconder? Devo correr? Já dá para ouvir os passos dele. Eu e minha boca grande!

Continuo andando, e minha única saída para não dar de cara com ele é correr para o complexo dos empregados. Ali estarei salva. Olho para trás e não o vejo em lugar nenhum, até que me viro, dando de cara com um paredão firme de músculos. Merda!

— Fugindo? — Ele está com ódio e parece até maior do que o normal.

— Não! — eu respondo num tom nada firme.

— Venha comigo. Agora! — Pega em meu braço firmemente e sai puxando-me, ou melhor, rebocando-me para dentro da casa.

— Me solte!

O bastardo aperta mais ainda meu braço, isso irá deixar uma marca! Eu ainda posso gritar.

— Nem pense nisso. Se gritar será pior para você!

O maldito lê pensamentos agora?

Sobe as escadas sem ter pena de mim, abre a porta do seu quarto e me joga em sua cama como se eu fosse uma toalha. Levanto-me rapidamente, tendo a noção de que ele acabou de ver minha calcinha azul. Droga de uniforme curto!

Ele passa as mãos pelos cabelos e olha para o teto, andando de um lado para o outro, está puto da vida. Que morra de ódio!

— O que acha que está fazendo, porra? — Sua voz está contida, mas cheia de raiva. Não respondo. Ele passa a mão na franja, afastando-a dos seus olhos, jogando todo o cabelo para trás.

— RESPONDA, PORRA! — perde o controle e grita. Ando para trás e acabo caindo sentada em sua cama, mas me levanto rapidamente.

— Na... Nada!

— Nada o caralho! Você faz ideia do que está passando na cabeça de todos aqueles idiotas lá embaixo?

— Não tenho interesse em saber o que está passando na cabeça deles.

— Não? Tem certeza? Garanto que é a mesma coisa que está passando pela minha.

Na dele certamente é me jogar para fora desta casa.

— Já disse que não tenho interesse em saber de nada!

— Sêrio? — Olha-me dos pés à cabeça.

— Não estou mentindo quando digo que não tenho interesse em nenhum deles! — respondo firme.

— Não basta você ficar desfilando com essa miniatura de roupa, também tem que demonstrar que é uma mulher fácil se jogando para o Leandro?

— Eu não estou me jogando para ninguém e, mesmo se estivesse, não é da sua conta! — respondo firmemente, mas me arrependo no mesmo instante quando ele vem com tudo e me joga na cama, deixando-me com as pernas abertas e ele entre elas. Sinto quando ele esfrega sua ereção em meu sexo.

Não tenho forças para dizer uma palavra. Fecho meus olhos, acreditando no quanto estou ferrada com esse homem.

Ele deixa seu nariz roçar de leve o meu. Depois baixa a cabeça, respirando em meu pescoço, de um lado para o outro, mantendo minhas mãos presas por uma das suas acima da minha cabeça. O cheiro do cabelo e do perfume dele é uma tentação.

Ele tem a outra mão livre para me tocar, mas não o faz. Mantém-na junto ao meu corpo com o punho fechado. Depois de olhar bem para meus seios, olha para mim e fica me encarando. Baixa a cabeça novamente um pouco de lado, como se fosse me beijar. Eu espero, mas ele não faz nada! Levanta-se, fazendo-me vir junto com ele. Coloco minhas mãos em seu peitoral, e ele, em minha cintura.

— Vou dar-lhe a última chance de ir embora desta casa agora e não voltar nunca mais! Estou fazendo isso não por ser bonzinho, pois isso eu não sou. Faço por sua madrinha, por quem tenho muita consideração. Agora vá e não volte mais. Se voltar, não diga que não te avisei. Vá, Rebeca.

Saio do seu quarto chorando de ódio de mim e dele também por ser tão prepotente. Passo voando pela casa, quando um rapaz me vê chorando e vem atrás de mim. Chama-me algumas vezes, mas não paro meu ritmo.

Quem ele pensa que é para me acusar de dar em cima dos outros, me jogar em sua cama, se esfregar em mim, fingir que vai me beijar e depois me mandar embora dessa forma?!

— O que aconteceu, moça? Por que está chorando? Vem aqui — fala o rapaz.

— Não é nada. Eu vou embora.

— Como se chama, princesa?

— Rebeca.

— Sou Miguel, amigo da família e filho do dono da empresa de limpeza. Não vou deixar você sair daqui nesse estado. Venha comigo, eu te levo.

— Não. Estou de carro. Eu não volto mais para essa casa!

— Deixe que eu te leve. — Dá-me um sorriso bonito e me abraça, mas de repente é jogado no chão pelo bastardo do Caio.

— Que porra, Caio!

— Não coloque suas mãos em cima dela, Miguel!

Esse homem é louco ou se finge.

— Então foi você que a fez chorar? Eu sabia que isso tinha a ver com você! Fique você longe dela, seu porra! — diz Miguel, que mais uma vez é jogado no chão, mas dessa vez com um murro do Caio, que se vira para olhar para mim como se eu tivesse duas cabeças.

— Espere aqui! — ordena com os olhos verdes fixos nos meus. Fico congelada olhando Miguel, que parece desmaiado pelo soco, e os outros homens estão me olhando também. Leandro sai de entre eles e vai até Miguel. Um carro preto vem saindo da garagem e para ao lado deles. É Caio.

— Leandro, leve esse merda para o hospital. A reunião está encerrada! — Olha para mim com ódio, antes de conseguir falar enquanto me aponta um dedo: — Você entre no carro.

Eu não vou a lugar nenhum com ele, mas ele ainda me encara com raiva.

— Não — respondo.

— Entre agora, Rebeca.

— Não. Vim de carro e voltarei nele.

— ENTRE NESSA PORRA DE CARRO AGORA! — Puxa-me pelo braço e me joga dentro do carro, fechando a porta com força.

— Tenha calma com ela, Caio — ouço Leandro pedir por mim; em troca, recebe um olhar de fúria.

Fico calada em seu carro luxuoso, do qual não faço ideia de que marca é. Olho para ele de lado e vejo que tudo nele grita agressividade. A forma como segura a direção, o jeito de passar a marcha. A velocidade absurda com que dirige. Os vidros do carro são negros, mas percebo que estamos sendo seguidos por mais dois carros.

Ele passa as mãos pelos cabelos várias vezes, acredito que procurando por calma. Duvido que esteja arrependido do que fez com o pobre Miguel, um rapaz tão gentil e que deve estar achando que sou louca.

Não quero estar neste carro com ele. Não consigo evitar olhá-lo, admirando seu perfil perfeito, seus cabelos pretos e sua pele morena. É lindo. Sua condução combina perfeitamente com ele.

Seguimos viagem em silêncio total. Ele para em frente ao meu prédio, desce e abre a porta para mim. Não olho nem uma vez em seus olhos, também não pergunto como sabe onde moro.

— Obrigada — digo timidamente, ainda sem olhar para ele.

— Vou mandar deixar seu carro aqui. Me dê as chaves.

Eu deixei tudo no complexo dos empregados. Não trouxe nada.

— Estão no complexo.

— Tem como entrar em casa?

Por que a preocupação?

— A vizinha tem uma cópia. Vivo perdendo a chave.

Ele me olha desconfiado.

— Entre.

Viro-me e faço meu caminho sem olhar para trás. Ainda posso ouvi-lo xingar: *filho da puta, me paga*.

Da vidraça do meu andar, observo-o entrar no carro. Os outros dois carros o seguem quando ele dá a partida. Que homem é esse? Como pode ser uma hora de um jeito e outra hora de outro?

Vou até a vizinha, pego minha cópia da chave e entro em casa. Acaba que não tenho forças para sair e comprar algo, muito menos para resolver minha situação na faculdade. Tiro meu uniforme e vou tomar um banho.

Às 17h um homem que eu acho que é um segurança me traz o carro e

tudo que eu deixei na casa. Será que eu devo voltar? Ele já avisou duas vezes que vai me machucar. Eu preciso desse emprego, preciso juntar dinheiro para pagar meu curso.

Hoje é sexta-feira, passarei o fim de semana sem ver a cara dele e vou pensar se devo voltar ou não. Que inferno de homem!



Meu fim de semana foi uma verdadeira droga, não saí para lugar nenhum. Chorei feito uma criança por ter que deixar um curso por que tenho paixão. Chorei pela forma como o bastardo do Caio Telles me tratou. Não sei o que se passa na cabeça dele, mandou-me embora, depois bateu no rapaz por causa de um abraço. Hoje, pelo menos, minha manhã está cheia, tenho um seminário de ética para apresentar e só irei trabalhar depois das 2h.

Tomo um belo banho, depilo-me, hidrato meu corpo, escovo meus cabelos e escolho uma linda roupa que ganhei da minha mãe – uma saia justinha na cor melancia com babadinhos nas pontas e uma blusa de cetim branca. Coloco um par de sapatos brancos de saltinho e completo com brincos delicados em forma de pendants, dados pelo meu pai. Pego minha bolsa e vou enfrentar o seminário.



Pelas notas, eu não perderia minha bolsa na faculdade, acabei de tirar nota 10 no seminário. Porém, infelizmente não tenho como sustentar o curso.

Quando chego à casa dos Telles, já são quase 15h. Nina está dançando na área da piscina quando passo e ela me chama pulando. É hoje que saio daqui de madrugada!

— Rebs, vem dançar comigo! — Ela está muito feliz em um vestidinho colorido, movimentando-se ao som de Adele – *Rolling in the deep*.

— Amo essa música — digo para ela, sorrindo e já dançando ao som da canção.

— Então vamos!

Começo a dançar. Fecho meus olhos e me deixo levar ao som da música. Levanto meus braços e depois desço minhas mãos por meu corpo ainda de olhos fechados. Quando abro meus olhos, vejo Nina em sua louca dança. Sinto duas mãos segurando minha cintura, acompanhando minha dança. Não preciso olhar para saber que é Alex, sua risada o entregou.

Fecho meus olhos novamente e danço com ele, sorrindo. Suas mãos viajam pelas laterais do meu corpo. Depois ele me vira, e vejo sua cara de safado, mordendo os lábios. Coloco meus braços ao redor do seu pescoço e me ondulo ao seu corpo com sua perna entre as minhas. Sorrimos com os gritos da Nina, que está em êxtase.

— Dança bem, Rebs — ele diz ao meu ouvido.

— Você também!

Amo dançar, e ele dança divinamente. Nina se coloca atrás dele, e começamos a dançar em trio. Ele passa a mão em minha bochecha para tirar os fios dos meus cabelos e coloca a mão em minha nuca. Fico tensa. Se ele for me beijar, será estranho.

— Não, Alex! — A ordem é dada em um tom seco e frio como sempre. Em passos lentos, Caio vai desligar o som.

— Que besteira, irmão. Rebs é quase da família.

— Não disse que não é! Só disse que não! E você me entendeu muito bem.

Olho para Alex, que assente e me dá um sorrisinho, não deixando passar nada do que houve entre ele e o irmão pelo olhar.

— Caio, às vezes acho que você é adotado! — reclama Nina.

— Me faço a mesma pergunta em relação a você, irmã — responde na mesma moeda. Claro que nenhum deles é adotado, as semelhanças são muitas, como a cor da pele e a dos olhos, exceto os olhos do Caio, que são de um verde diferente. Tudo nos três grita “Telles”.

— Vocês querem parar!? — pede Alex.
— Estou indo para o meu quarto. — O bastardo sai com seu humor arrogante.



Caio Telles

Estou muito ferrado com essa Rebeca trabalhando na casa. Ela me tira do eixo. Tem um jeito meigo, olhos penetrantes, pele delicada, um maldito corpo que, toda vez que olho, meu pau quer rasgar a minha calça. Sem falar que é linda *pra* caralho!

Estava na sala do Bruno, meu chefe da segurança, quando ele me falou sobre a nova contratada para ajudar a Lu. Rebeca estava olhando para as obras de arte da biblioteca, seu cabelo estava preso, e umas mechas caíam em seu lindo rosto. Mal sabe ela que é mais linda que qualquer coisa nessa biblioteca. Bruno foi atender um chamado no portão principal. Continuei admirando as curvas da bela morena. Sem saber que estava sendo monitorizada, ela se agachou no chão.

— Caralho! — Senti uma desconfortável pressão em minha calça e sabia que meu pau estava pronto para fodê-la de uma forma dura e insana. Puta merda, ela é proibida para mim, é a afilhada da Lu, e já tenho problemas demais na minha vida. Respirei profundamente duas vezes ao admirar com desejo a inocente afilhada da Lu.

Para foder minha vida por completo, encontrei-a dentro do meu quarto, de costas, arrumando as cortinas. A vontade de possuí-la e a fazer minha de uma vez por todas percorreu todo o meu corpo. Assim que ela me olhou, algo se rasgou dentro de mim, e minha mente gritou: *estou fodido!*

Não adiantou de nada tentar ficar no escritório por mais tempo. Precisava vê-la. Tinha a necessidade de ficar por perto, mesmo que a observando de longe. Maldição, isso nunca aconteceu comigo antes. Sempre me mantive no controle dos meus sentimentos. Isso não aconteceu nem no meu passado, muito menos nesse tempo que passei com a Mari. Não consegui sentir nada igual.

Na sexta-feira, passei um inferno com os caras do escritório comendo-a

com os olhos e comentando sobre seu corpo. Vê-la tomando banho de sol com a cabeça inclinada, seios redondos perfeitos para serem sugados, e que pernas? Porra! Meu pau na mesma hora bateu continência. Tive que esperar até ficar descente para chamá-la, como se eu fosse a porra de um adolescente que corre para se masturbar sempre que a vê.

Quando me desafiou, fiquei louco. Tive vontade de rasgar seu maldito uniforme em pedaços para beijar cada parte do seu corpo. Ela é atrevida, desafiadora, e não posso esquecer que, entre as qualidades, está que é a afilhada da Lu. Porra!

Estou tão louco por essa mulher que me vi saindo de casa e a escoltando até seu apartamento. Depois ela apareceu sozinha na varanda e contemplou a lua enquanto eu estava admirando-a. Esforcei-me para não descer da moto e fazer uma visita à mais nova contratada da casa.

Até meu irmão não consegue se segurar perto dela. O desgraçado iria beijá-la. Chegar em casa e assistir a sua dança sexy e erótica me deixou a ponto de arrastá-la até meu quarto para ela dançar só para mim. Droga, Caio Telles, pense! Fique longe!

Melhor passar um tempo em meu apartamento. Preciso pensar e ficar longe dessa maldita atrevida que está consumindo minha sanidade.

Já perdi as contas de quantas vezes a imaginei sobre minha cama, em todas as posições possíveis, com meu pau entrando e saindo de dentro dela. Inferno! Vou ter que tomar um banho frio agora. Você está fodido, Caio Telles!

Estou seguindo para o banheiro quando Alex invade meu quarto.

— Não aprendeu a bater antes de entrar?

— Aprendi, mas estou ansioso para saber o que está acontecendo entre você e Rebs.

— Que eu saiba, nada!

— Meu irmão, o prêmio de bastardo do ano é seu, mas de mentiroso, deixa a vaga para outro.

— Não faço ideia do que está dizendo, Alex.

— Eu vi quando você estava chegando e dei a entender que iria beijá-la. Você simplesmente atrapalhou.

— Ela é afilhada da Lu.

— Conta outra, Caio.

— Você não tem mais nada de interessante para fazer?

- Posso procurar Rebs pela casa e beijá-la.
- Não me faça quebrar sua cara.
- Obrigado por tirar minha dúvida.
- Que dúvida?
- Só peço que, se deseja mesmo ter algo com ela, livre-se da Mari antes e haja rápido, porque tem gente na fila.
- O quê? Volta aqui, Alex!
- Deixe de ser um bastardo e se entregue de uma vez ao sentimento.
- Falou o homem do coração aberto.
- Aproveite que o seu é e faça valer a pena.
- Porra! — Odeio quando meu irmão tem razão.



Faz dois dias que não vejo o Caio na casa. Desde que ele atrapalhou minha dança com os irmãos, sumiu e não deu mais sinal de vida. Às vezes acho que ele não mora ali.

Estou estacionando meu carro quando vejo que, na garagem principal, o carro preto está lá parado. Não faço ideia sequer se é realmente o carro dele, mas, por ser preto, entrega um pouco. Sigo direto para a copa, pedindo por uma luz. Implorando para que ele suma da minha mente.

— Bom dia, madrinha! — digo, dando-lhe um beijo.

— Bom dia, Rebs, leve rapidamente essa bandeja para o escritório, que Caio está atrasado. Todos já saíram, mas, como ele chegou tarde ontem, se atrasou. E já aviso que está com um enorme mau humor. Depois você se troca.

— Sim, madrinha, irei agora mesmo. — Droga, ver logo quem não quero!

Antes de entrar na biblioteca, aliso meu vestido com uma mão para abaixar as pontas que se levantaram com o vento da entrada do corredor, bato à porta duas vezes, e ele responde:

— Entre.

— Com licença, senhor, seu café da manhã. Onde quer que o coloque?
— Não olho para ele, mas noto que ele me despe com os olhos. É um cretino!

— Aqui na mesa mesmo, Rebeca.

Coloco a bandeja de frente para ele e cometo o erro de olhar em seus olhos. Droga!

Viro-me para sair, mas a porta é trancada automaticamente. Como pode ser isso? Fico parada no lugar, de costas para ele. Ouço quando ele sai da cadeira e se dirige direto para mim. Tem um cheiro maravilhoso e me passa um calor, como se fosse pleno meio-dia.

— Não entendeu o que lhe disse dias atrás? — pergunta rodeando-me como se eu fosse uma presa pronta para alimentar a fome que ele me passa com os olhos. — Responda!

— Entendi.

— Então?

— Preciso do emprego — respondo.

— Vou te machucar — afirma nova e friamente. — E com essa sua roupa de hoje, é bem pior que o maldito uniforme que usa.

Eu não estou acreditando que ele está criticando minha roupa e o uniforme escolhido pela mãe dele? É um bastardo, literalmente!

Prendo minha respiração quando sinto a sua mão se mover por meu cabelo, ir até meu ombro e descer até minha cintura.

Vou desmaiar, o seu toque é fogo em gelo, fico toda arrepiada, e o triste é que ele nota isso. Puxa-me pela cintura para perto dele. Sinto sua ereção contra a base das minhas costas. Derreto-me completamente, nunca senti algo assim antes, ele me dominou mais uma vez com apenas um toque. Eu preciso fazer algo.

— Me solte — peço.

— Quer que te solte? — sussurra em meu ouvido com a respiração presa e se esfrega em mim descaradamente. — Quer?

Eu já estou alucinada com as mãos dele me puxando como se ele quisesse que eu entrasse através do seu corpo.

— Quero.

— E se eu não quiser te soltar? Posso saber, puramente pela reação do seu corpo, que você está gostando de me sentir duro aqui por você?

— Não. Quero que me solte!

— Vou soltar, mas antes vou te beijar. Você vai pensar em tudo que

vou fazer com você, já que resolveu voltar. Eu vou te machucar, e você será a única culpada!

E assim faz. Ao me virar, pega em meu queixo, roça seus lábios nos meus, querendo que eu os abra para ele e, quando faço, toma-me em um beijo cheio de luxúria.

De uma coisa agora tenho certeza: Caio Telles é um bastardo que sabe beijar. O beijo é completamente necessitado, sua língua chupa a minha com prazer, suas mãos me prendem pela cintura como se eu fosse uma posse dele. Entrelaço meus braços em seu pescoço, puxando-o mais para mim.

Aliso seus cabelos e os puxo levemente. Ele geme em minha boca, adorando minha carícia. Sua língua faz sua dança erótica com a minha. Sinto uma parede contra minhas costas, e sua mão eleva minha perna direita à altura do seu quadril. Caio se encaixa, esfrega-se sem nenhum pudor. Está duro, e eu estou ficando louca, isso é completamente errado, mas meu corpo está completamente dominado por ele.

Depois de minutos me beijando, ele solta minha perna levemente e me dá beijos castos na boca, como se não quisesse me soltar. Ao abrir os olhos, noto que suas íris verdes estão mais escuras.

— Que horas você sai hoje?

— Eu não sei — respondo, recebendo beijos que ele me dá no pescoço.

— Irei te esperar em meu quarto às 21h em ponto. Se você não aparecer, irei te caçar por toda a casa e vou te arrastar até lá. Entendeu?

Fico de boca aberta com isso, mas tenho tempo de me recompor enquanto saio dos seus braços.

— Senhor Caio?

Ele me dá um sorriso torto. Deus, como é lindo.

— Sim.

— Eu não posso. Não sou assim, não serei seu brinquedo ou seu objeto, não estou aqui para realizar esse seu tipo de desejo!

Ele caminha de volta para sua mesa, senta-se na cadeira e me analisa por um tempo até soltar outro maldito sorriso que vai me fazer sonhar o dia inteiro e me diz descaradamente:

— Veremos, Rebeca!



Coloco meu uniforme rapidamente, prendo meu cabelo em rabo de cavalo e vou começar a arrumação da casa. Quando vou para o jardim, ouço o zumbindo da moto, ou melhor, da máquina do Caio.

Passo o dedo nos meus lábios, e estão inchados com a exploração do beijo. Que homem mais louco! Deve ser acostumado a ter tudo que quer, mas comigo será diferente. Não vou facilitar as coisas para ele, até porque o bastardo é meu chefe, e principalmente por eu estar aqui pelo dinheiro para concluir meus estudos. Mesmo com meu irmão ajudando a mim e aos nossos pais, eu também tenho que contribuir. Meu irmão... Nossa, me deu uma saudade dele, da nossa infância maravilhosa. Hoje eu ligarei para ele.

— Que carinha de amor é essa, Rebs? — pergunta-me Nina.

— Ah... Oi! — Sorrio timidamente por ter sido flagrada recordando minha infância.

— Lembrando-se de algum namorado?

— Não tenho namorado.

— Essa carinha é...?

Devo responder a verdade.

— Nada demais, Nina, deseja algo?

— Acabei de chegar e já estou de saída, só vim pegar umas coisas que irei precisar hoje, já que não volto por dois dias!

— Ah, entendi.

— Quando voltar, conto tudo o que aconteceu — diz-me alegremente.

— Irei te esperar então!

— Rebs, eu espero que não tenha problemas com o Caio, ele é um pé no saco quando quer e um bastardo descarado com personalidade. Não é sempre que ele está na casa, para seu alívio, sei o quanto é difícil conviver com o gênio dele. Estou gostando muito de ter você aqui em nossa casa, é chato ser a única garota, às vezes. — Pisca para mim e sai sorridente como sempre.



Já são 17h, eu fiz toda a minha parte na casa. Os Senhores Telles irão jantar com amigos e, pelo horário em que Caio chegará, talvez faça um

lanche se tiver vontade, segundo minha madrinha. Não vejo Alex desde que dançamos. Vou ao complexo tomar banho para ir para casa. Caio poderá me esperar em seu quarto até às 21h do outro dia se quiser, não serei brinquedo dele, nem de nenhum outro bastardo da sua categoria.

Vou falar com a minha madrinha sobre o dia de amanhã. Irei chegar depois do horário do almoço, mas não terei nenhum problema, já que a equipe de limpeza pesada estará na casa amanhã. Hoje, por sorte, não terei que ver a cara do Caio todo o dia e, quando ele estiver em casa à noite, eu já estarei segura em minha casa!

Chego ao meu prédio por volta das 20h e tenho a maior surpresa da minha vida: meu irmão está me esperando lá fora e me dá um sorriso lindo.

Temos algumas características semelhantes, como a pele morena e os olhos cor de mel. Saio do carro e pulo em seus braços. Davi pode ser chato e ter a cabeça dura como uma porta nas maiorias das vezes, mas é meu irmão mais velho, e eu o amo.

— Olá, pequena! — diz me girando em seus braços.

— Olá, grandão!

Ele sorri alegremente.

— Vamos entrar, estou louco por um banho. Te liguei várias vezes, e você nada, então liguei para Lu e ela me disse que você já havia ido embora e que chegaria em cerca de uma hora e 30 minutos, dependendo do trânsito — conversamos enquanto subimos e eu abro a porta para ele.

— Está com fome?

— Sim, mas vamos sair para comer fora. Você trabalhou todo o dia, a não ser que tenha algo da faculdade para fazer?

— Não. Está tudo em dia!

— Essa é a minha pequena — responde-me entrando no banheiro.



Chegamos à pizzeria a dois quarteirões do meu prédio às 22h. A noite está agradável. Davi usa uma calça jeans azul-claro com sapatênis e uma blusa de mangas de cor preta. Eu optei por uma saia jeans, sapatilhas verdes e uma regata florida.

Realmente chamamos atenção na pizzeria. Davi e eu, mesmo com

quatro anos de diferença, parecemos mais um casal de namorados a irmãos, e a dúvida só é desfeita quando as pessoas prestam bastante atenção em nossos olhos, que são idênticos.

Conversamos sobre os meses que ele passará comigo por causa do seu trabalho. Acho ótimo, já que a Lisa está em sua cidade natal cuidando da sua mãe, que está doente, deixando-me um pouco sozinha nesta capital louca.

No caminho para meu apartamento, tenho a impressão de que estou sendo observada, sinto o formigamento no meu pescoço. Olho para trás, mas não vejo nada estranho.

— O que te perturba, pequena? — meu irmão pergunta olhando para onde eu olho.

— Nada, só estou com um sentimento estranho. Só isso.

— Sentimento de quê?

— Besteira minha, grandão, vamos para casa, que amanhã acordo cedo.

Abraçando-o, noto que ele ficou tenso com meu comentário. Posso apostar que ele também tem a sensação de que alguém nos olha, porque começa a me fazer mil perguntas sobre a segurança do bairro.



Na manhã seguinte, acordo mais cedo que meu irmão. Faço o nosso café e deixo um recado para ele dizendo que há uma panificadora muito boa na esquina do prédio, caso queira algo que não tenha na geladeira ou nos armários.

Olho para todos os lados antes de sair de casa e corro para meu carro, mas não há nenhuma sensação como a que senti ontem à noite. O que terá sido aquilo?

Chego à faculdade, assisto às minhas últimas duas aulas do curso e vou para a diretoria resolver minha situação de despesa. Converso com o diretor, e fica tudo resolvido. Terei que me organizar para poder retornar no próximo ano.

Já está na hora de ir para a casa dos Telles. Entro em meu carro, mas antes resolvo ligar para meu irmão, que não vejo desde ontem à noite.

— Oi!

— Ei, pequena, já estou na empresa e saindo para meu almoço, quer comer comigo?

— Não, grandão, irei comer na casa dos Telles, obrigada!

— À noite, que tal comida chinesa?

— Acho ótimo!

— Até a noite, então. Te amo — diz carinhosamente

— Te amo, grandão!

É sempre bom me sentir segura por saber que não estou só, e esse sentimento só se confirma com a presença do meu irmão por uns tempos aqui, já que minha melhor amiga, Lisa, está isolada, tão isolada que não podemos falar por telefone, já que lá não pega sinal. É o fim do mundo definitivamente. Porém, com Davi aqui, sinto a leveza de estar em paz e segura, e isso é muito bom. A sexta-feira está chegando, e iremos sair à noite para nos divertir.

Meus pensamentos estão tão bons nesse momento que mal percebo que já estou na casa dos Telles. Entro como em todos os dias e sigo direto para a cozinha, encontrando Alex comendo uma torta.

— Ei, você! Pensei que tivesse desistido de nós.

— Ainda não!

— Que maravilha, já comeu? — pergunta-me. Uma pergunta como qualquer uma, mas feita pelo Alex é mais do que isso, é um pedido de companhia.

— Na verdade, não. Vim direto da faculdade.

Alex faz uma careta e me aponta a geladeira.

— Tire algo, aqueça e se alimente, boneca! Não quero que você caia de fome. — Sorri, e coro com o elogio "boneca".

— Hum, você cora? Fascinante!

— Sabe onde está minha madrinha?

— Saiu com minha mãe, foram fazer compras. No sábado, meus pais completam 30 anos de casados e haverá uma festa. Acredito que estejam à noite em casa. A equipe da limpeza irá embora em breve. Tem uma nota ali no *freezer* para você.

— Eu nunca vi mais ninguém na casa, fora minha madrinha.

— Lu não deixa ninguém tocar no fogão dela, mas quando sai, deixa a substituta no lugar, que faz o que tem que fazer e vai embora.

— Melhor ficar longe do fogão?

— Acredito que seja a melhor ideia. Já fui ameaçado, e ela quase me bateu com uma frigideira.

— Vou ficar, definitivamente, longe deste fogão.

Alex sorri.

— Veja a nota e coma algo. Essa torta está divina.

— Obrigada. — Levanto-me do banquinho e vejo que é uma nota da minha madrinha, pedindo-me para limpar a prataria.

— Alex, onde ficam as pratarias?

— O tesouro dos Telles?

— Nossa, é um tesouro?

Ele assente, levantando uma sobrancelha.

— Por aqui, Rebs, vem comigo.

Alex me leva por uma escadaria que dá no fim do corredor da cozinha. Se ele não estivesse me guiando, juro que ficaria perdida. Paramos em uma das portas do imenso corredor.

— Tenho que ir agora. Acredito que saiba voltar, essa ala da casa é um pouco distante, é aqui que mamãe guarda tudo. Em algum lugar entre essas portas estão nossas coisas de infância.

Deve ter tido uma infância maravilhosa mesmo, rico e sem problemas com nada, diferente de mim.

Ele se despede e se vai.

Realmente, a prataria é de uma diversidade magnífica. Começo a separar tudo que minha madrinha me pediu. Coloco meu celular para tocar e começo a fazer a limpeza ao som de *James Blunt – You're beautiful*. Ao fundo, mesmo com minha música, consigo escutar uns sons abafados, como se alguém estivesse sentindo dor ou algo parecido. Começo a caminhar seguindo os sons de dor. O que poderia ser?

Virando mais duas portas à esquerda, dá para ver um espaço enorme, como se fosse um salão. De onde estou, posso ver a ala em que fica a academia e então descubro que os sons vêm de lá.

Passando por um jardim que eu nunca vi e uma piscina aquecida, vejo pelo reflexo do espelho que é Caio treinando. Como é lindo... Seu corpo é perfeito, ele está usando apenas um short preto, seus cabelos estão molhados de suor e, a cada soco dirigido ao saco de areia, ele solta um gemido angustiado de dor.

Felizmente, ele não me vê cobiçá-lo, mas sou tirada da sua linda visão quando noto que alguém entra na academia e se dirige até ele. Raiva me domina completamente. E de onde vem esse sentimento?

É uma moça muito bonita, alta e loira. Não posso ver muito, mas seu corpo parece ser perfeito. A loira aproxima-se, colocando os braços em volta

do pescoço dele. São íntimos, isso dá para notar. Alisa a face do Caio e o beija na boca.

Que ódio! Quem é ela? Namorada? Só pode ser namorada dele, quem se atreveria a beijá-lo assim? O cretino me beijou ontem como nunca fui beijada em toda minha vida e tem uma namorada? Não vou ficar aqui para assistir ao que vai acontecer, vou cuidar da minha vida. Sinto meu peito queimar de tanta raiva!

Termino com a prataria por milagre, já que a raiva me consome, então consigo voltar para a cozinha sem me perder. Estou tão enraivecida que não ouço a voz do rapaz me chamando, até que ele toca meu braço, e eu grito assustada.

— Oi, desculpa por tê-la assustado, princesa — diz-me o rapaz morrendo de vergonha, mas não mais do que eu. Reconheço-o imediatamente. É Miguel. — Você precisa assinar aqui para mim. — Olha-me um pouco mais intensamente, e posso ver que é muito bonito. Espero que esse machucado em seu queixo não esteja doendo muito.

— Não foi nada, Miguel. Estava só perdida em pensamentos. Assino aqui?

— Isso mesmo.

No entanto, antes que eu possa lhe fazer qualquer outra pergunta, Caio, com cara de poucos amigos, está atrás de Miguel. Ainda com o mesmo short de treino e com a mesma cara de raiva. Qual é o problema desse cara?

— Senhor Caio, deseja algo? — pergunto formalmente.

— Não, Rebeca. — Olha para mim como se o Miguel não estivesse na copa. — Qual o motivo do grito?

Então foi isso? Ele veio porque ouviu o meu grito. Fico vermelha de vergonha, e Miguel não se importa muito.

— Ah, não! Me desculpe, é que Miguel me assustou. Estava pensativa.

Ele fica me encarando com os olhos frios até que se dá conta de que Miguel ainda está aqui.

— O que quer aqui, Miguel? — indaga rispidamente.

— A nota precisa ser assinada, Caio. O trabalho já foi concluído, e estamos levando toda a tapeçaria, assim como a Lu me pediu.

— Me dê a nota, Rebeca.

Entrego-lhe ela e o vejo assinar com precisão, depois ele a entrega a Miguel e o encaminha até a porta. Antes de sair da cozinha, Miguel me dá um

sorriso. Caio nota e faz cara de paisagem. Bastardo de uma figa!



Está muito quente essa tarde, a casa está calma, e eu não vi mais Caio. Só poderei ir embora quando minha madrinha chegar, então resolvo ir até a lavanderia me refrescar um pouco e, como estou só, abro uns botões do meu uniforme e começo a passar água pelo meu pescoço, rosto e seios. Fecho meus olhos, adorando a sensação refrescante de alívio.

Quando abro meus olhos novamente para fechar a torneira, sinto o que sempre sinto quando ele está perto. Seu cheiro toma conta da lavanderia, e suas mãos agarram minha cintura com gosto. Sinto seu corpo duro junto ao meu. Como pode ficar assim perto de mim?

Cheira meus cabelos, suas mãos percorrem minha cintura até um pouco abaixo dos meus seios, que certamente ele está vendo, já que o vestido está aberto.

Não consigo perguntar nada, já estou enlouquecendo com seu toque em meu corpo. Então ele me vira e eu o encaro, e mais uma vez seus olhos verdes me dominam. Sua respiração está ofegante. Ele me puxa mais para perto, e minhas mãos vão automaticamente para seu peitoral, que é duro feito rocha.

— O que estava fazendo, Rebeca? — pergunta com sua voz rouca e profunda.

— Estava me refrescando.

— Você me deixou com calor, menina. É muito perigoso se refrescar assim aqui.

— Me desculpe, senhor.

— Me chame de Caio e não se desculpe, Rebeca. Não por hoje, mas sim por ontem. Te esperei, e nada de você, e quando fui te procurar, estava andando com um homem.

Então era ele! Eu sabia que estava sendo observada. Ele me seguiu.

Caio se esfrega em mim descaradamente, passa os lábios nos meus, mas não me beija. Abraça-me com força, com os olhos cheios de raiva, excitação e algo mais que eu não sei dizer o que é. Quando resolve me beijar, o seu celular toca, então ele olha para mim e faz sinal para que espere. É um

metido mesmo. Começo a arrumar meu vestido. O bastardo olha para mim e ri. Posso ouvir parte da sua conversa. É a moça da academia de mais cedo.

— Não faz duas horas que estive com você, estou saindo, Mari. Em 30 minutos estarei aí — é ríspido e grosso como sempre.

O nome dela é Mari. É então que noto que ele usa uma calça jeans azul-escura com uma blusa de gola em v na cor chumbo. Arrumou-se para sair com ela e queria uma rapidinha comigo? Não mesmo, Senhor Caio!

Ele desliga o celular, e rapidamente mantenho meu papel de empregada.

— O senhor quer que prepare algo antes que saia?

— Não, Rebeca. Irei jantar fora hoje. — Nota que eu estou sem jeito com a situação. Assinto e me dirijo para fora da lavanderia, mas quando estou passando, ele puxa meu braço, impedindo-me de sair. — Quem é ele, Rebeca?

Eu não posso acreditar no que estou ouvindo. Quem ele pensa que é? Vou pagar na mesma moeda.

— Quem é ela, Caio? — chamo-o pelo nome, assim como ele fez. Algo passa em seus olhos e, como antes, não posso interpretar.

— Você não sabe?

— Não.

— Já a encontrou na casa?

— Não.

— Ficou monossilábica?

— Eu não preciso saber de nada sobre sua vida, assim como você não tem o direito de saber da minha.

— Quem decide o que quero não é você.

— Faça como quiser.

— Você perguntou quem é ela. Não quer mesmo saber?

— Não. Na verdade, não me importo. — Consigo me livrar do seu aperto em meu braço e vou embora sem olhar para trás, deixando-o com a minha mesma dúvida.

Resolvo ir direto para o complexo dos empregados. Não vou esperar pela minha madrinha. Estou uma bagunça e não quero que minha madrinha me veja assim, ainda mais com o Davi aqui. Vou me organizar para ir embora. Por hoje, me basta!

Quando chego em casa, Davi ainda não chegou do trabalho, então

resolvo ligar para saber se demorará muito e, como sempre, no segundo toque ele atende.

— Oi, pequena, já chegou?

— Já sim, grandão, vou tomar um banho agora para te esperar!

— Certo, acredito que não demorarei mais do que uma hora por aqui.

— Estarei prontinha!

Entro no banho e me refresco com a água gelada, mas logo começo a ficar quente com a lembrança das mãos do Caio. Como ele faz minha respiração falhar só olhando para mim? Seu cheiro me domina e sua voz me seduz de tal forma que só quero beijar sua linda boca.

Que isso, garota? Ele tem aquela loira lá, namorada, noiva, sei lá o quê. É com ela que deve estar agora. Que ódio!

Termino meu banho e me visto, não seco os cabelos – deixo para que o vento faça esse trabalho – e coloco um vestidinho preto. Toda vez que o uso, as palavras da minha amiga, Lisa, gritam na minha mente: *Rebs, esse vestido te deixa quente!*

Sorrio procurando minhas sandálias rasteiras. Não vou fazer “make”. Estou terminando de colocar perfume quando a campainha toca. Não pode ser Davi, ele tem a chave, e por quê quem quer que esteja do outro lado da porta não usou o interfone antes de subir? Droga!

— Estou indo! — grito com raiva.



Quando abro a porta, perco o ar e as forças das minhas pernas. Caio Telles está parado à minha porta com um sorriso que poderia desarmar um batalhão de mulheres em guerra em uma liquidação de bolsas.

Está simplesmente lindo, encostado à lateral da porta com as mãos nos bolsos da calça. O homem poderia e deveria ser um modelo. É lindo, com todo o significado da palavra.

Fico congelada com a imagem dele à minha frente. Como pode o bastardo mais lindo que já vi em toda a minha vida estar aqui? Parado na porta da minha casa?

Notando meu conflito interno, ele dá um passo à frente e sorri para mim. Às vezes sinto meu coração parar quando ele age como uma pessoa

normal.

— Boa noite, Rebeca. Não vai me convidar para entrar? — questiona-me com sua voz baixa e sexy. Esse homem literalmente tem problemas de personalidade.

— Claro, entre. — O que ele está fazendo aqui? O que ele quer? Oh, meu Deus! Davi logo vai chegar. Fecho a porta. Ele passa por mim; suas costas largas são um sonho! — Deseja beber alguma coisa?

— Ah, Rebeca. Você não pode imaginar tudo o que eu desejo.

Fico com a boca seca.

Quando ele se vira para olhar para mim, tudo começa a se fechar ao meu redor. É sempre assim quando ele está por perto, ele me domina sem ao menos me tocar.

— O que faz aqui?

— Não é óbvio, Rebeca? — indaga aproximando-se. Chega tão perto que posso sentir sua respiração. Pega meu rosto entre as mãos, passa o dedo sobre meus lábios e me puxa para perto. Seu perfume me enlouquece. Coloca a mão direita no meu pescoço e sobe para meus cabelos, apertando-os em seu punho. Coloca os lábios nos meus. O beijo começa lento, e depois ele intensifica. Sinto todo o seu corpo colado ao meu e seu desejo por mim em cada toque que me dá, com a dança erótica da sua língua em minha boca.

Passamos minutos nos beijando. Ele faz sexo com a minha boca e, quanto mais me entrego, mais ele me aperta como se não quisesse que eu saísse dos seus braços. Eu não estou mais conseguindo respirar e, sem perceber por estar atordoada com o beijo, noto, então, que Caio se sentou em meu sofá e me colocou em seu colo. Como ele fez isso? Caio aproveita que meu vestido não tem alças e solta minha boca para morder e dar beijinhos entre meu ombro e meu pescoço. Vou morrer agora!

— Adoro seu cheiro, Rebeca. Desde que saí de casa que não tiro você da minha cabeça. Quero você e quero muito mesmo...

Como eu posso dormir depois disso? Que homem é esse? Eu tenho que fazer alguma coisa. Tenho que parar de me esfregar em seu colo. Todavia, ele mesmo se detém para pegar o celular, que vibra em seu bolso. Vejo quando ele o tira e olha para a tela, e no visor aparece o nome dela, Mari. Saio do seu colo, arrumando meu vestido e o vejo recusar a chamada.

— Não me olhe assim, Rebeca — exige com um olhar sério.

— Já pode ir embora. Estou esperando alguém que irá chegar logo e

não vai gostar de me encontrar sozinha com o senhor aqui.

O cretino sorri.

— Seu irmão? Eu sei que ele é seu irmão desde hoje à tarde.

Eu não acredito nisso, esse homem é louco!

— Sim, Davi é meu irmão. Agora já pode ir!

— Ela não significa nada para mim, se essa é a resposta que queria antes, mais cedo. Combinamos de sair para jantar, e assim fiz. Sou um homem de palavra, Rebeca.

Lembro-me das suas ameaças e de como sempre fico sem entender o significado das suas palavras.

— O senhor não deveria ter vindo aqui. Eu não vou entrar no seu jogo de satisfazer o patrão porque ele não está bem com sua namorada.

— Ela não é minha namorada.

— Não quero saber o que ela é ou deixa de ser! — respondo petulante.

— Tem certeza? Você realmente não se importa? Eu não acredito!

— Por favor, vá para onde tiver vontade, quero que vá embora da minha casa agora — digo tentando parecer firme, mas parece que fraquejei, pois o bastardo abre um sorriso de rasgar roupas só de olhar.

— Estou indo, Rebeca, mas saiba que isso não vai acabar assim. Eu lhe disse que iria te machucar se você voltasse para minha casa. Você voltou.

— Por que faz isso comigo? Para que me dizer essas coisas? — pergunto com um nó na garganta. Ele se aproxima de mim, mas mantém a distância e me olha friamente com seus olhos verdes dominadores.

— Pela sala de segurança eu a vi olhando as obras de arte na biblioteca no dia em que cheguei de viagem.

Olho-o estarecida, lembrando-me do beijo que ele me deu na biblioteca.

— Não se preocupe com isso, Bruno trabalha para mim, e essas imagens nunca existiram no sistema da casa — responde como se eu lhe tivesse perguntando em voz alta.

— No momento em que coloquei meus olhos em você, senti que não poderia me aproximar ou te ter próxima a mim, então fui para meu quarto e vi que você havia aberto as cortinas. Entrei no banheiro fumaçando de raiva e, quando estava tirando a roupa, lá estava você novamente — conta-me tudo como se estivesse repassando um sonho. — Mas sei que, mesmo contra minha vontade, vou te machucar muito. Eu avisei no mesmo dia, queria que

tivesse ido embora, mas certamente eu viria atrás de você de um jeito ou de outro.

— O que você quer de mim?

— Queria que tivesse feito a pergunta certa — ele responde, e não entendo o que quer dizer.

— Você ainda quer me machucar?

— Essa não é exatamente a pergunta que quero, mas não se preocupe com isso. Nada do que pensei em fazer ou o que aconteceu aqui irá se repetir novamente. Estou tentando fazer essa promessa para mim mesmo. Estar comigo não é seguro.

Fico confusa ao ouvir isso. Ele não me quer mais? Está dizendo que vai me deixar em paz? Realmente esse homem é louco e está me deixando louca também. Não consigo falar nada.

— Pode continuar a trabalhar na casa sem medo de mim ou do que eu vá fazer com você; por mais que eu queira fazer muitas coisas com você, é melhor assim. — Com essas palavras, ele se vai e fecha a porta atrás de si.

Eu não tenho mais clima para nada. Tiro minha roupa e coloco um pijama confortável. Davi está muito atrasado, e a visita do meu patrão me deixou muito confusa. Vejo quando o meu irmão chega, e já é muito tarde. Devia estar na farra. Ele entra em meu quarto e me dá um beijinho na testa, desejando-me bons sonhos.



Acordo mais cedo que o normal, contando os dias para a volta da Lisa. Hoje é sexta-feira, e amanhã será a festa dos Telles. Não estou com clima para nada! Arrumo-me e deixo uma nota para meu irmão, avisando que já fui trabalhar.

Quando chego ao trabalho, vou direto colocar meu uniforme. Minha madrinha não está, saiu com a Senhora Telles para encomendar mais coisas para amanhã.

Com um copão de café nas mãos, vou para o jardim perto da piscina aquecida que encontrei antes, sento-me em um banquinho e fico olhando para a academia onde Caio treinou ontem, mas está tudo apagado, assim como a minha vida!

Termino de beber e vou verificar se alguém precisa de algo a mais na mesa do café da manhã. Para minha surpresa, Caio já está sentando com seu terno preto feito sob medida, uma blusa rosa bebê e uma gravata rosa mais escuro. Só ele teria coragem para usar esses tons e ainda parecer arrogante em meio a cores delicadas. Mas a cor preta sempre está lá.

Nossos olhos se encontram, e vejo o vazio dentro da imensidão daquele verde hipnotizador. Ele não sorri ou faz qualquer outro gesto que lembre o

homem que me procurou ontem.

— Bom dia, Rebeca.

— Bom dia, senhor. Deseja algo de diferente?

— Não. — Está frio comigo, mas nesse momento sinto um frio muito pior em minha espinha. Algo vai muito mal.

— Bom dia! — cumprimenta uma voz feminina atrás de mim. É Mari, nem preciso olhar para saber.

— Bom dia, Mari — ele lhe responde. Ela dormiu aqui, com ele. Sinto uma dor no peito, uma falta de ar. De onde vem isso?

Caio olha para mim fixamente, mas não deixa transparecer nada, a não ser que está cumprindo a promessa que me fez.

Mari vai na direção dele e lhe dá um beijo nos lábios. Lábios que ontem à noite estavam me beijando. Então ele está cumprindo o que me disse, ótimo! Depois ela olha para mim com ar de autoridade, vestindo um vestidinho azul curto. Não posso negar que ela é muito bonita, eles certamente combinam. Retiro-me para deixá-los mais à vontade.

Quando retorno à sala, o Senhor Telles e Alex já estão à mesa também. O “casal 20” está conversando. O pior é ver Caio agir como se nunca tivesse me tocado na vida, olhando-me como olha para qualquer outro empregado da casa.

— Rebs, gostaria de falar com você sobre algo, pode me esperar na copa que logo irei — diz-me Alex com o sorriso feliz de sempre.

— Claro. — Peço licença e saio, mas antes ouço Caio falar algo com o irmão e se retirar da mesa com passos de arrancar o piso da casa, deixando a namorada sozinha.

Vou para a cozinha e vejo uma nota da minha madrinha, avisando-me que Miguel vem deixar os tapetes na parte da manhã e que ela e a senhora só retornarão no fim do dia. Estarei só na casa até lá, então.

— Rebs?

Viro-me para Alex.

— Oi!

— Ontem Miguel me ligou me pedindo seu número, e eu não dei. Quero saber de você se tenho essa permissão? — Fico de boca aberta olhando para ele, que continua: — Você é uma moça muito linda, e não é de estranhar que Miguel tenha ficado interessado em você. O que você me diz, Rebs?

— Eu realmente não sei, eu só o vi duas vezes.

— Miguel é um cara muito legal, nós o conhecemos desde moleques, e nossas famílias são conhecidas. Sinceramente, Rebs, eu não vejo nenhum mal em vocês se conhecerem melhor.

Quando eu vou dar minha resposta definitiva, Caio entra na copa com a namorada ao lado, mas sem tocá-la e, aparentemente, ele não está com cara de satisfeito por tê-la ali.

— E então, Rebs? Posso dar ou não seu número para Miguel?

— Pode sim, Alex — digo isso não por vingança, mas porque quero ter alguém em minha vida, e Miguel parece ser legal. Olho para o casal à minha frente com cara de paisagem. — Desejam algo? — pergunto docemente.

— Bom, eu vou indo. Bom trabalho, Rebs, e qualquer problema com o nosso amigo, é só me dizer que arranco a cabeça dele do pescoço.

Não tem como evitar sorrir do que Alex acaba de dizer.

— Estou indo deixar Mari em casa. Na volta, quero tudo em meu quarto trocado e arrumado. Hoje não irei mais ao escritório e quero descansar bastante, portanto, organize tudo, Rebeca — Caio me diz friamente e com um tom enojado. Está colocando-me no meu lugar na frente da namoradinha dele. Eu não posso acreditar em uma humilhação pior!

— Se não vai mais para o escritório, posso ficar aqui — fala Mari.

— Não.

— Caio? Podemos conversar mais um pouco.

— Já está resolvido, Mari. Estou indo deixá-la em casa.

Juro que não entendo como pode ser tão frio com a namorada, ou o que quer que ela seja dele, mas a forma como a trata é muito fria.



Vou fazer o que me mandaram. Bastardo arrogante! Direciono-me para arrumar primeiro o quarto dele. Quando o abro, não está nada fora do lugar, a cama está até feita. Como sempre, o obcecado por controle fez a própria cama. Entro no *closet* para buscar lençóis e tudo mais para a cama dele, também separo toalhas e o roupão. Irei começar com o banheiro.

Coloco meu celular para tocar *Bruno Mars – When I was you man*. Começo a limpeza no banheiro, que poderia, muito bem, ser a sala e a cozinha do meu apartamento. Eu adoro música, é algo que me faz esquecer

tudo e todos. Estou concentrada na letra da música quando o som do meu celular é abaixado e, quando me viro, Caio está lá encostado à porta do banheiro, como um modelo de revista.

— Você parece ter problemas em me obedecer, não é, Rebeca?

— Não, senhor. Apenas comecei por seu banheiro.

Olha-me de forma indecifrável e entra no cômodo.

— Vou tomar um banho agora.

— Eu vou me retirar e depois volto para terminar de limpar.

— Não! Você vai ficar bem aí.

Engulo em seco com essa ordem.

— Eu não posso! Isso é errado.

— E quem liga para o que é errado?

— Eu... eu... quero sair. — Recuo com a proximidade dele até que minhas costas batem contra a parede, e ele sorri.

— Não. Você não quer e não vai sair — afirma sorrindo. — Você vai tomar banho comigo, e eu não vou implorar por isso — afirma mais uma vez, com os olhos demonstrando dominação, o que só me faz tremer de desejo e medo. Liga a água para encher a banheira.

Tudo acontece tão rápido que não tenho tempo de assimilar quando ele se joga para cima de mim, colando-me na parede e me dando um beijo de arrepiar toda a pele. Meu uniforme é rasgado do meu corpo, fazendo os botões dançarem pelo chão do banheiro. Nunca estive de roupas íntimas na frente de um homem antes, mas não fico nem um pouco envergonhada em estar assim na frente dele.

— Eu passei a noite duro, pensando em você com aquele maldito vestido de ontem. Não sabe o quanto me segurei para não o arrancar do seu corpo.

— Pare, Caio.

— Eu não vou parar. Você é linda, Rebeca, e vai ser minha, só minha — diz tirando suas roupas e ficando apenas em sua boxer preta. O homem é um pecado.

Passei algumas noites imaginando como ele seria sem suas roupas. Caio, mesmo vestido, consegue arrancar pensamentos pecaminosos de qualquer mulher, mas olhando agora para ele apenas de boxer, é completamente sexy.

Ele nota que estou tendo dificuldade de tirar os olhos do seu corpo e

sorri. Volta a me beijar e acariciar toda a minha pele. O homem tem mil mãos. Sua respiração está agitada, e eu estou pirando com todo esse corpo contra o meu.

Caio segue com sua mão para minha nuca e segura meus cabelos com firmeza. É quase doloroso. Tira meu sutiã e olha para os meus seios como se fossem joias feitas para ele.

Meu corpo está implorando para que ele faça tudo que nunca fiz por falta de coragem, mas me lembro da sua namorada e, neste momento, sinto-me estranha e tento me afastar dele.

— Pare, por favor. Caio, eu não posso!

— Por que não? — Olha-me com confusão e raiva nos olhos, mas algo que vê em meus olhos o amolece. Ele vê o medo que eu sinto.

— Por vários motivos.

— Me dê um maldito motivo para não colocar meu pau dentro de você.

— Não preciso enumerar motivos. É errado.

Ele me olha e sorri.

— Você é virgem, Rebeca?

— Não interessa.

— Me interessa, sim. Me responda, ou quer que eu descubra?

Bastardo do inferno!

— Não é da sua conta se sou virgem ou não.

— Porra de mulher, pare de me deixar louco! Diga de uma vez!

— Sim. Algum problema com isso?

— Não vejo problema algum, Rebeca. Estou mais do que feliz em ser o seu primeiro.

— *Eu* vejo, Caio — digo petulante, e com isso ele se afasta de mim.

— Certo. Qual o problema? — Arrogante como sempre, cruza os braços sobre o peitoral e me encara.

— Você tem namorada, Caio, e eu não sou assim — respondo, pegando meu uniforme no chão e o colocando, mesmo sem ter como fechá-lo; o bastardo acabou com ele.

— Ela não é minha namorada, Rebeca.

— O que ela é, eu não sei, mas ontem ela dormiu aqui, não foi?

— Dormiu. Você disse bem, *dormiu*. Nada mais. Aqui têm quartos de hóspedes. E antes que pense que estou te enrolando, eu não minto. — Olho em seus olhos, que só me passam a verdade. Ele continua a falar: — O que

tínhamos, acabou há muito tempo e não tem como ser como era antes. Apenas conversamos e acertamos o que tínhamos que acertar.

— Certo, mas eu não quero isso para mim, Caio. Não posso fazer isso. Notei que ela gosta de você, te beijou hoje cedo demonstrando isso. — Vejo raiva cruzar por seus olhos. — Eu vou embora e, quando o senhor terminar seu banho, eu volto para arrumar seu quarto.

Posso sentir a frieza em seus olhos quando me viro para destrancar a porta. Ele me puxa pelo braço com firmeza.

— Eu. Não. Vou. Aceitar. Esse. Não. Rebeca.

— Não posso.

— Então diga olhando em meus olhos que não me quer. Diga na minha cara que, toda vez que me olha, não se imagina sendo tocada por mim, sentindo minhas mãos por todo seu corpo. Diga que não quer me sentir dentro de você. Diga isso agora, que prometo que nunca mais volto a te procurar. Paciência passa longe de mim. Já lhe dei sinais demais.

Como posso dizer isso, sentindo tudo que sinto? Ele me quer, e eu o quero, mas ele tem alguém na vida dele. Não posso me entregar confiando em meus sentimentos. Realmente, já tive vários sinais dele, mas o que faço com meu coração depois que ele o quebrar?

— Estou esperando, Rebeca. Já disse que paciência não é o meu forte. Estou duro e dolorido aqui por você. Só basta dizer a palavra. Dependendo da sua escolha, você me terá ou não. Diga!

— Eu... eu quero você, Caio.

— Sei disso, também te quero muito. — Beija-me suavemente.

— Mas... — Não posso terminar a frase com ele intensificando o beijo.

Caio me beija e se esfrega o quanto pode. Tira a boxer, e não posso deixar de olhar para seu pau grande e duro. O safado se alisa e olha para mim. Meu coração está na minha boca. Ele acaba de rasgar minha calcinha, entra na banheira e, como se eu não tivesse mais comando em meu corpo, acabo entrando com ele também.

— Senta aqui, Rebeca.

— Melhor não.

— Eu não vou entrar em você. Não agora. Prometo.

Eu mantenho distância, sentando-me do lado oposto. Ele sorri torto e, quando menos espero, puxa-me para cima dele. Essa criatura é louca. A água vai para todos os lados. Termino sentada de pernas abertas sobre ele. Seu pau

pulsa.

— Você é linda — elogia, puxando-me para esfregar seu pau em meu sexo totalmente exposto.

— Caio...

— Eu não vou entrar em você, Rebeca, apenas aproveite a sensação. Esfregue-se em meu pau.

Caio se ajeita na banheira. Sinto seu pau em minhas dobras. Ele coloca as mãos em meu quadril e me movimenta. Olha-me com uma cara de safado, deixando-me cada vez mais louca. Suas mãos me apertam firme.

— É isso aí. Rebola, safada. Rebola bem gostoso.

Ele joga a cabeça para trás, gemendo alto. O homem é uma tentação em cada movimento que faz.

Caio toma minha boca e beija com vontade, sem deixar de se esfregar. Puxo seus cabelos com força.

— Porra! Vamos sair daqui antes que meu controle esqueça que você é virgem.

— Caio... — digo o seu nome e nem sei o motivo.

— Você vai ser minha e vai ser agora! Vá para minha cama e não se atreva a não estar lá quando eu sair.

— Como pode uma pessoa ser tão mandona e caprichosa assim? — reclamo enquanto ele me ajuda a sair da banheira.

— Sou caprichoso, você vai ver.

— Bastardo arrogante! — Pego uma toalha, recolho meu uniforme e saio do banheiro reclamando.

— Eu ouvi isso. Minha cama, Rebeca.

A forma como ele chama meu nome me faz ficar mais mole ainda. Vou para seu quarto e me sento na cama, pensando se eu posso mesmo fazer isso.

Se posso me entregar para esse homem? Colocando o que restou do meu uniforme, as dúvidas vêm à minha cabeça, até que acordo do meu transe e dou de cara com Caio vestido em um roupão preto. Na mão direita, segura outro roupão da mesma cor. Ele olha-me e sorri.

— Caio, me deixe ir, eu não posso fazer isso.

— Não pode? Você quer e pode, sim, só está com medo. Não precisa ter medo. Me deixe tirar esse maldito uniforme de uma vez. Odeio essa porcaria curta! — diz se aproximando de mim.

Ele para à minha frente e abre seu roupão, deixando o mesmo cair no

chão. Meu corpo está trêmulo e minha falta de coragem é tão grande que só consigo olhar para seus olhos.

— Caio, vamos conversar. Eu não posso fazer isso com um homem que tem alguém em sua vida.

— Rebeca, você me quer na mesma medida que quero você. Pare de ter medo.

Abraçando-me, beija meu ombro, pescoço, queixo até chegar a minha boca. Ele brinca, mordiscando e passando a língua no local. Suas mãos descem até minha cintura, puxando-me cada vez mais. Meu coração? Pediu licença para fugir do meu peito!

— Não tenha medo. Vou cuidar bem de você.

— Não estou com medo.

Coloca-me deitada no centro da sua cama, toca em cada parte do meu corpo. Seu toque lembra-me pétalas de rosas, de tão suave.

Ele beija meu pescoço, aperta meus seios, belisca levemente os bicos, colocando-os na boca e os chupando com gosto. Sinto meu clitóris palpitar, fazendo-me arquear as costas. Ele desce a mão entre minhas pernas e, com o polegar, massageia meu clitóris em movimentos circulares. Delicadamente coloca um dedo dentro de mim, beijando-me e gemendo em minha boca enquanto seu dedo faz movimentos de vai e vem, fazendo-me quase gritar.

Passa para o meu outro seio, seguindo o mesmo ritual. Seu dedo ainda continua fazendo sua magia em meu sexo. Sinto sensações que não posso acreditar que seja possível sentir. Estou no limite de puxar seus cabelos com força ou gritar desesperadamente.

— Tão molhada. Tão linda. Tão minha. Deixe vir, Rebeca, goze para mim — pede com a voz rouca em meu ouvido.

Gozo em sua mão, gemendo de prazer. Eu nunca permiti que alguém chegasse muito perto para fazer tal ato, mas ele me deixa louca. E depois que o vejo colocar o dedo que estava dentro de mim em sua boca e fechar os olhos em seguida, quase morro.

— Rebeca, eu estou limpo e, como sou doador de sangue, sempre estou sendo examinado. Se quiser posso mostrar meu último exame. — Mais uma vez a sinceridade está em suas palavras.

— Acredito em você.

— Como você é virgem, não há problemas para mim, mas preciso saber se você toma pílulas de controle de natalidade, ou terei que nos prevenir?

— Eu tomo, sou um pouco irregular.

— Ótimo. Seria horrível ter que usar camisinha em sua primeira vez. Relaxe. Vou fazer todo o trabalho aqui. Se você não relaxar, não vou conseguir entrar. Entendeu?

Assinto com a cabeça.

Caio posiciona-se entre minhas pernas, mas quando vejo seu pênis enorme e grosso, fico preocupada. Nunca, no Brasil, isso irá caber dentro de mim.

— Você precisa relaxar, não vou colocar de uma vez e, respondendo à sua pergunta silenciosa, irei caber dentro de você, sim! — O safado está rindo de mim!

— Vai doer?

— No começo, depois é só prazer. Relaxe para mim.

Sinto tudo dele: respiração pesada, autocontrole, paciência e até mesmo carinho. É gentil quando entra em mim, bem devagar, pedindo-me para relaxar e para deixá-lo entrar.

— Calma — pede, beijando-me com carinho. — Já vai acabar — diz com tranquilidade.

Sinto o momento em que encontra minha barreira e, com um movimento, rompe-a. Fica imóvel para que meu corpo possa se adaptar ao seu tamanho. Sinto uma dor aguda que me faz derramar lágrimas.

— Está bem?

— Sim.

— Vou me mover.

— Tudo bem.

— Merda, você está me matando aqui, mas terei calma.

Ele lentamente começa a se mover. Suas mãos não deixam de acariciar todo o meu corpo, e a dor que sinto vai se dissipando com cada movimento, dando lugar ao prazer. Começo a gemer junto com ele.

Seus movimentos começam a ficar mais intensos. Ele coloca uma mão na cabeceira da cama. A cada estocada, entra mais fundo, mais bruto e sem controle algum. Observo o homem que até neste momento demonstra poder e posse.

— Porra, você é um sonho, Rebeca. Estou enlouquecendo por você, puta merda! Nunca poderá abrir essas pernas para mais ninguém, entendeu?

Isso é hora de ficar respondendo a perguntas? Mandão!

— Sim...

— Você é minha e de mais ninguém, me diga isso.

— Sou sua e de mais ninguém...

— Ótimo, vou te marcar como minha, mas antes goza para mim novamente. Me aperta bem forte, Rebeca, com essa sua bocetinha gulosa. — Nesse momento sua voz me dá o comando. Sinto ondas e mais ondas em meu ventre, todo o meu corpo treme enquanto ele ainda se move dentro de mim, apreciando o aperto que lhe dou. Ele urra quando goza.

— Caralho! — Caio joga a cabeça para trás, e posso ver os movimentos da sua respiração descontrolada, do seu abdômen e peitoral perfeitos. Desaba em cima de mim, beijando meu queixo e mordiscando meu pescoço, depois se retira devagar de dentro de mim. Não posso me impedir de fazer uma careta, já que estou dolorida em todos os pontos certos.

Caio me puxa para seu peito e começa a alisar meus cabelos. Sinto-me sonolenta com suas carícias.



Rebeca é toda linda. Não é acostumada a dormir nos braços de alguém, assim que adormeceu, não demorou muito para se deitar de barriga para baixo, dando-me a bela vista de parte da sua bunda.

Ela tem uma pele macia, cheirosa. Merda, estou duro só em observá-la em seu sono. Nunca foi tocada, era virgem e agora é minha. Eu a quero para mim. Pela forma que me olha, também me quer.

Não quero acordá-la, mas o desejo que estou sentindo por ela é mais forte do que qualquer outro sentimento. Passo a mão em suas costas, cheiro seus cabelos, beijo seu ombro. Não preciso dizer que estou mais do que pronto para tê-la agora mesmo.

Rebeca se mexe levemente, mas levanta a cabeça, e tenho certeza de que está se perguntando onde está.

— Calma — peço.

Ela rapidamente se senta na cama, meu amigo lençol não acompanha seu movimento, deixando-a com os seios encantando minha visão. Esse é o meu convite para começar a festa.

— Eu preciso ir — diz corando, sem olhar em meus olhos.
Mas é claro que não vou deixar minha pequena sair correndo do meu quarto e da minha cama assustada desse jeito.
— Você não vai a lugar nenhum.
— Caio, eu preciso voltar para minhas obrigações.
— Agora não.
— Não posso ficar — ela diz sorrindo.
— Eu não quero que vá.
— Nossa, como você é mandão!
— Você não faz ideia, Rebeca.
— Pode apostar que estou tendo uma ideia.
Além de linda, tem humor.
— Eu tenho uma ideia melhor do que vê-la passar pela porta.
— Qual ideia?
Tão inocente... Preparado para isso, Caio Telles? Você tem uma ex-virgem em sua cama, com os olhos cor de mel fascinantes.
— Para começar, pare de tentar cobrir seu corpo. — Puta merda, ela acaba de me dar um olhar desafiante. Gosto disso.
Sei pelo seu sorriso safado que vai me deixar tomar conta da minha ereção sozinho. Essa menina em corpo de mulher é um perigo. Está fodido, Caio Telles!



Rebeca Mendes

Caio Telles é um bastardo mandão. Não me deixa sair da sua cama e parece estar se divertindo com isso.

Olho para a bagunça sexy que está seu cabelo, seus olhos verdes são hipnotizantes e seu corpo é um verdadeiro pecado. A tatuagem o deixa ainda mais desafiador.

Retiro o lençol do meu corpo como pediu, ou melhor, exigiu. Ele me olha com cara de safado e se deita confortavelmente, passando a língua no lábio inferior e alisando o pau sem um pinga de pudor, assistindo à minha saída da sua cama.

— Ainda bem que você não trocou os lençóis da cama.

Olho para sua cara de safado, sem entender o que fala.

— Por que diz isso?

— Porque você era virgem, Rebeca, é natural que as virgens tenham sangramento na primeira vez.

Cretino descarado!

— Ah... — digo olhando para os lenços com manchas de sangue.

— Não precisa ter vergonha. Essa mancha é um orgulho para mim. Eu fui seu primeiro.

Com essa cara de safado, ele deve ter uma coleção dessas manchas. Que ódio!

— Não, Rebeca — ele afirma sério.

— Não...? — pergunto, e ele sorri torto.

— Nunca estive com uma virgem antes de você.

Esse homem só pode ser bruxo!

— Entendo.

— Vamos tomar um banho? — inquire ao se levantar da cama totalmente nu.

Caminha lentamente em minha direção. Não tem um pinga de vergonha de expor e tocar em sua ereção.

— Melhor não — digo. Caio sorri com cara de safado, olhando para minha nudez.

— E por que não? Fizemos a coisa mais natural do mundo, e ainda estou vivo e você, também.

Eu realmente preciso ficar longe dele e pensar no que fiz. Também não tenho mais uniforme, já que ele fez o favor de rasgar o meu.

— Eu vou para o complexo, preciso de um novo uniforme e calcinha também.

O bastardo ri alto.

— Certo, coloque o roupão. Não há problemas, já que não há mais ninguém agora na casa. Mas você poderia ficar mais um pouco. — Coloca meu cabelo atrás da minha orelha, alisa minha bochecha e me beija calmamente. — Lembre-se do que lhe disse, Rebeca?

— O quê?

— Você é minha. Não vai abrir essas pernas para ninguém. Fique longe do Miguel.

Esse homem vai me deixar louca.

Sem responder, coloco o roupão e saio do quarto sem olhar para trás, mesmo tendo a certeza de que ele está me olhando.

Vou para o quarto da minha madrinha tomar um banho e me trocar rapidamente. Preciso fazer meu trabalho, ou melhor, pensar em Caio e em tudo que aconteceu. Minha nossa, até longe esse homem me dá calor!

Ainda não acredito que eu me entreguei a ele, mas quer saber? Não me arrependo! Pelo menos não agora.



Um pouco depois, Miguel chega com todos os tapetes da casa. Já que amanhã será a festa, tudo terá que estar perfeito. Lembro-me então que Nina chega hoje também. Meu celular começa a tocar, e vejo na tela que é meu irmão.

— Oi, grandão!

— Oi, você está bem? Não te vi logo cedo, desculpe-me por nosso jantar de ontem à noite, cheguei tarde em casa, e você já estava dormindo. Quando acordei, você não estava mais.

— Sem problemas, podemos marcar para hoje à noite se você quiser?

— Claro, minha pequena, tudo por você. Lisa chegou, veio te ver, e combinamos algo para a noite. Hoje é sexta, e vamos sair para dançar!

Não consigo segurar minha felicidade e começo a dar pulinhos na copa.

— Sério? Vou adorar tudo isso! Chego em casa às 18h! Beijo, grandão. Te amo!

— Também te amo, pequena. — E com isso ele desliga, e eu fico olhando para o meu celular, decidindo se liguei para Lis ou não, até que sou interrompida pelo Miguel.

— Esse grandão é alguém especial? — ele pergunta sorrindo.

— Sim, é meu irmão.

Posso ver o alívio em seus olhos.

— Hum... Bom saber, então.

Miguel é superfofo.

— Vamos sair para jantar e dançar hoje à noite, minha melhor amiga está de volta à cidade e vamos comemorar!

— Adoraria participar dessa comemoração, algum problema se eu for?

- Claro que não, você será muito bem-vindo a se juntar a nós!
- Ótimo, me dê seu celular, vou colocar meu número nele para que me envie uma mensagem dizendo local e hora, certo?
- Sim, certo!
- Te vejo à noite, princesa.



O resto do dia corre rápido, e tudo fica organizado do jeito que minha madrinha queria. Não vi mais o Caio desde o que aconteceu. Até quando fui limpar seu quarto, ele não estava em lugar nenhum e nem em qualquer outro da casa. Notei que o carro preto também não estava na garagem. Começo a pensar em tudo e vejo que cometi um erro. Não demora muito para o arrependimento chegar.

Caio conseguiu o que queria e certamente voltará a ser o pé no saco de sempre. Decido que não vou me abalar por ele, nem com o que aconteceu. Hoje quero é ser feliz!

Chego a casa no horário, e meu irmão está no banho.

— Grandão, cheguei — grito para ele da sala.

— Beleza, pequena, prepare-se, que hoje a noite será perfeita. Ganhei senhas para uma nova boate, C22F, na área VIP. Ligue para Lisa.

Nossa, que fantástico! Pego meu celular e ligo para Lisa.

— Amiga! — grita do outro lado.

— Lisa, que saudades de você! Como está sua mãe?

— Bem melhor agora, obrigada por perguntar. E como está seu trabalho?

— Está indo bem.
— Xi... Conheço esse seu "indo bem", quero saber de tudo! Chego já aí para te produzir como uma garota fatal!
— Venha logo, fico perdida sem você e sua “make” gloriosa!
Lembro-me de mandar mensagem para o Miguel, informando para onde vamos.

Vamos para o C22F às 21h, beijos. Rebs.

A resposta é instantânea:

Estarei lá, princesa! Beijos.

Sorrio para o meu celular feito uma boba. Miguel realmente é muito fofo, e eu estou gostando de ser chamada de princesa. Certamente ele será um bom amigo. Meu celular toca em minha mão, mas não reconheço o número que chama.

— Oi.
— Está em casa? — É Caio.
— Boa noite para você também! — Mal-educado!
— Responda minha pergunta!
Uau!
— Estou.
— O que vai fazer hoje à noite, Rebeca?
Nossa, quanta mudança em menos de oito horas.
— Vou sair com meu irmão e meus amigos. — Há um silêncio na linha. — E você? — tenho que perguntar para quebrar o silêncio.
— Não interessa, Rebeca! — é curto e grosso.
Nossa, ele está com raiva de mim? Eu não fiz nada! Tenho vontade de chorar, mas evito.
— Tudo bem, senhor, não é da minha conta mesmo! Agora preciso desligar. Tenho um encontro.
— UM ENCONTRO? — grita do outro lado da linha. — Você disse que iria sair com seu irmão e amigos! — Seu tom é acusatório.
— Disse. E daí?
— Não brinca comigo, Rebeca!
— Não estou brincando, respondi a sua pergunta, ao contrário de você,

que foi sem educação em sua resposta!

— Quem é o filho da puta, Rebeca?!

— Não interessa, Caio! — devolvo suas palavras.

— PORRA! Diga de uma vez! Não estou para enigmas.

Acho que alguém perdeu a paciência.

— Já respondi, não interessa!

— Você tem realmente um encontro, Rebeca?

Está puto!

— Sim, qual o problema? Você tem uma namorada. Eu tenho um encontro hoje!

— Quem é esse filho da puta? Diga!

— Não interessa, Caio! Quantas vezes vou dizer?

— Não me desafie, Rebeca.

Isso não é um aviso, ele está me ameaçando.

— Tenha uma boa noite, senhor! — Desligo, não posso deixá-lo notar que tenho medo das suas ameaças.

Não vou permitir que o *Senhor Cheio de Ordens* acabe com a minha sexta-feira. Amanhã só irei trabalhar depois das 14h, hoje posso me divertir com quem gosto e quem sabe ficar um pouco bêbada! Agora só tenho esse trabalho, depois que tranquei a faculdade, e o carro que meu irmão me deu. Mesmo que eu o vendesse, só daria para um ano ou menos de mensalidade. Trancar foi a melhor solução que tive mesmo.

Meus pais irão me matar, mas eu não posso exigir deles o pagamento de algo que não podem pagar. Vou ficar bêbada mesmo. Preciso ter coragem para contar ao Davi. Estou muito ferrada!

Quando Davi aparece na sala com uma toalha na cintura, penso em como ele mudou. Antes era um magrelo, e hoje é um homem alto, forte, olhos marcantes, que é nossa marca de família. É notável que faça sucesso com as mulheres.

— Davi, precisamos conversar.

No mesmo momento, ele vem para perto de mim e segura minha mão. Sempre fomos assim, se um cair, o outro cai junto.

— O que houve, pequena? — Seu tom é de preocupação.

— Eu tive que trancar a faculdade.

— Por que fez isso?

— Houve uma mudança na reitoria da faculdade, perdi minha bolsa de

estudos. Não posso pedir para nosso pai pagar integral, é muito caro. — Ele assente com a cabeça, entendendo-me. Continuo falando: — Consegui trancar por um ano. O novo reitor disse que, como tenho boas notas, me receberia de volta numa boa, mas terei que compensar com grades diferentes do turno. Me desculpe, grandão.

— Não precisa se preocupar, com esse meu novo emprego e o seu, vamos começar a juntar para, quando você voltar, pagarmos o período adiantado.

— O que direi para nossos pais?

— Nada. Qualquer coisa, vamos dizer que você perdeu o período, isso acontece muito.

— Você acha que eles vão acreditar?

— Não temos outro jeito, pequena, é isso ou dizer a verdade.

A campainha toca, e é minha melhor amiga do outro lado. Corro para atender a porta, e começamos a pular feito crianças, mas Lisa para no tempo e, quando eu sigo seu olhar, ela está cobiçando meu irmão. Isso é muito nojento.

— Boa noite, crianças. — Meu irmão está sorrindo, jogando todo seu charme para Lis, que baba ao meu lado.

— Menos, grandão, temos visita agora. E, pelo que me lembre, vocês já se conheceram hoje mais cedo — digo querendo descobrir algo. Ele só faz abrir seu belo sorriso. Eu mereço!

— Sim, florzinha, mas ele estava completamente vestido — Lisa confia-me enquanto meu irmão vai para o quarto. Isso realmente é nojento! — E você, por que ainda está assim?

— Primeiro, porque estava esperando o Davi sair do banho. Às vezes ele parece uma moça. E segundo, porque estava resolvendo uns problemas com o meu chefe.

— Que tipo de problemas são esses? — pergunta-me com um olhar pelo qual já sei que não vou escapar das suas perguntas.

— Problemas sem importância. — Quando me sento no banquinho, faço uma careta. Ainda estou dolorida dos atos feito pela manhã. Claro que ela nota.

— Opa, opa, opa! — diz, sorrindo e olhando para os lados, para ter certeza de que o Davi não está por perto. — Essa sua careta aí não é de quem sofre de hemorroidas, e sim de quem foi muito bem usada recentemente.

Pode ir me contando tudo e agora! Quero o nome desse santo que obrou esse milagre. Quem tirou sua virgindade?

— Fala baixo! Quer que Davi me mate?

— Me conte tudo!

Ela não vai deixar passar. Tenho que explicar tudo o que está acontecendo comigo e com meu chefe. Mantenho certos comentários para mim, mas dou o nome do “santo” e conto tudo bem por cima, tendo que ouvir cada suspiro e ver cada cara de espanto dela.

— Ele tem uma namorada?

— Bom, ele me diz que não são namorados, mas eu não tenho certeza.

— E mesmo assim foi para a cama dele? O que fizeram com você quando estive fora?

Sorrimos juntas.

— Realmente, não sei.

Meu irmão aparece na cozinha vestindo apenas um par de calças jeans azul-escuras e mais nada.

— Pequena, já são quase 20h. Vamos?

— Claro, vou tomar um banho rápido e volto já!

Entro no banheiro e não posso deixar de pensar no quão insuportável aquele homem é. Enquanto lavo meus cabelos, meus pensamentos vão a mil por hora. Termino meu banho e seco meus cabelos, que caem como ondas em minhas costas. Coloco uma calça jeans preta bem colada e uma blusa estampadinha frente única de seda, calço meus saltos pretos e grito por Lis, para vim fazer minha “make”.

— Oi, cheguei. — Entra no meu quarto uma bagunça em pessoa, ou melhor, uma pessoa que acaba de ter tido um belo amasso. — Não me olhe assim — ela diz, arrumando os cabelos.

— Eu não disse nada!

— E é preciso?

Sorrimos.

— Gostaria de saber o que têm vocês, Mendes, para serem tão quentes?

Sorrimos mais ainda. Então agora é um fato, meu irmão e minha melhor amiga estão ficando. Isso é o triplo de nojento.



Chegamos à boate às 21h30. Miguel já está esperando. Faço as apresentações, e entramos. Meu irmão e Miguel se dão muito bem. Isso é novidade, já que Davi é um pé no saco quando se trata de homens ao meu redor. Deve ser por causa da Lis.

Eles estão bebendo e conversando à mesa, e Lisa e eu estamos nos acabando na pista de dança. É muito bom dançar.

Viro-me e acompanho o olhar da Lisa, que me faz sinal para olhar para trás, e dou de cara com Nina vindo em minha direção, pulando e batendo palminhas.

— Ei, você!

— Oi, Nina, você está linda!

Está mesmo.

— Rebs, eu posso até estar linda, mas você está QUENTE!!!

Sorrimos bastante.

— Nina, esta é minha amiga Lisa.

Elas se abraçam e, neste momento, vejo nascer uma amizade a minha frente.

— Vocês estão com quem? Sozinhas? — Nina pergunta.

— Não, estamos com o Davi, que é meu irmão, e o Miguel.

— Miguel? — indaga-me confusa.

— Sim, esse Miguel mesmo. — Sorrio para ela, mas noto que ficou um pouco triste.

— Venha, vou apresentá-la ao meu irmão.

Quando chego à mesa dos meninos, Alex já está lá, conversando com eles.

— Rebs, mas que coisinha linda está você — ele diz, puxando-me em um abraço de urso bem apertado. — Essa é Camila, minha namorada.

Esses Telles são cheios de surpresas. Eu morreria e não saberia que Alex tem uma namorada.

— Oi, Camila, prazer em conhecê-la.

— Então, você é a famosa Rebs de quem o Alex tanto fala. Saiba que você ganhou outro irmão.

— Sou eu mesma!

Após as apresentações, ficamos conversando um pouco mais, até que eles voltam para a mesa deles, e a Lis fica de namorico com meu irmão. Sinalizo que irei ao banheiro. Antes, pergunto para o barman onde ficam os

banheiros e saio, seguindo o caminho que ele me indicou, quando sou puxada por Miguel para a pista de dança, e começamos a dançar ao ritmo da música eletrônica.

Uma coisa que eu não posso negar é que Miguel sabe dançar e me conduz perfeitamente. Suas mãos estão em meu corpo, uma em minha cintura e a outra, em minha lateral. Ele coloca a cabeça no meu pescoço, o que me traz arrepios por causa da sua respiração. Ele está respirando forte contra mim e me puxando cada vez mais para perto dele.

Isso é uma loucura depois de eu ter me entregado a Caio, conseguir dançar assim com Miguel. Ele me olha nos olhos e tira uma mexa de cabelos do meu rosto. Aproxima-se dos meus lábios, mas eu me afasto dele e sorrio.

— Quer uma água? — pergunta-me com os olhos cheios de desejo.

— Quero, vou ao banheiro e te encontro na mesa.

Ele me dá um beijo leve na bochecha e sai.

Volto a fazer meu caminho para a área dos banheiros, que fica em um corredor um pouco escuro. Consigo encontrá-lo, faço xixi e depois retoco a maquiagem. Já estou fechando a porta do banheiro quando bato em um paredão de músculos.

O impacto é tão grande que quase caio de bunda no chão. Felizmente, o dono de todo esse peitoral me segura a tempo. Arrumo minha blusa, morta de vergonha de encarar o rapaz, mas tenho que pedir desculpas e agradecer por não me deixar cair.

— Me desculpe, não tive a intenção.

— Sim, você teve a fodida intenção!

Reconheço a voz no mesmo instante.

— Caio? — Fico olhando para seu lindo rosto raivoso. O que é agora? O que eu fiz?

— Sim, e sou também seu pior pesadelo. — Dá para ver que está com raiva, e seus olhos não transmitem outro sentimento.

Puxando-me pelo braço, sai me rebocando em direção a um pequeno elevador. Quando as portas se fecham, é notável as ondas de raiva que ele emite. Não olha para mim, passa as mãos pelos cabelos várias vezes. Ele fecha os olhos, evitando me olhar. O que esse homem tem?

Noto que, ao invés de subir, o elevador desce. As portas se abrem em uma parte que não tem nada a ver com a boate. É outro corredor, mas cheio de portas. Caio para em frente a uma porta dupla e digita um código. A

porta se abre automaticamente, revelando um grande quarto.

Ele me empurra para dentro e acende as luzes, fazendo meus olhos piscarem. O cômodo é grande, tem uma cama *king size* com lençóis pretos e, do outro lado, parece-me ser um escritório.

— De quem é esse quarto? — pergunto, mas ele não responde. — Por que estamos aqui? De quem é esse quarto?! — indago novamente, olhando para ele e noto que ele está mais uma vez todo de preto, camisa de botões, mangas dobradas nos antebraços e uma calça jeans. O homem é um perigo sobre pernas.

— Este quarto é de um amigo e dono da boate. — Olha-me com arrogância e muita frieza.

— Certo, mas qual o motivo de me arrastar até aqui?

Ele anda de um lado para o outro.

— Você está ficando com o Miguel, é isso mesmo? Ele é o seu fodido encontro? — Quando vou responder, o seu celular toca. Ele pega o aparelho e faz uma careta ao atender a chamada. — O que você quer, Mari? Não, não vou demorar. Estou resolvendo um problema. Dentro de 30 minutos estarei de volta!

Eu sou o problema dele? É isso mesmo? Ele está com ela aqui na boate, arrasta-me para um quarto ou escritório e me chama de problema? Nunca, seu bastardo de uma figa!

Olho bem para a cara dele, erguendo uma sobrancelha; ele me encara com raiva. Jogo meus cabelos para trás e me dirijo para a porta, mas antes que consiga abri-la, ele pega meu braço.

— Para onde você pensa que vai? — Ainda está falando ao celular, mas desliga na cara da moça. Típico dele.

— Sério? Tenho que responder mesmo?

— Você não vai sair daqui para cair nos braços do Miguel.

— Você pode sair daqui e cair nos braços da Mari?

— Rebeca, não me provoca! Minha noite está sendo um verdadeiro inferno! Considere-se com sorte por não a ter arrancado dos braços daquele filho da puta! Eu mandei que ficasse longe dele!

— Você não manda em mim, Caio Telles!

— Como é?

— Eu faço o que eu quiser e com quem quiser. Não sou sua! Não sou sua propriedade. Não sou uma das suas putas e nem vou me tornar uma! Mari

é sua; eu, não!

— Você é minha e sabe disso! Não se trate como uma puta minha, pois não utilizo esse tipo de serviços.

Sorrio na cara dele.

— Se isso te assegura algo, sinto muito! Para mim não assegura nada! Me deixe sair daqui agora, Caio.

— NÃO! — Ele literalmente está com raiva de mim, posso ver a raiva se espalhando por todo o seu corpo pelo modo como passa as mãos pelo cabelo.

— O que você quer, Caio? — pergunto sem mais um pinga de paciência.

— Você vai ver, "princesa" — ele me chama da mesma forma que Miguel. Deve nos ter ouvido na copa.

— O que você vai fazer?

— Vou perguntar àquele merda se ele pensa que um pouco de rebolado amador pode apagar o que te fiz hoje até que sangrou em meus lençóis!

— Você não vai me expor desta forma?

— Quer pagar para ver, "princesa"! — Olha-me levantando a sobrancelha esquerda.

Sento-me na cama, tentando engolir tudo o que ele disse que faria. Não posso duvidar, ele faria mesmo, e meu irmão está aqui.

— Eu não vou pagar, Caio, eu sei que você faria isso. Agora o que você quer?

— Quero que você dispense Miguel e faça seu caminho de volta para minha casa. Quero você no meu quarto quando eu voltar.

— Meu irmão está aqui, não posso voltar sem ele, nem dizer que estou com você. E a sua namorada?

— Ela não é a porra da minha namorada! Pelo clima da sua amiga e seu irmão, eles vão agradecer se não voltar com eles.

— E Miguel?

— Por que você está tão preocupada com ele?

— Ele é uma pessoa boa para mim.

— Só por isso, ou você estava gostando de ficar com ele, Rebeca? Já “está dando” para ele?

Eu não tenho o que dizer, estou puta da vida com ele agora!

— Quem você pensa que é para me tratar dessa forma? Amanheci

virgem! Como pode pensar que sou fácil?

— Você não está me dando opções!

— Seu cretino! Acha que sou vou sair por aí deitando com qualquer um?

— Não mude o foco da minha pergunta! Responda de uma vez!

Deus, que homem mais arrogante é esse?!

— Você não pode exigir nada. Está com ela aqui e não venha me dizer que ela é um peso em sua vida!

— Você não pode falar sobre o que não sabe! — Suas mãos estão em meus braços, e ele está me apertando.

— Me solte, você vai me machucar! — Seguro a vontade de chorar. Eu não vou chorar na frente dele nunca!

— Eu te avisei que iria te machucar, não lembra?

— Eu não quero estar com você. Não posso entrar nesse jogo em que você quer me colocar! Se ela não é sua namorada, me diz o que ela é, então? E não minta!

— Nunca menti sobre isso. Você nunca fez a pergunta certa.

— Então me responda! Se ela não é sua namorada, o que ela é sua?

Ele fica com um olhar pensativo. A resposta não será boa.

— Noiva — ele me diz a palavra como se não fosse nada para ele.

Noiva! Ela é noiva dele!

— Noiva? Sua noiva. — Acho que perdi as forças das pernas.

— Sim.

— E você ainda está aqui brigando comigo?

— Você é minha, Rebeca!

— Pode esquecer, pois isso nunca, nunca mais vai acontecer!

O bastardo me solta e anda pelo quarto segurando os cabelos com tanta força que espero ver tufos em suas mãos. Ele se vira para mim e sorri friamente.

— O fato de ela ser minha noiva não te impediu de ficar comigo, nem de se entregar a mim, pelo que me lembre, muito bem!

Cretino!

— Você nunca mencionou o que ela é em sua vida, se eu soubesse, você não teria encostado um dedo em mim! Isso, eu posso te garantir, assim como estou garantindo que você nunca mais me terá! Acabou, Caio Telles.

— Acabou? Doce ilusão, Rebeca.

— Sim! Você é noivo, não se deu conta!? Não vou ficar com o papel de amante. Abra essa porta.

— Está certo! Se é assim que você quer, pode sair, vou destrancar a porra da porta para você ir.

Agora ele está me dispensando. Que ódio!

— Sim, é isso mesmo que vou fazer!

— Rebeca? — chama-me, mas não me viro para olhar em seus olhos, permaneço de costas. — Isso não acaba aqui, como você pensa. Eu ainda vou te machucar muito!

— Pode continuar tentando. — Saio petulante, sem me preocupar com minhas lágrimas caindo.

Pego o caminho de volta e me encontro com os outros. Eles parecem não notar o tempo que fiquei fora, menos mal.

Miguel vem ao meu encontro e me pega pela cintura inocentemente, colocando-me entre suas pernas. Por incrível que pareça, sinto-me segura e me deixo cair em seu peitoral. Ele não é nada como o outro, que demonstra força bruta em cada gesto. Miguel é doce e o mais importante, solteiro.

Estamos todos nos divertindo e bebendo em nossa mesa quando a pista de dança começa a ficar muito quente com um casal que está levando todos das suas mesas a se levantarem para apreciar o show que estão dando. Nós também vamos olhar. Para quê?

Fico enojada com a forma como Caio está dançando com a namorada, ou melhor, noiva. Quando ele nota que o observo ainda com Miguel às minhas costas dançando calmante, sinto tudo o que ele está fazendo a ela. Sinto apenas com o seu olhar possessivo para mim. Ele está dançando com ela, mas é a mim que ele quer, e por isso me coloca em sua mira. Bastardo!

Viro-me para Miguel e lhe dou um sorriso calmo; em troca, ele me devolve um cheio de afeto. Fala coisas ao meu ouvido, e eu começo a sorrir das gracinhas que me diz. Caio ainda me consome com os olhos, posso sentir mesmo sem olhar e, quando vou observar, Mari pega seu rosto e o beija na boca, mas ele continua a me olhar. É impossível não assistir, ou notar o calor que ele me transmite através daquele beijo. Puxo Miguel pela mão e me dirijo para a mesa; não preciso olhar isso.

— Miguel, podemos ir embora? Estou com dor de cabeça. — Não minto, estou com dor, mas não na cabeça, e sim no peito. Meu bobo coração está ferido.

— Claro, princesa. Irei avisar ao seu irmão que estamos indo.

Quando estamos passando por todos, seguindo para a saída, Caio passa por nós sem dizer uma palavra. O olhar que direciona a Miguel é mortal.

Sáímos da boate e pegamos um táxi. O caminho até meu apartamento é bastante calmo, mas eu tenho que contar para Miguel que estou tendo problemas com meus sentimentos. Não posso deixá-lo se apaixonar por mim. Quando o táxi para, Miguel me acompanha até a porta do meu prédio.

— Obrigada pela noite, Miguel. Eu... — acabo não terminando a frase.

— Não precisa dizer nada, princesa. Eu sei. — Olho-o confusa. O que ele sabe? — Eu sei desde o dia em que ele entrou na cozinha naquela tarde em que te assustei. Você pertence a ele. Ele marcou você. — Dá-me um sorriso triste.

— É um pouco complicado, Miguel.

— Ele sempre consegue o que quer. Mas saiba que isso pode mudar, eu vou lutar. Você vale a pena, princesa.

— Eu não pertenço a ele, eu só não sei o que sinto em relação a tudo.

— Neste caso, tenho mais chances. — Ele brinca com meu cabelo.

Miguel dá-me um olhar apaixonado, mas não sinto nada por ele. Sem eu esperar, ele me beija com carinho. Minhas mãos vão até sua nuca, puxando-o para mais perto de mim. Posso ouvir seu gemido de aprovação. Infelizmente, não retribuo com a mesma satisfação com que beijo Caio. Tenho que afastá-lo para que me solte. Miguel tem sentimentos por mim. Não quero usá-lo, mas só o tempo me fará sentir o mesmo por ele. Preciso deixar de pensar em Caio. Preciso tirá-lo da minha vida e arrancá-lo do meu coração.

— Você realmente pertence a ele, mas não por muito tempo. Sonhe hoje comigo, princesa.

— Vou sonhar — minto. Vou sonhar com aquele homem maluco que está tirando meu ar. Maldito Caio Telles!



Acordo às 10h e noto que meu irmão não dormiu em casa. Aposto que está na casa da Lisa. Vou tomar meu banho, tenho que fazer umas compras antes de ir para o trabalho.

Volto para casa, arrumo tudo e aproveito para fazer uma torta alemã, caso os pombinhos apareçam no apartamento. Tomo banho e vou para a casa dos Telles. Hoje, o resto do dia será cheio por causa da festa de aniversário de casamento dos senhores.

Chego e encontro minha madrinha colocando ordem no pessoal da cozinha. Hoje há cinco pessoas a mais que o normal.

— Querida, quero que vá até meu apartamento e veja o seu uniforme. Faltaram duas meninas, e você irá ficar na festa ajudando a servir.

— Sim, madrinha. — Vou para o apartamento e encontro meu uniforme: um vestido todo preto com decote um pouco generoso, meias pretas 7/8, cinta-liga, luvas pretas, sapatos de saltos médios também pretos e um colar de pérolas douradas. Uau! Eu não estava esperando por algo tão sexy. Só de olhar sei que dará em mim perfeitamente.

Quando estou voltando para a cozinha, vejo Nina pulando e vindo ao meu encontro. Está linda com uma saia jeans branca colada e blusa cinza. Só

a animação dela faz uma festa sozinha.

— Diga que você gostou?

— Do que eu deveria gostar, Nina?

— O uniforme de hoje à noite, eu que escolhi! — Ela está muito orgulhosa consigo mesma.

— Eu amei! Acabei de vê-lo, é perfeito.

— Ótimo, depois de se vestir, venha até o meu quarto, irei fazer sua “make”, vou te deixar divina.

— Obrigada, Nina!

Já passa das 19h. Não vejo Caio desde ontem na boate. Vou para o apartamento da minha tia tomar banho e me vestir. O vestido é realmente lindo e se agarra em todos os lugares certos do meu corpo, os sapatos são confortáveis. Escovo meu cabelo e opto por deixá-los soltos. Está tudo perfeito. Vou procurar Nina para fazer minha maquiagem. Já no seu quarto, elogio o quanto ela está linda em um vestido azul todo colado ao corpo e bem curtinho; no cabelo, ela fez uma trança.

— Uau... Nina... você está um sonho!

— Obrigada, você também irá ficar, ou melhor, já é! Só vou dar meu toque, vamos começar?

Assinto com a cabeça.

Nina começa a me maquiar ao som de Taylor Swift – *Red*. Cantamos juntas e nos divertimos muito. No fim o resultado é lindo. Olho-me no espelho e procuro por mim mesma. Eu estou uma deusa mesmo!

— Rebs, já fez aulas de canto?

— Só no coral da igreja mesmo e às vezes quando minhas amigas me pediam para cantar nas festinhas delas.

— Sua voz é linda. Hoje à noite, vou precisar de você!

— Nina, faz tempo que não canto. Não sei se vou conseguir.

— Vai, sim!

Quem teima com Nina?

— Tudo bem!

— Me deixe arrumar esse colar. — Nina dá duas voltas no colar. Depois sorri.

Agradeço a Nina e vou para a cozinha receber as instruções da minha madrinha. Eu irei servir os espumantes. Peço a Deus para não derrubar a bandeja.

Vou para o salão e, enquanto ofereço espumante com um sorriso, recebo alguns elogios dos rapazes e também ganho guardanapos com telefones.

A festa está perfeita. Tudo está lindo e bem organizado. Não posso deixar de notar a noiva do Caio colada em seu braço como se fosse uma pulseira. Realmente, eles fazem um belo casal. Nina me chama de longe, e vou ver o que quer.

— Venha comigo.

Entro com ela no banheiro. Sem dizer nada, começa a arrumar o meu cabelo e tirar minhas luvas.

— O que está fazendo, Nina?

— Vamos cantar. Vamos dar um show! Topa? — A alegria da Nina é contagiante. Faz tempo que não canto, mas hoje, eu quero!

— Topo!

— É assim que se fala!

Subo no palco, localizado no centro da festa. Nina fala com o pessoal da banda, que é muito gentil e me deixa escolher a música.

Escolho uma música que revela muito do que sinto neste momento, Alicia Keys – *Girl on fire*. Nina ama minha escolha, e o pessoal da banda está louco para ver como me sairei. O vocalista faz as apresentações, e o palco fica completamente escuro. Nina será minha segunda voz. Olho-a e recebo uma piscadela.

Começo sozinha, e os convidados se põem a aplaudir. Quando entro com o refrão, a bateria começa com tudo, o canhão é ligado e as luzes do palco são acesas.

Fecho meus olhos e sou consumida pela batida da bateria. Rebolo no mesmo ritmo, minha voz sai perfeita. Quando abro meus olhos, vejo-me hipnotizada pelos olhos verdes em chamas do Caio. Alguns rapazes a quem eu servi mais cedo me reconhecem e fazem sinal de *me liga*, mas estou dando meu aviso ao moreno de olhos verdes, que não pisca um minuto.

O vocalista da banda pega em minha mão, reverencia-me como rainha, e vou mais para a frente do palco. Miguel está lá, alucinado, mas Caio está me consumindo de onde está. Vejo a noiva tentando conversar com ele, mas ela se afasta e fica no centro do jardim. Dá para todos notarem que ele está me olhando. Tento disfarçar e olho para Nina, que está arrasando como minha segunda voz e com sua sexy dança.

A banda toda para, e termino a música como comecei, e novamente tudo é apagado. Os convidados homens estão loucos e aplaudem muito. Também, com esse vestido e meias 7/8, sou o sonho sexual de qualquer homem. Assim me disse o vocalista.

— Minha filha, você é perfeita para cantar! — Nina continua animada ao meu lado, abraçando-me.

— Obrigada! — agradeço a todos e volto ao meu trabalho. Por onde passo, recebo elogios dos convidados. Até o Senhor Telles vem falar comigo. Alex diz que deixei vários homens ali em chamas.

— Rebeca. — Essa voz faz meu corpo arrepiar.

— Deseja algo? — pergunto sem encará-lo, mas sinto sua raiva.

— Precisamos conversar.

Não tenho tempo para responder, a noiva dele está vindo em nossa direção.

— Outra hora, sua noiva está vindo. — Saio de perto dele.

— O que, infernos, você quer, Mari? — ouço quando ele pergunta com raiva.

Eu tenho que ficar longe desse homem. Volto a servir aos convidados, sempre sorrindo. Alguns são mais assanhados, mas não dou importância para as cantadas.

Por onde passo, sinto Caio me observar. Quase morro de ódio quando sua noiva faz sinal para mim. Vou em sua direção, ciente de que ele não está fazendo esforço para disfarçar seu olhar.

— Poderia me trazer suco? — Mari pede.

— Claro. Alguma preferência?

— Eu, particularmente, prefiro ter o número do seu telefone — diz um rapaz, sorrindo.

— Cai fora, Pedro — Caio fala com seu tom autoritário.

— Ela é linda, Caio. Me dê seu número, boneca — o rapaz pede mais uma vez.

— Se for inconveniente mais uma maldita vez, eu mesmo chuto seu rabo desta festa.

— Calma aí, Caio.

— Calma o caralho! Cala a boca.

— Não está mais aqui quem falou.

— Ainda está falando? É surdo?

O rapaz faz um gesto de passar um zíper na boca.

Caio não tem limites. Fala o que vem à cabeça sem pensar duas vezes. Sua noiva o encara, e noto que fica desconfiada. Ele parece não se importar com nada.

— Precisa de tudo isto, Caio?

— O quê? — ele questiona depois de virar um copo de uísque pela metade como se fosse água.

— Pedro não fez nada demais — Mari comenta e recebe como resposta um olhar frio.

— Peça que outra pessoa venha servir essa mesa, Rebeca — Caio fala sem dar atenção ao que a noiva disse.

— Tudo bem.

Saio sem olhar para trás. Vou para a cozinha e peço para que alguém leve o suco. Volto com a bandeja e continuo a servir.

Quando estou fazendo mais uma vez meu caminho de volta para reabastecer minha bandeja, sou puxada para o lado. Sorte que minha bandeja está vazia. Não preciso perguntar quem é o esquentadinho. Mas uma vez, sou rebocada por Caio.

— Você vai me dizer agora que porra pensa que está fazendo? — ele me pergunta, prendendo-me à parede da garagem, longe do local da festa. Está escuro.

— Estou fazendo meu trabalho!

— Não era para você estar servindo.

Ele está com raiva de mim? Fala sério!

— Estou aqui a pedido da minha madrinha!

— E para que foi cantar? Quer me deixar mais puto do que estou por causa dessa sua maldita roupa?

O homem está louco!

— Cantei a pedido da Nina.

— Sabe quantos dos meus amigos me perguntaram sobre você? Estou tentando a dizer que você joga no outro time!

— Eu não me importo com os seus amigos. Me solte, eu tenho que ir!

— Não!

— Pare de fazer isso comigo, vá atrás da sua noiva e me deixe em paz!

— Você não entende mesmo, não é?

— Que você é noivo? Entendi muito bem. Agora, você que parece não

entender! — jogo na cara dele.

— Maldição, mulher! Você me tira o juízo! — Posso sentir toda a raiva que ele está, já que seu corpo está contra o meu. Não perde tempo e começa a subir meu vestido, chega à renda das minhas meias 7/8, baixa a cabeça em meu pescoço e geme. — Merda, Rebeca, como vou passar o resto desta festa agora, sabendo que você está com isso debaixo desse maldito vestido!? É FODA! — Suas mãos sobem até chegar às laterais da minha calcinha, e o bastardo a rasga nos lados.

— Você é louco?! — Perfeito, agora vou ficar sem calcinha! Quando vou protestar, ele me cala com um beijo.

— A culpa é sua! Estou em chamas. Preciso de você agora e vou a ter! Entrelace suas pernas na minha cintura, isso vai ser duro e rápido!

Faço o que ele manda, sinto-o se afastar um pouco, ouço o zíper da sua calça, e então ele entra em mim com algumas maldições em seus movimentos.

Caio Telles é uma verdadeira máquina de sexo. Insano, boca suja e totalmente disposto a se satisfazer.

— Você foi feita para mim, Rebeca. Só para mim — diz sem fôlego enquanto empurra sem pena, à procura do seu clímax enquanto o meu já está se formando. Ele geme em meu ouvido e sussurra que eu pertencço a ele. Gozamos juntos, e ele fica esperando nossas respirações se acalmarem.

— Vá até a sua madrinha e coloque uma calcinha, essa merda de vestido é tão colado em seu maldito corpo que é notável que você não está usando uma! — Ele está arrumando meu vestido enquanto me dá ordens. Homem insuportável e controlador! — Esteja no meu quarto no fim dessa festa. — Isso não é um pedido.

— E sua noiva? — faço questão de perguntar.

— Por acaso eu acabei de fazê-la gozar? — Olho-o confusa. Esse homem fala em códigos. — Não se preocupe com ela, irei deixá-la em casa antes.

— Sim, claro, e não se esqueça de lhe dar um belo beijo de despedida — respondo petulante.

— Não me provoque!

— E o que devo pensar? Devo ficar realizada por saber que vai voltar depois de colocar sua noivinha na cama?

— Não vou colocá-la na cama, irei colocar você na cama!

— Vai sonhando!

— Vou mesmo e vou te deixar nas nuvens, agora pare de ser uma atrevida e vá colocar uma calcinha antes que eu mude de ideia e te faça minha novamente!

— Você não manda em mim!

— Não me provoque, já avisei que você é minha! Agora vá.

Sigo para o apartamento da minha madrinha. O homem é uma coisa do tempo das cavernas. Eu preciso descobrir o que sente por sua noiva, não me parece um sentimento normal para um noivo. É hoje que vou descobrir! Volto para a copa e me surpreendo ao ver o Miguel lá, conversando alegremente com Nina.

— Nossa, Rebs. Você está linda! Que voz que tem — diz ele com os olhos de menino levado.

— Obrigada. Agradeça a Nina, tudo foi produção dela.

— Tinha que ser, Nina sempre teve jeito para tudo.

Nina está encantada com os elogios dele, e eu tenho a certeza de que ela gosta do Miguel. Eu não posso ficar entre os dois.

— Bom, continuem conversando, vocês formam um lindo casal! — Pisco para Nina e saio rapidamente.

Volto para a festa e continuo a servir aos convidados. A festa está linda, e eu estou adorando tudo. Até que, mais uma vez, sou puxada por mãos firmes. Lá vamos nós! Dessa vez, ele me arrasta para o caminho da piscina aquecida.

— Eu não estou suportando mais essa situação — reclama, arrastando-me.

— O que você quer que eu faça, Caio?

— Quero que você se tranque em meu quarto e não saia de lá até essa festa acabar.

— Eu não posso fazer isso, é meu trabalho e vou receber um bônus por hoje à noite.

— Eu pago a porra do seu bônus, só suma desta festa, ou terei que quebrar a cara de muitos aqui. Você é minha. Essa merda de roupa está deixando cada macho de pau duro! Inferno!

— Eu não quero seu dinheiro. Trabalho para sua mãe. E não arrume confusão por nada. Você tem uma noiva e deveria estar com ela e não aqui!

— Pare de falar nela. Eu não quero estar com ela, Rebeca. Você não

vê? Puta que pariu! Não consegue notar o que faz comigo?

— Caio, se não gosta, por que é noivo dela?

— Muito complicado. Basta saber que não sinto nada por ela.

O que aconteceu com esse homem que está aqui à minha frente?

— Tudo bem, Caio.

— Tenho certeza de que nada está bem em uma situação desta. Só te peço que tenha paciência.

— Não te prometo nada.

— Hoje, não vou ficar na casa.

— Está certo. — Não vou mentir que estou triste, ele vai ficar com ela.

— Tenho meu apartamento perto da praia, quero que você vá comigo para lá. — Mais uma vez, ele não está me pedindo.

— Meu irmão está comigo, o que vou dizer para ele?

— Isso eu já resolvi, para todos os efeitos, você está na casa da Lisa e, pelo que me recordo, ela ameaçou tirar minhas bolas fora se eu aprontar com você. — É bem a cara da Lisa. — Vou resolver essa situação com a Mari da melhor maneira possível, mas enquanto isso, você terá que ter paciência. — E com isso me pega em seus braços e dá beijos doces em meu rosto até chegar a minha boca. Domina-me como sempre, sinto tudo em seu beijo. Ele gosta de mim, vai resolver tudo para ficar comigo. — Vem.

— Para onde, Caio?

— Quero você agora.

Caio me guia por todo o caminho agarrado a minha cintura, beijando e mordiscando meu pescoço até chegarmos à sala de massagem. Nunca estive nessa parte da casa. Ele acende algumas velas, empurra a mesa de massagem para perto da parede.

Aproxima-se de mim, dominando todo o espaço. Pega em meu colar e me puxa até ele, que anda de costas até chegar à mesa de massagem. Abre as pernas, posicionando-me entre elas. Abre o zíper do meu vestido, deixando-o cair até meus pés. Passa a mão em minha cintura, chegando até minha bunda, e me puxa em direção a sua ereção.

— Você quebrou todos os meus limites. Agora vou querer tudo de você — diz antes de me beijar, marcando sua posse. — Quero exatamente tudo. Você é minha.

Sua mão segura minha nuca. Envolver meus braços em torno do meu pescoço. Sua língua invade minha boca, e sinto um frio na barriga de tanta

excitação. Suas mãos firmes apertam-me com força. Puxo seus cabelos e viajo em seu beijo sedutor.

Ele retira meu sutiã e libera minha boca, deixando rastros de beijos até colocar o colar de pérolas na boca, usando o mesmo, junto com a língua, para chupar meu mamilo, deixando-o duro. Esse colar, eu vou pedir para Nina.

Caio Telles é perigo com todo o sentido da palavra. Sabe como seduzir apenas com o olhar. Faz-me ferver o sangue sem precisar de muito. Agora mesmo estou em chama em seus braços.

Ele se afasta e brinca com o colar, olhando para meus seios. O seu queixo é lindo e perfeito para ser mordido.

— São lindos — ele murmura, ainda brincando com o colar e os bicos dos meus seios.

Não respondo, acompanho sua língua passar pelo seu lábio inferior. Pega o colar com um dedo, puxando-me para mais beijos famintos. Suas mãos vão da minha cintura para a minha bunda. Rapidamente e sem muito esforço, ele me coloca sentada na mesa de massagem com as pernas abertas.

Assisto-o retirar peça por peça das suas roupas, ficando completamente nu, alisando sua ereção. Olha-me com cara de safado quando suas mãos tocam minha minúscula calcinha.

— Você não tem calcinhas comportadas?

— Não gosta das minhas calcinhas?

— Gosto de rasgá-las, mas essa está com sorte. Não posso deixá-la sair daqui sem nada.

— Agradeço.

— Agradece, é? Vai agradecer quando estiver apertando meu pau.

Ele é um boca suja.

Caio retira minha calcinha, fazendo uma linda careta, deixando bastante clara sua revolta em não poder rasgá-la. Puxa-me para a borda da mesa e me penetra de uma vez, gemendo alto.

Entrelaço minhas pernas em sua cintura, puxando-o mais e mais. A demanda do Caio toma-me tudo. Beija-me absorvendo meus gemidos. Consigo que me libere do seu beijo cheio de posse, coloca meus braços para trás enquanto sou deliciosamente invadida por suas estocadas ritmadas. A mesa sofre sendo jogada na parede a cada movimento dele.

— Puta merda! — ele xinga alucinado.

Seus cabelos estão molhados de suor, e sua pele morena brilha. Ele

puxa-me pelo colar, tomando minha boca mais uma vez. Meu corpo já dá sinais de que estou perto. Ele acelera o ritmo sem pena, fazendo-me explodir em um orgasmo liberador. Jogando a cabeça para trás, ele goza, espalhando jatos da sua liberação dentro de mim.

Caio me abraça forte, beijando meu ombro. Estou mole em seus braços. Ele não dá nenhum sinal de querer me soltar, mas por fim o faz. Ainda nu, pega uma toalha e me limpa. Ajuda-me a sair da mesa de massagem, pega minha calcinha e me entrega, fazendo uma linda careta. Termino de me vestir e vou ajudá-lo com a gravata.

— Odeio ter que voltar para esta festa. Coisas da Nina.

— Você é um reclamão, hein?

— Você é muito gostosa para ficar rebolando esse belo traseiro por aí!
— fala irritado.

— Eu não ando rebolando!

— Cada passo seu é um convite ao sexo. Confie em mim. Vamos embora antes que meu pau queira te foder novamente. Eu não vou me opor.

— Boca suja!

— Você gosta dela.

Passo por ele e recebo um tapa na bunda que me faz dar um pulo.



Voltamos para a festa, e Caio passa a seguir meus passos com olhos de gavião. Algumas vezes vem tirar seus amigos de perto de mim. Noto que a sua noiva não está feliz com a distância que ele colocou entre os dois, até tentou dançar com ele, mas Caio sempre parece muito interessado em conversar com outras pessoas. O noivado deles é um grande mistério!

— Oi. — Miguel tira-me dos meus pensamentos.

— Oi, quer alguma coisa?

— Quero, sim. Quero saber por que você me deixou sozinho na cozinha com Nina.

— Eu não vi nenhum mal em fazer isso, Miguel.

Nesse momento ele segura em meu braço.

— Rebeca, eu disse que por você vale a pena uma luta e não vou desistir do que disse.

Fico um pouco assustada com a forma com que ele me fala, está possessivo.

— Eu achei que você havia entendido meu lado, Miguel.

— Entendi e disse que vou lutar. Achei que o beijo que tinha lhe dado havia feito você entender também. Será que devo te beijar novamente para fazê-la entender o meu lado? — Ele realmente está com raiva.

— Solte-a. Agora! — Caio vem me salvar, mas não me olha e, pelo jeito, está com raiva de mim novamente.

Deus, esse homem com raiva é mais lindo ainda. Pela forma que se coloca, está pronto para uma boa briga.

— E se eu não quiser? — Miguel pergunta. Caio se aproxima e baixa um pouco a cabeça para encará-lo.

— É simples. Eu vou acabar com você. Aqui e agora! Fui claro?

— Como água.

Vejo Miguel ir embora e tenho que enfrentar a fera que está ao meu lado. Estou tão ferrada!

— Então não parou na dança? Teve beijo? O que mais teve, Rebeca? Você vai pagar por isso hoje!

— Caio... — não consigo terminar de falar porque ele sai de perto de mim falando ao celular, e sua noiva nos olha de longe. Será que ela notou algo?



Capítulo 9

Rebeca Mendes

Meu fim de festa não termina como eu imaginei, ainda mais depois de tudo que Caio me falou antes e da forma como me pediu para ter paciência com ele. Como ter paciência com um homem assim? Uma hora é carinhoso, outra é um verdadeiro homem das cavernas.

Vou terminar de ajudar o pessoal da festa quando meu celular toca. É meu irmão. Uma hora dessas? Algo aconteceu?

— Davi. Algum problema?

— Não, pequena. Estou te ligando porque amanhã cedo irei viajar e passarei a semana fora. Não avisei antes porque faz pouco tempo que recebi o aviso. Retorno no domingo com a Lisa, que vai me encontrar na quinta. Se você quiser, está convidada!

— Eu não posso, grandão. Tenho trabalho e também não quero atrapalhar vocês.

Ouçó a risadinha dele.

— Então tudo certo, pequena, qualquer problema me ligue, que voltarei correndo.

— Vá na paz, grandão. Foco no trabalho e se divirta com a Lis.

— Ela já me avisou que, quando acabar tudo aí, você vai para a casa

dela. Divirta-se. Beijos, pequena. Te amo!

Termino a ligação pensando nessa viagem do meu irmão e na ida da Lis. É realmente estranho, mas eu não posso fazer nada para descobrir o que está acontecendo no momento. No entanto, irei descobrir mais cedo ou mais tarde. Tudo isso me cheira ao controlador do Caio.

— Rebeca.

Viro-me para me deparar com um homem moreno, careca, alto e forte. Quem é esse agora?

— Sim.

— Sou Bruno, chefe da equipe de segurança do Senhor Caio. Recebi ordens para levá-la ao seu destino de hoje.

Um segurança?

— Hum... Vou pegar minha bolsa e já volto!

Procuro minha madrinha, mas não consigo encontrá-la. Pego minha bolsa e vou para a garagem. Uma caminhonete Hilux preta está à minha espera. A viagem é silenciosa, mas onde Caio estará que não veio me buscar? Claro, deve estar com a noivinha. Que ódio!

Na metade do caminho, somos ultrapassados por uma moto da qual eu consigo distinguir o som. É ele!



Acredito que eu tenha passado mais de uma hora dentro do carro, até que paramos, e a minha porta é aberta. Ele está lá, parado ao lado da sua moto, vestindo uma calça jeans preta, camisa de mangas cumpridas também preta. Está lindo, e só de vê-lo sinto uma vontade de cair em seus braços, mas ele não parece nada interessado; além de toda sua sedução, a raiva também está lá!

— Pode seguir, Bruno, retorne na segunda com o resto da equipe.

— Sim, senhor.

— Trouxe minha arma?

Arma? Ele perguntou por uma arma? Para que raios ele precisa de uma arma?

— Está no estojo dentro do cofre, senhor.

— Perfeito. Venha, Rebeca.

Saio do carro com as pernas um pouco moles com esse assunto de arma, até passarmos por um lindo jardim. É uma linda casa estilo duplex, mas ele me falou em apartamento.

— Seu apartamento é por aqui?

— Não. Mudei de ideia. — Nossa, o “Senhor Arrogância” está de volta.
— Essa casa também é minha.

Para que uma pessoa precisa de tanto teto?

Digita um código, e as portas se abrem, revelando mais uma linda sala. Essa casa tem mais o estilo dele. Há muito preto e cinza. A cozinha é estilo americano e, pelo que vejo, é completa. O sofá é enorme, e os quadros são lindos.

— Suba. — O homem já está na escada, e eu não notei. Acompanho-o e vejo a sala de TV e de jogos, bem casa de homem mesmo. — Você vai ficar neste quarto. O meu fica no fim do corredor. Terei que sair agora, então fique à vontade para fazer o que quiser.

— Eu vou ficar aqui sozinha?

— Vai. Qual o problema?

— Aonde você vai? — pergunto sem querer demonstrar meu medo de ficar em uma casa desconhecida.

— Não muito longe. Se eu ficar aqui, farei uma besteira, ainda estou puto com você!

— Eu não quero ficar aqui! — eu digo, pronto!

— Não quer? Acha que está em meus planos ter que ficar longe de você para não cometer uma merda?

— Caio...

— Não me faça perder o fio de paciência que me restou nesta noite, Rebeca! Você não vai gostar nem um pouco de conhecer essa minha face. — E com isso sai, deixando-me à porta do quarto.

Entro no cômodo com vontade de trancar a porta, mas, para minha grande decepção, não tem tranca. Maldito! Eu não vou ficar rodando pela casa. Opto por tomar um banho. Que banheiro é esse? E essa banheira? Tem todos os produtos femininos devidamente lacrados. Tiro meu vestido e vou tomar uma ducha quente. Sem sombra de dúvidas, eu poderia me casar com essa ducha!

Quando termino, coloco um roupão e pego uma toalha para secar meus cabelos. Pelo menos o banheiro tem tranca. Na cama há uma camisola de

seda na cor roxa e um conjunto de *lingerie* da mesma cor. Nossa, ele pensou em tudo e ainda entrou quando eu estava no banho, mas me evitou.

Hidrato meu corpo, troco-me e vou pegar minha bolsa para tomar minha pílula, o que já passou da hora. Mas cadê minha bolsa? E meu celular? É brincadeira, só pode!

— Caio? — saio chamando por ele pela casa, mas nem sinal do bastardo! Vou até a porta, e a mesma está trancada. Eu estou sozinha!

Vou até a copa, abro a geladeira e tomo um pouco de suco de laranja. Quando volto para o "meu quarto", já passa das 3h da manhã, e nada dele. E o sono, que não vem? Fico acordada, rezando para adormecer. Nada! Já passa das 4h, e começo a me entregar ao sono, até que ouço o barulho de um carro, mas como, se o carro foi embora e só ficou a moto com que Caio veio e saiu?

Aquele maldito está onde? O que vou fazer? Vou me deitar e fingir que dormi. Noto passos na casa. A porta do quarto se abre totalmente, e alguém caminha pelo cômodo, fica parado e depois se senta ao meu lado na cama e alisa a minha perna. É homem e, pelo toque, não é Caio. Não me mexo até que a pessoa vai embora. O carro depois de algum tempo também se vai. Pego a colcha e o travesseiro, levo tudo para o banheiro. Lá tem tranca, e eu vou dormir na banheira!

Sou acordada ao som de gritos do outro lado da porta. Minha nossa, minha cabeça está explodindo. E esse homem gritando feito um maluco?

— Abra essa merda agora, Rebeca! Eu vou colocar essa droga de porta no chão!

— Calma aí, moço — digo abrindo a porta, ainda um pouco sonolenta. Ele invade o banheiro e nota meu ninho na banheira.

— Não gostou da cama?

— Muito engraçado você! Ha, ha, ha — digo sarcástica.

— Posso saber o porquê de tudo isso?

— Você me abandonou aqui, e alguém entrou na sua casa.

Vejo seus olhos se arregalarem um pouco.

— Impossível — responde na maior cara limpa.

— Eu não estou inventando, Caio! Alguém entrou e se sentou na cama, alisou minha perna e se foi! E não veio sozinho. Por isso, tranquei-me no banheiro.

— Vou ver nas imagens.

— Vá, que eu vou dormir!

— Na cama.

Mandão dos infernos! Não sei quanto tempo se passa até que ele volta e fica sentando na cadeira ao lado da cama, observando-me. Quando abro os olhos, noto que ele tomou banho.

— Entraram na casa. E quem entrou sabia o código de segurança e do cofre do escritório.

— Você faz alguma ideia de quem era? Como sabiam que você estava aqui?

— Não faço a mínima ideia, mas vou descobrir. A minha equipe já está aqui. Temos oito homens armados na casa, duvido que voltem!

— Caio, ele me tocou. E se ele voltar?

— Eu o mato!

— Por isso você tem uma arma?

— Não. Por isso que temos um arsenal em casa. Eu havia deixado a minha em meu carro. Somos advogados, recebemos ameaças a todo instante, eu principalmente, por ser criminalista.

— Você defende ou acusa?

— Acuso mais do que defendo — responde como se fosse normal ser um criminalista hoje em dia. Vive com uma arma apontada na cabeça. Meu Deus, entraram aqui ontem para matá-lo!

— Oh, meu Deus. Ele me tocou, alisou minha perna. — Começo a chorar, pensando no que poderia ter acontecido comigo.

— Calma, estou aqui agora. A casa está mais que protegida. Quem entrar sem permissão não vai respirar por muito tempo.

— Quero ir embora, me deixe ir embora — peço chorando.

— Você não vai sair daqui, Rebeca. Depois do que houve ontem é que você não vai mesmo. Ainda não descobri quem entrou na casa, e se a encontrou aqui, deve estar procurando saber quem é você.

— Eu tenho trabalho, Caio. Não posso me dar ao luxo de tirar férias dele. Meu irmão está voltando no domingo, se eu não estiver em casa, ele vai me caçar!

— Irei resolver isso.

— Não vou parar minha vida por causa do que houve aqui!

— Rebeca. Quem quer que seja, tinha acesso ao código e sabia a direção das câmeras, não conseguimos visualizar seu rosto. Não sei se é alguém próximo a mim, mas deve ser bastante louco para vir me procurar!

Não vou arriscar você solta por aí. O assunto está encerrado!

Bastardo, sempre tem que dar a última palavra.

— E sua noiva?

— Estou resolvendo isso também! Coloque esse vestido e venha, fiz seu café.

O assunto é encerrado. Não consigo discutir com esse homem. Tomo meu café da manhã, volto para o quarto, que agora tem uma tranca. Uma equipe está andando pela casa, fazendo ajustes nas câmeras. Mudaram o código de acesso à casa. Ainda não consigo entender o porquê de eu estar aqui com Caio e não em meu apartamento. Pelo menos ele não está mais com raiva de mim, está tomado por todo esse assunto de segurança. Eu quero minha casa.

— Rebeca, venha aqui! — chama-me no fim do corredor, está no quarto. Bato à porta e entro. O quarto dele é três vezes maior que aquele em que me colocou. Ele está muito bem em uma calça de moletom e regata pretas.

— O que quer, Caio?

— Venha aqui. — Vou, o dono do mundo está me chamando. — Em minha casa todos estão cientes de que você está comigo. — Olho para ele confusa. Ele contou para a família que está aqui comigo? — Como você cursa direito, disse que estava precisando de uma estagiária para me acompanhar em uma viagem. Seu irmão e sua amiga também já estão sabendo.

— E sua noiva?

— Ela sabe o mesmo.

— Claro — respondo sem olhar para ele.

— Sem gracinhas, agora.

— Diz isso por que não é você.

— Diga, Rebeca. Qual é o seu problema?

Pergunta idiota!

— Preciso mesmo responder?

Ele passa a mão pelo cabelo.

— Às 15h ligue para seu irmão e confirme. Entendeu?

Eu odeio quando ele diz: *entendeu?* Ele está possuindo minha vida, impondo-me limites como se houvesse um contrato assinado entre nós. Realmente, estou muito ferrada! Desde ontem que ele não me toca, está

distante e preocupado. Quem quer que tenha entrado na casa não me machucou, mas o deixou muito perturbado.

Ligo para meu irmão, que está feliz pela minha condição de estagiária. Nem sonha com o que realmente está acontecendo comigo. Lis não é tão boba e me diz logo que quer saber de tudo, mas como eu posso contar com Caio na minha frente escutando cada palavra minha? Assim que desligo o celular, ele o toma de volta e, no mesmo instante, o seu aparelho toca. Pela careta que faz, só pode ser *ela*. Saio de perto dele, mas ainda consigo ouvi-lo.

— Diga — responde friamente. — Não tenho uma data, Mari. Quando eu voltar, você saberá! O que você está dizendo? Não houve nada. O que você acha que eu possa ter com a afilhada da Lu? Sim. Só relação patrão e empregada...

Não consigo mais ouvi-lo. É isso, sou um brinquedo em suas mãos. Arrasta-me para essa maldita casa, mentindo para todos, e ainda deixa clara minha posição para sua noiva? Eu tenho que sair daqui e vou!

Estou na varanda quando ele entra no quarto. Como se nada tivesse acontecido, abraça-me por trás. Tento me afastar, mas é inútil.

— Diga de uma vez qual é a porra do seu problema, Rebeca!

— Você é meu problema. Ficar nessa casa com você é meu problema.

— Eu pedi para ter paciência.

— Quer saber, Caio? Cansei!

Deixo-o na varanda, vou para o banheiro e me tranco. Preciso ficar longe desse bastardo. Não consigo conter as lágrimas que me vêm sem cessar. Tudo em minha vida está dando errado, e ainda tem esse homem para me atormentar.

Guardei-me tanto tempo para acabar entregando-me para o homem mais complicado que já conheci em minha vida. Não posso dizer que me arrependi, seria uma mentira, mas não sei se fiz o que era certo. A forma como me trata na maioria das vezes me machuca muito.

De repente tenho um susto com ele batendo à porta do banheiro.

— Está se escondendo de mim ou voltou a trocar a cama pela banheira? Abra a porta agora.

— Não quero falar com você.

— Posso saber o motivo da revolta?

— Não existe revolta aqui, só vontade de ir para casa.

— Então pode continuar trancada aí. Para sua casa, você não volta!

Com essa determinação tomada, ele sai do quarto e fecha a porta com tanta força que abala a do banheiro. Estou me sentindo um verdadeiro lixo. Como posso me apaixonar assim por ele? Caio tem uma noiva, deixou bem claro meu lugar na sua vida. Quer-me aqui para quê?



Passam-se quatro dias, e continuo o evitando. Por outro lado, ele está me dando espaço. Acho que entendeu ou deve estar pensando em tudo que houve nos dias que se passaram. Não houve mais nenhuma tentativa de ele falar comigo. Deve estar muito puto da vida.

Estou morrendo de fome, passei o dia dormindo. Vou ter que descer, mas antes, quero um banho. Tomo um banho calmamente e coloco um roupão. Não tenho roupas comigo e, quando chego ao quarto, também não há nenhuma, diferente da noite passada. Apesar de ficar no canto dele, Caio sempre deixou roupas para mim. Saio do quarto e vou até as escadas. A casa está quieta. Vou para a cozinha, e ele está lá, vestido apenas com uma calça jeans preta. O homem não tem um corpo normal desse mundo. Força na peruca, Rebeca.

— Resolveu sair da toca? — faz a pergunta dando-me um lindo sorriso. Ele bem que poderia ter algo feio nele, mas não, tem que ser assim, lindo!

— Onde tenho roupas?

— Você tinha, agora não tem mais!

— Como assim? Vou ficar apenas de roupão?

— Sim, vai. Agora venha comer, fiz uma massa.

— Eu não quero comer. — Mentira, estou morrendo de fome.

— Não tem problema, forço você a comer.

— Como?

Quando menos espero, ele está em cima de mim, prendendo-me à parede, colocando minhas mãos acima da minha cabeça. Fecho os olhos; não quero que ele veja minha reação a ele.

— Abra os olhos, Rebeca.

— Não!

— Abra agora!

Sou muito covarde e abro meus olhos para dar de cara com ele

olhando-me de cima. O infeliz está sorrindo.

— Você vai comer. Não quero você fraca. Tem uns dias que não como você e estou faminto. — Pronto, minhas pernas foram ali dar uma volta e me abandonaram. Fico completamente mole em seus braços. Ele começa a me beijar no pescoço e a se esfregar em mim. — Você me quer, Rebeca?

— É errado querer você.

— Responda à pergunta.

— Quero. — Como sou fraca!

— Então venha jantar comigo.

— Isso não é o certo, Caio.

— Quem sabe o que é certo para minha vida sou eu. Vamos.

O bastardo sabe me enrolar direitinho. Estou morrendo de fome, e a massa parece divina, o molho, mais ainda.

— Não sabia que cozinhava.

— Todos nós sabemos, ou melhor, Alex e eu. Nina não gosta muito. Como estudamos fora, aprendemos a nos virar. Agora, me fale sobre você.

— Meus pais moram no interior, só têm eu e o Davi de filhos. Meu pai trabalhou a vida toda como corretor de imóveis, já minha mãe sempre cuidou da nossa educação. Não tem nada de muito especial em minha vida.

— E o curso? Está gostando?

— Eu tranquei o curso faz um tempinho.

— Por que fez isso?

— Meu pai é apenas um aposentado, perdi minha bolsa integral e não posso pedir a ele que pague. É muito caro para ele arcar com isso. — Ele me olha atentamente, então continuo: — Davi é formado em administração faz apenas um ano e não recebe muito, mas mesmo assim me deu um carro do qual ele paga a prestação, que não é muito cara.

— Eu pago — diz por fim.

— O quê?

— Vou pagar sua faculdade.

— Não, Caio. Eu não quero isso.

— Mas eu quero, e está resolvido. No próximo período você irá voltar e também vai estagiar no escritório.

— Não vou aceitar isso.

— E por que não? Me explique.

— Caio, às vezes eu acho que você não pensa. — Faz uma careta para

mim. — Você está noivo, a qualquer momento irá se casar, e eu não vou permitir que fique bancando meu futuro.

— Não vou me casar tão cedo. Um empréstimo você aceita?

— Não quero seu dinheiro, Caio.

— Está certo, depois iremos voltar a este assunto. Agora eu quero minha sobremesa.

— Você quer que eu faça algo para você? O quê? Mousse?

— Não, quero algo mais doce.

— Pudim? Não sou muito boa em pudim, mas posso tentar.

Ele está sorrindo.

— Não quero que me faça nada! Você é minha sobremesa. Para o meu quarto, agora! — Fico toda arrepiada. — O que está esperando, Rebeca? Quer ser fodida no chão da cozinha? Para mim, não é nenhum problema.

Vou para seu quarto com ele me escoltando. Não preciso me virar para sentir sua excitação por mim. Entramos, ele fecha a porta, puxa-me pela cintura e beija meu pescoço.

— Você vai pagar a raiva que senti na festa dos meus pais. A parte de você ter cantado, vou relevar, mas ouvir que havia beijado o otário do Miguel, não vou deixar passar — sussurra ao meu ouvido.

— Não houve nada demais, Caio.

— Você é minha!

— Eu não sou sua!

— Você sabe que é! Vou quebrar a cara daquele infeliz para ele saber também!

— Ele sabe disso. Ele mesmo me disse.

O bastardo sorri como um vencedor.

— Bom para ele saber!

As suas mãos passeiam por meu corpo, tiram meu roupão, e ele fica me olhando. Passo as mãos em sua tatuagem. Cada beijo que me dá é como se fosse o último.

Coloca-me em sua cama, deitando-se entre minhas pernas e alisando as laterais dos meus quadris. Suas mãos me tocam inteira. Cada parte minha clama por ele, que sabe disso. Acaricia meus seios, brinca com eles, colocando-os na boca e os chupando.

— Cabem em minhas mãos perfeitamente, foram feitos para mim — sussurra em minha pele. — Vou provar minha sobremesa agora.

Desce, beijando minha barriga, e fica entre as minhas pernas. Não consigo pensar com tudo o que ele está fazendo comigo. Lambe-me como se estivesse degustando a melhor fruta. Coloca um dedo dentro de mim, e me contorço de prazer. Coloca mais outro dedo, e fico na borda.

— Não goze! — manda, e sua voz não deixa brecha para brincadeira.

Contorço-me, amando a sensação. Sua língua alterna entre lamber e fazer pressão em meu clitóris.

— Caio... — choramingo, mas ele continua a me torturar.

Senta-se, ficando entre minhas pernas. Coloca os dois dedos que estavam em mim dentro da sua boca, depois flexiona os músculos abdominais, passando as mãos lentamente na tatuagem, que cobre parte do seu peitoral, descendo até o abdômen. Vai se tocar só para me torturar mais ainda. Fecho meus olhos.

— Abra os olhos, Rebeca.

Abro-os, e meu coração para.

Caio está se masturbando, com os olhos fechados e mordendo o lábio inferior. Nunca em minha vida compartilhei uma cena tão sexy. Ele não tem pena do seu membro. A cena é digna de gozar apenas olhando. Joga a cabeça para trás e geme. Quando me mexo para tocá-lo, dá-me um olhar frio.

— Ainda vai beijá-lo?

Esse homem está me matando por causa de um beijo? Se não o tocar, vou ter um troço aqui!

— Caio, não aconteceu nada demais.

Ele ainda se toca e me olha friamente.

— Responda!

— Não! Não vou. Nunca mais!

— A quem você pertence, Rebeca? — Sua voz está rouca e baixa, mas não camufla sua dominação.

— A você! Só você...

O sacana sorri torto e faz um movimento rápido, entrando em mim de uma só vez.

Procurro o ar para me adaptar ao seu membro movimentando-se em seu ritmo constante. Ele respira pesadamente em meu ouvido, beija e mordisca meu pescoço, sussurrando que sou apenas dele. Sinto ondas e mais ondas de prazer. Aperto-o, e ele geme, perdendo o controle. Gozo fortemente, chamando seu nome. Ele ainda se move na dança erótica dos seus quadris nos

meus e, com mais três movimentos, goza chamando meu nome também e depois cai sobre mim delicadamente.

Deita-se ao meu lado e me puxa para dormir em seu peitoral. Ainda o sinto alisar meus cabelos, mas não demora muito e acabo caindo no sono.



Não sei quanto tempo dormi, mas acordo com ele me olhando.

— Atrevida, me deve um banho.

— Claro, Senhor Mandão.

Vamos para o banheiro, e não posso deixar de admirar seu lindo corpo, seu cabelo negro e sua bunda. Nossa, que bunda!

— Apreciando a vista?

Fui pega!

— E tem como não apreciar?

Convencido!

— Vem, minha menina safada, vou te dar banho.

Vou para a banheira com ele, sento-me entre suas pernas e me deito em seu peitoral enquanto ele ensaboa meus seios. Posso sentir sua ereção nas minhas costas. Porém, como sempre, penso demais, imagino-o com a noiva nessa mesma posição. Fico tensa, e ele nota.

— O que foi?

— Nada.

— Diga, Rebeca.

— Você e a sua noiva já...

Responde antes que eu possa terminar a frase:

— Não, Rebeca. Ela nunca esteve nessa casa.

— Eu não entendo.

— O quê?

— Ela parece que gosta de você, mas é tão seco em relação a ela.

— É complicado, Rebeca.

— Me faça entender.

— Não. Vou fazer você gozar. Monte em mim. Vou te ensinar a cavalgar.

E assim o faz, sento-me, colocando minhas pernas nas laterais do seu

quadril. Caio posiciona seu membro em minha abertura, e desço bem devagar, sentindo cada centímetro dele.

Segurando meu quadril, ensina-me os movimentos como quer. Acho que estou fazendo ao seu gosto. Ele geme, joga a cabeça para trás e procura o ar sempre que pode. Eu o estou fazendo sentir isso. Passamos minutos nesses movimentos, até que gozo chamando seu nome, e ele me aperta à procura do seu clímax. Quando chega, fecha seus olhos e chama meu nome.

Sáimos do banheiro, e ele me dá uma camisola de seda amarela com *lingerie* combinando. Coloca uma calça de pijama na cor azul-marinho.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Faça.

— Por que você só usa cores escuras?

— Eu gosto. Te incomoda?

— Não, só acho estranho isso em você.

— Aposto que não para por aí sua lista de estranhezas ao meu respeito.

— Realmente não, mas o que mais estranho é a forma como trata sua noiva. — Nesse momento, ele fica parado olhando para mim, pensativo. Algo está errado. — Algum problema?

Fica calado.

— Fiz de tudo para mantê-la longe de mim, mas você me atrai de uma forma inexplicável. Tenho sentimentos por você. Minha vida é uma porra complicada.

— Pode me dizer o que quiser, Caio.

Segue até a varanda e respira fundo. Depois de um tempo, responde-me:

— Ela está grávida, Rebeca.

— O quê?! — Sinto meu coração gelar.

Sento-me na espreguiçadeira da varanda sem forças nas pernas. Meu coração bate descompensado em meu peito, chegando ao ponto de doer. Nunca um filho passou por minha mente. Caio me olha, mas tudo o que eu consigo enxergar é um borrão à minha frente. Forma-se um bolo em minha garganta, e o desconforto é tão grande que chega a doer. Caio Telles acaba de rachar meu coração.

— Mari está grávida. Somos noivos há um ano. Quando fui acabar o noivado, ela me contou que estava com um mês de gestação. Pedi os exames, e foi confirmado. Ninguém sabe disso, peço sua discrição sobre esse assunto.

Ele acaba de me confessar que a noiva está grávida dele e ainda me pede discrição sobre o assunto?

— Você terá minha discrição sobre o assunto, senhor. Só peço que me deixe ir embora daqui imediatamente.

— Eu não lhe contei isso para você se martirizar. Preciso que entenda o verdadeiro motivo de eu estar noivo. Eu não quero mais tê-la ao meu lado. Irei assumir a criança e não irei desampará-la. Eu prometi isso.

— Não te pedi isso, Caio. Só quero ir embora. Eu já não gostava dessa situação, e com essa agora de você ser pai... Fui criada com um pai ao meu lado, sei a importância que ele teve em minha vida. Não quero ficar entre vocês. Entenda isso. Me deixe ir, Caio. Me deixe viver minha vida e vá viver a sua. Você terá um filho nos braços, e não quero estragar isso.

— NÃO, PORRA! — Está visivelmente perturbado.

— Não? Olha o que está me dizendo, criatura! Como quer que eu fique e aceite isso? Aceitar que você será pai?

— Não posso mudar esse fato em minha vida. Não serei o primeiro nem o último a viver uma situação desta, Rebeca. Me abri para você. Pedi que tivesse paciência. Eu quero você.

— Certo. Me responda só mais uma coisa, pode ser?

Anda à minha frente como um animal que acaba de ser enjaulado.

— Diga.

— Vai se casar com ela?

— Não. Já lhe disse que vou resolver isso!

— Sei.

— Não torne essa merda mais complicada do que já é, Rebeca. Prometi para Mari e não volto atrás em minhas promessas.

— Então vai ter uma vida dividida? Será que não passa pela sua cabeça que aquela mulher vai fazer tudo para ter uma família por completo? Eu não aceito metade, Caio. Não vou ficar entre você e uma criança. Sei que vai chegar o dia que vai estar dividido, e não quero estar ao seu lado quando esse dia chegar, tendo que ouvir sua decisão. Estou saindo da sua vida agora.

— É isso que você quer?

— Sim!

Pega o celular, e a pessoa atende no mesmo instante.

— Bruno, me traga o carro agora.

Vejo-o entrar no *closet*, retornando com minha bolsa e um vestido

novo. Não olha para mim, coloca tudo em cima da cama e sai, deixando-me sozinha no quarto. Visto-me e vou para a sala. Ele não está nela. Bruno aparece, ficando parado feito um poste, me olhando.

— A qualquer momento podemos ir — diz.

— Vamos. — Saio sem olhar para trás, mas ainda posso ouvir Caio quebrar coisas em alguma parte da casa.

Caio é um homem que vive a vida conforme seus limites, e a partir de agora estou fora deles. Definitivamente fora!

Depois de um tempo, chegamos ao meu prédio. Entro e desabo no sofá, chorando tudo que está preso dentro de mim. Consegui ser forte o suficiente para não chorar na sua frente. Meu irmão voltará logo de viagem, e preciso me recompor.

Vou à minha bolsa pegar meu celular, que está desligado, e ligo-o. Fico lembrando as ordens que Caio me dava e todas as suas chatices. Amo-o. Deus, eu amo esse homem, mas estou desistindo dele em minha vida.

Eu não posso mais ficar em casa esperando a dor sair do meu peito sem fazer nada. Como ele mesmo disse, todos sabem que eu estava com ele, então eu não posso voltar para o trabalho. Preciso fazer alguma coisa para não pirar dentro do apartamento, e é então que meu celular toca. Olho para a tela, e é Miguel.

— Oi, Miguel.

— Oi, princesa. Está tudo bem?

Acho que ouvi um pouco de dúvida em sua pergunta.

— Está, sim.

— Posso te pegar para almoçar, se for da sua vontade.

— Claro. Me dê 30 minutos?

— Estarei aí! Beijos, princesa.

— Beijos.

Corro para o banheiro para tomar um banho rápido, deixo meu cabelo molhado mesmo, não tenho tempo para escovar. Coloco um short jeans azul não muito curto com uma blusa branquinha justa e minhas sapatilhas na cor bege. Não estou com clima para me maquiar, mas ainda tenho coragem para um corretivo e um pouco de pó para camuflar minha aparência de velório. Passo um batom na cor rosa e estou pronta. Pego minha bolsa e desço para esperar Miguel, que já está me aguardando encostado ao seu carro.

— Sempre linda, princesa! — Abraça-me amigavelmente.

— Obrigada, você também está muito bonito!

— É tudo para você!

Coro na mesma hora. Entro no carro, e ele fecha a porta para mim. Quando passa na frente do carro e para no lado do motorista, noto que está de calça jeans azul-clara com uma camisa polo vermelha. Miguel é um homem bonito.

O caminho para o restaurante é bastante animado, rimos muito quando ele diz que é um idiota por ter se comportado mal comigo na noite da festa. Ao chegarmos ao restaurante, minha fome aperta. Pedimos o que queremos e conversamos sobre nossas famílias. É muito bom estar com alguém que não confunde sua cabeça. Meu celular dá um toque de mensagem, e quando o abro, é *dele*.

Pode voltar para o trabalho, avisei que a viagem teve seu término. C. T.

É um verdadeiro arrogante, esse bastardo, mas eu terei que voltar. Preciso do dinheiro, e minha madrinha precisa de mim. A partir de hoje, Caio Telles é uma página virada em minha vida.

— Miguel, poderia me deixar no trabalho?

— Claro que sim, fico mais que satisfeito em te fazer esse favor, princesa!

Saímos do restaurante e vamos direto para o meu trabalho. Miguel me deixa no portão e segue para o trabalho dele. Assim que passo pelos portões e caminho pelo jardim, o carro do Caio passa por mim. Em seguida, outro carro na cor prata o segue. Dou de ombros. A vida dele não me interessa mais. Eu tenho que seguir em frente!

Vou direto para a copa. Minha madrinha está lá, tomando um café. Assim que me vê, abre o meu sorriso preferido. Jogo-me em seus braços e a aperto forte.

— Minha flor, tudo isso são saudades? Como foi a viagem de volta?

— Foi tudo bem — respondo sem jeito.

— A Nina está louca para falar com você, mas teve de sair com a mãe.

— Quando ela chegar, vejo o que quer comigo. Vou trocar minha roupa agora.

Vou trocar de roupa no apartamento da minha madrinha, já que ela

deixou um espaço nas gavetas para mim. Quando estou fazendo meu caminho de volta, a noiva do Caio está na área da piscina e, quando me vê, faz um gesto com a mão, chamando-me. Que ódio dessa mulher!

— Pois não.

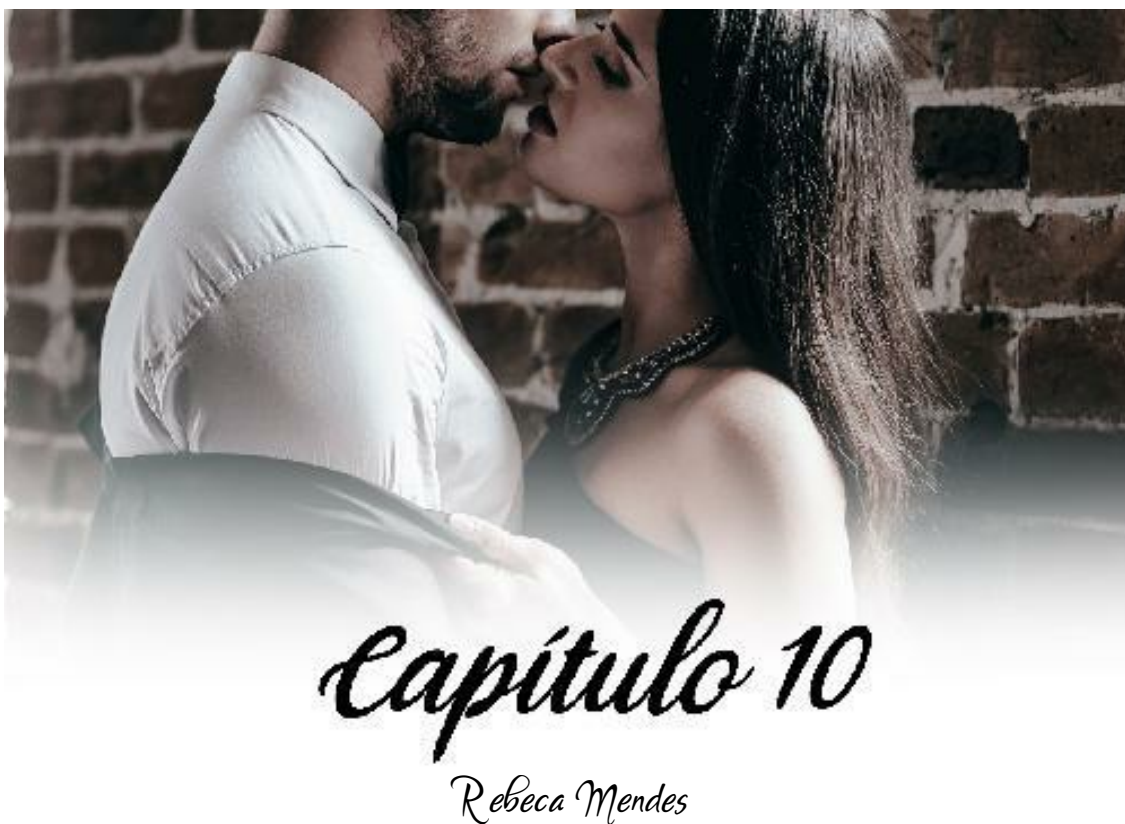
— Quero que me diga se viu Caio com alguma mulher nesta viagem? Ele está mais estranho que o normal desde que voltou.

Nossa, por essa eu não esperava! Que vontade de dizer: *estava comigo, mas tive que o deixar por seu filho*.

— Não notei nada de estranho.

— Ele está vindo, pode ir fazer o que tem que fazer!

Cobra metida! Não olho para saber se ele vem mesmo em minha direção. Caio Telles não faz mais sentido para mim.



As semanas passam. Meu irmão e Lisa vivem agarrados mais que o normal. O ruim é que eu sempre termino minhas noites sozinha; sem Davi em casa, acabo-me de chorar por causa de um coração ferido.

Continuo evitando Caio, mas me parece que ele entendeu o recado, pois na maioria das vezes não aparece na casa. Todavia, quando o faz, não para de me olhar.

Desde o dia da declaração de que ele seria pai, uma enorme dor me faz companhia quando estou sozinha. Nas poucas vezes em que ele está na casa, olha-me duramente, como se estivesse com raiva de mim. Finjo que não estou vendo. Pior é ter que assistir à cena da noiva tentando beijá-lo, mas como é muito alto, ele ergue o queixo.

Continuo fingindo que não o vejo e coloquei na cabeça que a reação dele não pode significar nada para mim. É noivo e será pai. Se eu estivesse no lugar dela, não iria suportar perdê-lo para outra.

Certa vez, ela estava toda animada falando sobre a data do casamento, que não poderia ser muito tarde. A família estava toda reunida e absorvida pelo assunto. Eu não conseguia ver animação por parte dele, mas ele estava lá com aquela aliança em sua mão. Como eu nunca notei aquela porcaria de

aliança? Talvez porque seja diferente, parece mais um anel do que uma aliança, na verdade, mas é igual à dela.



Na noite em que faz quase 15 dias que não nos falamos, ele está lindo na sala principal, olhando para a noite com um copo de uísque na mão. Usa uma calça jeans preta que se agarra em suas coxas perfeitamente, com uma blusa de algodão verde-escura. Quando se vira, vê-me arrumando o vaso de flores e fica lá me olhando, mas desvio o olhar.

— Rebeca?

Sem olhar em seus olhos, dou dois passos na sua direção.

— Deseja algo?

— Precisamos conversar

— Não temos nada para conversar.

— Rebeca. Eu errei com você. Sei que errei.

— Você não errou sozinho. Eu tenho uma parcela nessa história toda. Mas acabou, e realmente não tenho motivos para querer conversas.

— Pensa assim? Acha que não temos motivos? Pensa, Rebeca?

Nina entra na sala e nota o clima estranho.

— O que está acontecendo? — pergunta olhando para nós dois. Eu faço meu caminho para fora da sala.

— Você aconteceu! — Caio diz para a irmã, puto da vida.



Quando vou ajudar a servir o jantar, sinto um enjoo tão grande que tenho que sair correndo da sala e ir direto para o banheiro. Quase coloco meu coração pela boca. Nunca mais vou exagerar em um rodízio de pizza!

— Abra a porta, Rebeca — exige Caio. Isso só pode ser castigo!

— Vá embora!

— Abra essa porra de porta se não quiser que eu a coloque no chão. — Ele realmente faria o que disse. Limpo-me e abro a porta. — O que você tem? — Seus olhos estão preocupados.

— Nada. Só comi algo que não me fez bem. — Ele vem se

aproximando de mim. — Pode parar aí mesmo.

— Precisamos conversar, Rebeca. Venha comigo ao meu apartamento.

— Não!

— Por que não? Sabe que estou ficando louco com essa merda de rejeição? Eu não sou o tipo de homem de sair correndo atrás de mulher, Rebeca. Me diga o motivo de não querer conversar comigo.

— Olhe a sua mão, Caio. Olhe para a porra da sua mão, esse é o motivo. — Passo por ele, mas sou puxada pelo braço.

— Eu quero que essa aliança se dane! Basta você pedir.

Fecho meus olhos.

— Eu pedir? Você manda que sua aliança de noivado se dane, e quanto ao seu filho?

— É diferente. Precisamos conversar. Me dê a chance de fazê-la entender tudo isso.

— Não tenho nada para conversar com você. Me solte, por favor!

— Não!

— Solte a Rebeca agora, Caio! — Nina aparece do nada e enfrenta o irmão.

— Não se meta nisso, Nina. Você não sabe porra alguma aqui.

— É preciso, irmão? Basta olhar para vocês e sentir o clima. Não é de hoje que sei de vocês.

— Com licença, vou terminar o serviço. — Deixe-os lá no corredor. Estou tão confusa com tudo e, para piorar, ainda estou me sentindo enjoada.



Depois dessa noite, faço de tudo para não ficar no mesmo ambiente que Caio. Continuo tendo um pouco de enjoos, mas não são constantes. Definitivamente, não como mais pizza.

Estou arrumando o quarto dele quando o telefone toca. Atendo ou não? Vou atender.

— Residência dos Telles.

— O que está fazendo no meu quarto?

Ser humano irritante!

— O que acha que estou fazendo?

— Cheirando minhas camisas?
Cretino.
— Não.
— Sua voz é sexy.
— O que deseja?
— Poderia dizer que desejo você. Nua sobre minha cama. Pernas abertas e sua boceta molhada querendo ser fodida por meu pau.
Eu acabo me sentando na cama. Minha calcinha definitivamente já era. Só a calcinha, não. Minha sanidade também me diz adeus.
— Está molhada para mim?
— Não.
Ele ri, e aposto que está mordendo o lábio.
— Está, sim. Deita na minha cama. Abre as pernas e se toca para mim. Se toca até gozar chamando meu nome.
Se ele falar mais alguma sacanagem, é o que vou fazer mesmo.
— Não vou fazer nada disto.
— Vai. Sei que vai. Boa tarde, minha Rebeca. — Ele desliga e deixa meu corpo em chamas. Bastardo de uma figa!



Minha vida está seguindo muito bem, até que fico doente por três dias e sem condições de trabalhar. A virose me pega de vez, não sinto fome e vomito tudo que consigo engolir. Estou tendo tonturas constantemente também.

No dia em que retorno ao trabalho até derrubo uma bandeja de chá aos pés de Dona Dora, que na mesma hora me manda ir para o apartamento da minha madrinha, descansar. Com a ajuda da Nina, que me faz um chá, o enjoou passa um pouco, mas ela me olha desconfiada.

— Tenho notado você esses últimos dias, Rebs. Acho melhor procurar um médico.

— Estou bem, Nina, é só uma bendita virose.

— Já procurou um médico?

— Ainda não.

— Posso te fazer uma pergunta? Mas é um pouco pessoal.

— Claro, diga.

— Faz quanto tempo que você está atrasada?

Meu mundo caiu! Eu realmente estou muito atrasada, mas como, se tomo pílulas? Droga, nos dias que passei na casa do Caio, não tomei, porque ele escondeu minha bolsa. Agora definitivamente estou ferrada com todas as letras!

— Não precisa responder, sua cara diz tudo!

— É que... Eu não sei o que tenho, Nina.

— Você pode estar grávida, Rebs. E mesmo que tente esconder, eu sei muito bem quem é o pai.

— Nina. Eu não estou grávida.

— Vamos, troque de roupa, vou levá-la à minha médica. Se você estiver realmente grávida, ninguém precisa saber, muito menos o Caio. Pelo menos, não agora.

O que ela acabou de dizer?

— O que você disse?

— Não precisa fingir para mim, Rebs. Eu notei sem ninguém precisar me contar nada, e sua madrinha também desconfia. Desde que você veio trabalhar aqui, Caio passa mais tempo em casa. No dia da festa dos nossos pais, ele te vigiava como um falcão, sem falar nas sumidinhas que vocês davam. Na sala, naquela noite, eu senti o clima e, quando você passou mal, ele não pensou duas vezes em sair correndo atrás de você. Ainda vai querer negar?

— Não temos nada de importante, Nina.

— Você está mais quieta, e ele está batendo no vento de tão irritado. Sempre que está aqui, passa a madrugada treinando. Vocês estão quebrados. É notável que existem sentimentos.

— Não sei se ele sente o mesmo.

— Pode ter certeza que sente. Agora vamos cuidar da minha sobrinha ou sobrinho! Vou ser tia, que felicidade! O enxoval é por minha conta!

Ela não sabe do filho da outra?

Vamos para a Dra. Beth, que é muito gentil comigo, examina-me e me pede para fazer um exame de sangue. Como a clínica tem laboratório, ficamos só aguardando o resultado. Não é outro, eu estou grávida de Caio Telles!

— Fique calma, Rebs. Vamos passar na farmácia para comprar as

vitaminas que a médica te passou.

— O que eu vou fazer agora, Nina?

— Se acalmar, e depois vemos como vai ser.

— Você vai contar para seu irmão?

— Você quer que eu conte?

— Não! Agora não.

— Certo, só não demore muito a contar. Do jeito que você está magrinha, essa barriga logo vai aparecer, e se puxar ao pai, será um barrigão dos grandes. Caio foi a maior barriga que minha mãe teve.

Termino meu trabalho e volto para casa. Tenho novamente a sensação de estar sendo seguida, mas não estou com cabeça para pensar no que é. Preciso falar com Lisa, que já deve estar me esperando em casa.

— Não surta, amiga. Um bebezinho seu e dele vai ser muito lindo! — Bate palminhas de tanta felicidade.

— Davi vai me matar!

— Não se preocupe com ele, e sim com seus pais.

Oh, meu Deus, eu estou tão, mais tão ferrada!



O tempo passa tão rápido. Ainda continuo trabalhando, mesmo com as reclamações da Nina. Caio está fora da cidade há dias. Para mim é ótimo não ter que o ver nesse tempo.

Já estou com dois meses de gravidez e continuo a sustentar meu segredo com as duas criaturas mais loucas da minha vida. No meu primeiro ultrassom, Nina e Lis quase foram expulsas da sala. Não tem como não sorrir com elas.

Miguel também ficou mais próximo depois que soube da minha gravidez. Fomos ao parque e fizemos algumas refeições juntos. Parece que nossa amizade venceu a vontade de ele lutar por mim.

Minhas roupas já dão algum sinal de uma barriguinha, mas só se olhar muito. Então começo a pensar que a gravidez da outra é meses mais adiantada que a minha. Ela também carrega um filho dele. Ela o tem por perto, mas eu, não.

Na sexta-feira, estou no quarto da Nina, deixando-a mimar minha

barriga. A tia babona comprou um urso para o bebê. Ela adora alisar minha barriga e pede que eu tire o uniforme para tirar umas medidas para as roupas que está desenhando para mim, e assim faço.

— Rebs, seus seios estão crescendo? Isso é um sonho!

Os meus seios estão um pouco maiores mesmo, e minha barriga já dá para notar também. Só que Caio não deve ter notado até esse momento.

Eu estou só de calcinha e sutiã no *closet* da Nina quando Caio entra e fixa os olhos em minha barriga.

— O que é isso, Rebeca?

Depois de tanto tempo, ouvi-lo dizer meu nome me faz sentir arrepios pelo corpo.

— Pode ir parando, Caio — Nina o adverte, mas é em vão, ele entra no *closet* e fecha a porta na cara da irmã.

— Te fiz uma pergunta.

— Não é nada, Caio.

— Nada? Uma porra que não é! — Anda de um lado para o outro com as mãos passando pelos cabelos.

— Só engordei um pouco.

— Pare de mentir para mim, PORRA!

— Não grite com ela, Caio! — Nina pede do outro lado da porta.

— Com você me entendo depois, Nina. — O silêncio reina do outro lado da porta. A ameaça está feita! — Você está de quanto tempo, Rebeca? E não tente me enganar.

— Dois meses.

— PUTA QUE PARIU! Quando você pretendia me contar? Na festa de um ano?

— Eu não ia te contar, Caio — eu disse, pronto.

— Muito esperto da sua parte. Grávida de um filho meu e não iria me contar! Porra!

— Esse filho é meu, Caio. Só meu!

— O caralho que é! Esse filho também é meu. Nós o fizemos juntos!

— Você já tem um, não precisa do meu. — Vejo algo em seus olhos que não consigo mais uma vez interpretar.

— Eu quero esse filho mais que minha própria vida!

— Me deixe em paz, Caio.

— Eu tentei! Falhei tristemente. Todo esse tempo longe de você acabou

comigo. Ver você me rejeitar acabou comigo. — Não tenho resposta para o que estou ouvindo, sinto-me do mesmo jeito. — Vou falar com seu irmão hoje, e a sua situação nessa casa irá mudar a partir de agora.

— Para que isso tudo, Caio?

— Isso agora não depende mais de você! Você também não vai mais sair por aí com o Miguel.

— Como você sabe?

O cretino sorri na minha cara. Se meu filho nascer com esse sorriso, eu terei problemas na minha porta. Aproxima-se de mim e passa os dedos por meus cabelos.

— Sei de cada passo seu. Só não descobri antes sua gravidez porque a espertinha da minha irmã a acompanhava em tudo usando o nome dela. Achei que ela estivesse grávida e vim aqui para dizer que ia matar o infeliz que a tinha engravidado. Mas, felizmente, ainda não serei tio. Estou feliz em saber que vou ser pai.

— E sua noiva grávida?

— Eu te pedi para ter paciência, vou resolver tudo. Eu ainda não acredito que não iria me dizer, Rebeca. — Olha-me sem acreditar que eu escondi a gravidez dele. Chega perto de mim, cheira meus cabelos, e eu já estou perdida em seus olhos. Beija-me delicadamente, segurando minha cintura contra seu corpo. — Me responda — pede, interrompendo o beijo.

— Eu não sei, Caio. Eu não queria ser mais um problema em sua vida.

— Você nunca será um problema. É a mãe do meu filho — diz, puxando um vestido da Nina. — Vista isso e desça daqui a uma hora. Entendeu?

Assinto e o vejo sair. O que ele irá fazer? Por que eu tenho que esperar tanto tempo para descer?

Coloco o vestido da Nina e saio do *closet*. Fico olhando as fotos no mural da sua parede. Não sei quanto tempo se passa até que Nina entra no quarto e me dá um sorriso.

— Venha comigo, Rebs.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não aconteceu nada. Só se mantenha calma, por favor.

— Estou calma, Nina.

Quando descemos a escada, vejo que há algumas pessoas na sala principal. Também vejo Caio com uma bolsa de gelo no queixo. Alex está ao

seu lado. O que houve com ele? Chegando à sala, olho para o outro lado e entendo o que houve. Davi está aqui.

Caio levanta-se e vem ao meu encontro, dando-me um beijo na testa. Fico sem ação com sua atitude na frente de todos.

— O que aconteceu com você? — pergunto olhando para o vermelhão em seu queixo.

— Seu irmão me bateu. — Essa é a coisa mais absurda que já ouvi. Como meu irmão bateu nele com todas as defesas que Caio sabe? Lendo meus pensamentos, ele responde calmo: — Eu deixei. Mereci esse soco, na verdade.

Olho para o Davi, que me fita com pena. Por que está me olhando assim? Saio de perto do Caio e vou na direção do meu irmão.

— Você sabe que ele está noivo, irmã? — Não está com raiva, mas demonstra que não gosta da situação.

— Soube depois.

— O que vamos dizer aos nossos pais? Já pensou sobre isso?

— Não, eu...

Nesse momento, o Senhor Telles levanta-se da cadeira e olha para mim.

— Rebeca, em nossa casa não existe desigualdade social. Você está esperando um neto meu, que também é meu sangue. Nós, Telles, temos preceitos, e nunca irei permitir que meu neto seja criado longe de mim. Se meu filho errou com você, mesmo sendo compromissado, saiba que não vai fugir da sua obrigação de pai. A partir de hoje você irá morar nessa casa, se for da sua vontade. Quando meu neto ou neta nascer, você voltará para a faculdade. Hoje mesmo entrarei em contato com seus pais. Meu filho, casando-se ou não com você ou com a noiva dele ou com quem quer que seja, não irá tirar o seu benefício de mãe do meu neto. — O homem é bom com as palavras. — Você terá todo o nosso apoio. Sem mais delongas, tenho esse assunto por encerrado. Tenham uma boa tarde, vocês.

— Obrigada, Senhor Telles.

— Por nada, minha filha, cuide bem do meu neto ou neta. — Com isso, retira-se da sala.

A Senhora Telles me olha como se eu fosse seu presente de Natal. Alex não para de sorrir junto com Nina. Todos estão felizes com a notícia da minha gravidez.

— Preciso falar com você em nossa casa. Vamos, irmã.

— Vou buscar minha bolsa. — Passo por Caio, que pega em minha mão, parando-me no lugar.

— Para onde está indo?

— Preciso conversar com meu irmão em casa.

— Me ligue, que vou buscá-la.

Assinto com a cabeça.

A ida para casa é silenciosa. Meu irmão até me dá um sorriso, mas não é o que eu gosto. Quando entramos, ele vai tomar um banho e diz que depois vamos conversar. Quando acaba o banho, vai para o meu quarto.

— Você acredita que Caio vai deixar a noiva dele por você e esse filho?

— Davi, eu sei que é complicado. Não tem como você entender tudo agora.

— Eu entendo que aquela família é podre de rica e pode tomar seu filho. É muita bondade, você não acha?

— Eu não vou permitir isso.

— Pequena, eu estou aqui para tudo, mas não poderei fazer nada com você dentro daquela casa. Quero acreditar nas palavras daquele senhor, mas não podemos esquecer o nome que ele possui.

— Eu entendo.

— Vamos sair para jantar. Hoje, você vai ficar aqui comigo. Ainda estou revoltado com você. Até Lisa sabia do bebê? — Faz cara de magoado. Sorrio; meu irmão está de volta.

— Vou tomar um banho rápido.

— Na volta, vamos ligar para os nossos pais — avisa-me.

O banho me acalma. Seco meus cabelos, hidrato meu corpo, faço uma “make” simples e coloco um vestido solto. Meu celular toca na bolsa quando o pego, vejo o nome do Caio na tela.

— Oi.

— Estou indo pegá-la.

— Vou ficar hoje aqui com meu irmão.

— Não. Você não vai. Estou indo pegá-la. — Desliga na minha cara. Que homem mais insuportável. Pensa que o mundo é movido apenas por ele, mas não, Senhor, Eu Sou o Dono do Mundo, eu não vou!

— Vamos? — Meu irmão chega ao meu quarto e sente meu aborrecimento.

— O que houve, pequena? Está sentindo algo?

— Caio está vindo para me buscar — digo sem olhar para ele.

— Mas não vai mesmo! Quem ele pensa que é?

O dono do mundo?

— Davi, ele tem alguns problemas de aceitação — tento explicar.

— Eu o curo! — diz-me mostrando os punhos.

A porta é aberta por Lisa. Graças a Deus, vai me ajudar com meu irmão. Duvido muito que Caio deixe que ele o toque agora.

— Estão prontos? — Lisa pergunta.

— Com você converso depois — Davi ameaça. — Vou descer agora!

Isso não é muito bom!

Fico conversando com Lisa sobre tudo o que aconteceu. Estamos na varanda, e vejo quando Caio chega em seu carro com uma caminhonete Hilux o escoltando.

Quando ele sai do carro, meu irmão aparece. Os seguranças estão ao lado do Caio, mas são dispensados apenas com um gesto de cabeça desse. Meu irmão e ele passam uns minutos conversando, até que Davi o manda entrar. Caio coloca a mão no ombro do meu irmão. Agora não entendo mais nada!

Mais minutos se passam até eles entrarem no apartamento como se fossem amigos de infância. Acho que estou definitivamente louca!

— Pequena, pegue suas coisas. Vamos todos jantar, e depois você vai embora com Caio.

O que ele disse para meu irmão baixar a guarda?

— Vamos, Rebeca, pare de pensar. Precisamos alimentar meu filho — Caio diz deixando um beijo em minha testa.

Vou para o meu quarto e pego algumas coisas, ainda pensando no que vi. Lisa entra e me puxa em um abraço apertado. O que raios Caio está fazendo com eles?

— É o melhor, amiga, para você e seu bebê.

— O que ele disse para vocês? Por que meu irmão está agindo assim?

— Ele apenas nos disse a verdade, amiga. Realmente se preocupa com você e com o filho. Está tudo ligado à sua segurança. Não tenha medo, mas há algum tempo ele vem recebendo fotos de você.

O quê? Para tudo! Estou sendo vigiada?

— Quem está fazendo isso?

— Ele ainda não sabe, mas mesmo durante o tempo em que vocês

estavam separados, ele sempre manteve escoltas com você.

Eu estava sendo protegida sem nem saber.

Somos tiradas da conversa quando ouvimos mais vozes na sala e, quando retornamos, há quatro homens vestidos de terno preto. Um deles é Bruno, o segurança particular do Caio. O que esse homem está aprontando agora?

— Me deixe apresentar seus seguranças, Rebeca. A partir de hoje, eles serão sua sombra. O Bruno irá ficar com você nos momentos em que eu não necessite dele.

Estou mais confusa que o normal. Não, eu estou mais confusa desde que Caio entrou em minha vida.

Bruno me faz as apresentações de “minhas sombras”. Eu estou morrendo de fome e sem um pingo de vontade de conversar com o Caio sobre tudo isso. Agora, eu terei Daniel, Anderson, Tiago e o Bruno. Coloco o apelido deles de B1, B2, B3 e B4. Sorrio, e Lisa me encara, sabendo da minha piadinha interna.

Vamos para um restaurante perto da praia. A comida é maravilhosa, acabo-me na sobremesa, torta de chocolate. Não a divido com ninguém, nem mesmo com Caio, que passa o jantar todo olhando-me como se eu fosse o enfeite mais lindo desse local luxuoso.

Meu irmão e Lisa resolvem esticar a noite. Caio leva-me para sua cobertura, que fica próxima à praia. Fico pensando na cara dos meus pais depois que Caio contou tudo e marcou nossa ida até a cidade deles para o próximo mês.

A sua cobertura é deslumbrante, não tem nada de parecido com a casa, embora ela também seja muito elegante. Essa cobertura tem um ar clássico, e sua biblioteca é um sonho para qualquer advogado. Todavia, não presto tanta atenção, pois Caio tem que me contar tudo que está havendo.

— Caio, preciso saber tudo que está acontecendo.

— Você não precisa se preocupar com esse assunto. Não fique pensando nisto. — Isso significa que ele não irá me dizer nada. — Vou ter que sair agora. Nosso quarto é a suíte máster na ala à sua esquerda. Não vou demorar. Bruno está na sala da segurança, qualquer coisa ligue; há interfones por todo o apartamento.

— Me trouxe para seu apartamento para me deixar sozinha?

— Já disse que voltarei logo.

— Posso saber para onde você está indo?

— Resolver minha vida.

Vai falar com ela, tenho certeza. Dá-me um beijo e vai.

Mais uma vez, fico sozinha em uma das suas habitações. Vou até a suíte máster dele. Estou com calor, abro as portas da varanda, e a vista é linda. Eu poderia passar horas aqui, admirando a praia. Vou até minha bolsa, tomo coragem e ligo para minha mãe.

— Mãe?

— Filha! Como você está? E o bebê? O seu noivo me contou tudo. — Para tudo! Noivo? — Foi uma luta para seu pai aceitar sua situação, mas conseguiu, está mais calmo agora.

— Me desculpe, mãe.

— Minha menina, essas coisas são normais hoje em dia. Pelo que deu para notar, o rapaz é muito corajoso e apaixonado por você. — Tenho certeza de que Caio tem a ver com toda essa calma da minha mãe. — Estou ansiosa para que venha no próximo mês, quero ver sua barriguinha linda. Se alimente bem, meu amor.

— Sim, mãe. Te amo!

— Também te amo, filha. Cuide-se.

Já passa das 22h, e nem sinal de Caio ainda. Fico no dorme e acorda até que me vem um enjoo enorme e tenho que correr para o banheiro. Coloco para fora todo o meu jantar. Tiro minha roupa e entro no banheiro. As duchas dele sempre são maravilhosas. Deixo a água escorrer por todo o meu corpo, deixando tudo o que aconteceu no dia sair de mim.



Passar todo esse tempo longe da Rebeca tirou meu ar a cada dia. Amaldiçoei cada minuto da minha vida por ter permitido que ela me deixasse. Quero apagar da minha existência aquele maldito dia.

Passou-se tudo em minha cabeça, principalmente o momento quando a tive em meus braços pela primeira vez, entregando-se a mim. Seu gosto nunca vai sair de mim. Ela nunca vai sair do meu corpo. Seus olhos foram o que me seguraram. Vi-me através da sua inocência, tive que ser hostil para

me manter seguro dos seus encantos, mas já estava perdido desde que fui falar com Bruno na sala de segurança e a vi tão meiga admirando as obras de arte na biblioteca. Perguntei-me: *Quem é ela?*

Rebeca não me conhece por inteiro. Não sabe do meu passado. Entretanto, não vou manchá-la com o que já passou.

Cada maldita foto que recebo me mata por dentro. Preciso descobrir o quanto antes quem são os malditos que andam seguindo seus passos. Agora, virou questão de honra para mim.

Quando entrei no quarto da Nina e a vi alisando a pequena barriga, minha vontade foi de cair aos seus pés. Ela é a mulher da minha vida, e agora com um filho nosso, eu não posso deixá-la ir nunca mais.

Estou chegando à casa da Mari, necessito resolver essa situação. Querendo ou não, há muito tempo que não temos mais os mesmos sentimentos, ou melhor, eu não tinha muito antes mesmo de ela declarar sua gravidez.

Ligo para o Bruno para saber da Rebeca. Sou informado de que minha morena está na suíte. Tenho que voltar para ela o quanto antes.

Chego ao apartamento da Mari. Não coloco o carro na garagem, passo pela portaria e pergunto se ela está. No elevador, as chaves queimam em minha mão. Não é de hoje que tenho vontade de devolver essas chaves, há muito tempo não tenho relações sexuais com a Mari, mesmo com todas as suas tentativas.

Conto até cinco antes de abrir a porta. Ela não está por perto.

— Mari? — chamo, olhando para algumas fotos minhas que ela teimou em espalhar pelo apartamento,

— Caio, que surpresa! Faz tempo que não aparece.

Ela me abraça, mas não correspondo.

— Precisamos conversar, Mari — digo, na tentativa de tirá-la dos meus braços.

— O que está acontecendo? Por que está assim?

— Eu não posso mais continuar com isso.

— Não estou te entendendo, meu amor.

— Vou ser direto.

— Sei disto — ela fala com expressão confusa.

— Está acabado.

— Como é? Como assim? E esse filho, Caio? Você está me

abandonando com essa criança? Que tipo de canalha é você? Você prometeu!

Encaro-a com meu melhor olhar *cale-se!*

— Em nenhum momento eu disse que vou desamparar a criança! Eu não posso continuar nessa situação com você.

Neste momento ela está desabotoando o vestido, revelando-me sua barriga um pouco maior que a da Rebeca. Merda! Vai apelar para o drama. Ferrou-se, querida, vim preparado para ganhar essa causa!

— Isso comprova a gravidade da situação? Eu queria tirar, Caio, e você não deixou! São malditos cinco meses engordando, me sentindo mal e tentando ter paciência com seu humor. E agora você vem dizer que quer me deixar? Só pode ser uma brincadeira! Me diga que é isso, Caio. Eu amo você.

— Você pensa que me ama.

— Eu amo! — ela afirma séria.

— Não sinto mais nada por você. Acredito que consiga notar que não posso e não quero mais continuar com isso tudo.

— E o nosso amor?

Deus!

— Eu não te amo. Eu nunca te amei. E nunca vou te amar. Nunca escondi que nunca poderíamos chegar a esse patamar.

— É o meu ciúme? Eu faço tratamento. Faço o que quiser, mas não me deixe. Eu não posso viver sabendo que não vai estar mais em minha vida. E essa criança?

— Não piore as coisas. Estou indo da sua vida, não da vida dessa criança.

— Vou contar aos seus pais da minha gravidez. Vou dizer que você vai ser pai.

Filha da puta, está ameaçando o homem errado!

— Não pense em me ameaçar, Mari.

— Você quer me deixar. Seus pais prezam a família. Vou dizer que você será pai.

— Eles já sabem.

— Sabem? Mas você não me disse nada.

— Sabem, mas não desse filho.

— O quê? Isso só pode ser um pesadelo! Quem você engravidou, Caio?

— Não interessa. Aqui estão as chaves do seu apartamento. — Colo o chaveiro na mesa.

— É ela, não é? Rebeca. Você está me trocando por uma empregada? É isso mesmo?

— Não a trate assim, porra! Ela é a mulher que eu quero na minha vida.

— Você a engravidou. Você me traiu?

— Nunca traí você. Sempre disse que estava acabado. Você que nunca quis acreditar. Sempre vivendo uma fantasia da qual eu nunca quis fazer parte. Sempre fui sincero com você.

— E o seu filho aqui, Caio? Você também o quer em sua vida?

— Ele, sim!

— E eu?

— Não tente forçar mais do que já tem feito. Espero que possa viver com isso.

Saio sem olhar para trás. Não penso em nada, só no peso que tirei das minhas costas. Eu não a amo. Não a quero. Tenho que resolver as coisas por essa criança que nunca irá deixar de ter minha proteção. Eu prometi.



Rebeca Mendes

Tento assistir a um pouco de TV na sala, mas não estou interessada em nada. Resolvo ouvir um pouco de música.

Sou acordada sendo carregada. Mesmo de olhos fechados, sei que é Caio, meu corpo o sente. Ele me coloca de volta na cama, e durmo em seus braços sentindo seu cheiro e ouvindo as batidas calmas do seu coração.



— Bom dia, minha morena.

— Bom dia!

— Você é linda, sabia disso?

Faço que não com a cabeça enquanto ele me beija e me aperta. Acho muito fofo quando ele beija minha barriga dizendo que ama o bebê. O que me faz lembrar da outra criança.

— Caio?

— Hum? — Levanta a cabeça para olhar para mim. É lindo, parece um anjo com esses olhos verdes.

— Resolveu seu problema ontem?

— Está resolvido — responde com sua habitual frieza.

— Seu problema era ela?

— Vamos tomar um banho? Você precisa comer — desconversa.

Fazemos amor preguiçoso e tomamos banho juntos, depois assisto a Caio colocar mais um dos seus ternos de três peças que o deixa com ar superior, mas a sedução está em cada passo que dá. Tomamos café da manhã juntos e combinamos de almoçar na praia. Caio sai para trabalhar, e eu vou organizar minhas coisas, que ele mandou buscar em meu apartamento. Que homem mais controlador, meu Deus.

Depois que está tudo organizado, quero sair para tomar um pouco de ar e andar na praia, que não fica muito longe. Tenho que ir com dois de "minhas sombras", que sou obrigada a aturar, mas peço que não fiquem colados em mim.

A praia está linda, sento-me na areia e fico admirando o mar, até que uma voz que eu conheço muito bem chega aos meus ouvidos. É *ela*.

— Então, contos de fadas acontecem. Uma empregada vira mãe do filho do advogado criminalista mais cobiçado do Estado que, de brinde, também é um dos herdeiros dos Telles, isso tudo em menos de seis meses! Típico dos necessitados.

Respiro fundo. Não acredito que ela veio me insultar aqui!

— Senhora, mantenha distância — B3 ordena atrás de mim.

— Caio está investindo pesado mesmo! Já tem até segurança.

— Não. Deixe-a falar — peço.

— Não tenho permissão para isso, terei que informar ao senhor — fala-me sério o B3.

— Faça como quiser — digo.

— Muito bem! Já está se achando!

Cretina maldita, está rindo de mim.

— Pode jogar seu veneno, Mari.

— Sempre soube que é uma atrevida, mas aproveitadora nunca passou por minha cabeça!

— Fale de uma vez, antes que eu o mande te levar daqui.

— Ontem Caio veio me ver.

Eu sabia que o tal *resolver minha vida* a envolvia!

— E daí?

— Me contou do erro que cometeu em te ter engravidado, não queria ser pai novamente tão rápido. — Alisa a barriga. — Nunca vai me deixar. Eu sou a mulher da sua vida, apenas me pediu um tempo para esperar essa sua criança nascer para fazer o DNA e tirá-la de você, então eu vou ser a mãe que ele vai conhecer, e não uma empregada! Eu, no seu lugar, diria logo que o filho não é dele, querida.

Não posso acreditar no que estou ouvindo. Será que ele disse isso?

Eu não tenho tempo de pensar quando reconheço o homem que vem em nossa direção de terno e gravata em uma praia. Eu teria sorrido se fosse em outra ocasião.

— QUE MERDA VOCÊ ESTÁ FAZENDO AQUI, MARI?! — grita para ela.

— Meu amor!

Meu amor? Sério?

— Achei que estava tudo resolvido ontem.

Ele foi mesmo vê-la. A cobra olha-me e sorri com um olhar de *eu te disse!* Que ódio dessa mulher.

— Vim trazer nosso bebezinho para tomar um ar puro e a vi aqui. Qual o problema? Nossos filhos serão irmãos. Então...

Ele a corta:

— ENTÃO NADA, PORRA! — Por que está tão nervoso? Será medo do que mais a vaca pode dizer? — Entre naquele carro AGORA! — Para tudo! No carro dele? Ela vai sair daqui com ele? Sério? — Bruno, leve Rebeca para casa agora.

Bruno assente com a cabeça, e eu tenho que o assistir pegá-la pelo braço e a colocar dentro do seu carro, saindo em seguida.



Capítulo 11

Rebeca Mendes

Chego ao apartamento, e minha vontade é de ir embora, mas tenho que enfrentar o Caio. Ele precisa me dizer o que foi tudo aquilo na praia. Ele foi vê-la e não me disse.

Bruno fica me observando e falando ao celular.

Vão todos à merda. Deve estar falando com o *senhor* dele. Quer saber? Vou ver meu irmão! Vou até minha bolsa e faço ligações.

— Senhora, para onde está indo?

— Chamei um táxi, estou indo falar com meu irmão.

— Não tem permissão para sair do apartamento, senhora.

— Quem lhe disse isso?

— Senhor Caio.

Foda-se o senhor Caio.

— Bruno, não tenho nada contra você. Eu vou e vou agora!

— Você não vai a lugar nenhum, Rebeca!

Chegou o dono do mundo!

— Olha aqui, Caio, estou me lixando para a merda que você diz aí. Eu vou ver meu irmão, sim!

— Deixe de petulância. Você não vai! — diz passando as mãos pelos

cabelos.

— Vou, sim!

— NÃO VAI E PONTO FINAL!

— Não grite comigo, não sou sua puta, nem a cretina da sua noiva! Na verdade, eu não sou nada sua. Nada!

Olha-me com raiva. Nem ligo também, estou fervendo de raiva dele!

— Me desculpe, por favor, não se altere. Você está grávida de pouco tempo, isso não é bom para o bebê. Vamos para o quarto.

— Não vou, Caio. Você não manda em mim!

— Rebeca, vamos conversar?

— Vá conversar com a Mari.

— PORRA DE MULHER TEIMOSA! — Coloca as duas mãos na cabeça e puxa os cabelos com força. Que fique careca. Bastardo! — Eu ou ela, Caio? Acredito que não tenha sido a mim que você pediu algo ontem e que saiu do seu controle hoje! E por isso, está aqui descontando em mim! Volte pelo mesmo maldito caminho que você veio e me deixe em paz para ir.

Seus olhos se arregalam e depois ele os estreita para mim.

— É disso que se trata? Você acha que eu fui vê-la ontem e que estamos muito bem? É isso, Rebeca? Se for, nem comece com essas merdas. Já tenho problemas demais para ter que lidar com seus ciúmes bestas!

Ah, cretino!

— Eu, Caio? Quem tem medo de perder o controle aqui é você! Eu passaria por essa porta e não voltaria nunca mais e te garanto que não deixaria de viver por isso!

Agora vejo medo passar por seus olhos.

— Já quer me deixar, Rebeca? Virei meu mundo por você. Larguei uma audiência de suma importância para minha carreira e para o escritório quando fiquei sabendo que ela estava na praia com você. Mas isso você não pode entender? NA PRIMEIRA PORRA DE CRISE, QUER IR EMBORA! CARALHO, REBECA, EU AMO VOCÊ!

Perco as minhas forças. Sento-me na cadeira, exausta. Ele acaba de dizer que me ama, e eu não tenho resposta. Será que eu estou sendo a errada aqui?

— Eu te amei desde que te vi pela primeira vez. Não entende isso? Eu te amo.

— Eu também te amo, Caio, mas eu me amo mais, eu amo meu bebê

mais. E por incrível que pareça, hoje eu acredito quando você me disse que ia me machucar. Está sendo perfeito!

Não quero ficar mais perto dele. Saio da sala e vou para o outro quarto. Não olho para trás para saber se ele me seguiu ou se foi embora. Só não quero ficar perto dele.

Entro no quarto e noto o quanto estou tremendo. Algumas vezes, tive brigas pesadas com meu irmão, mas essa com esse homem é de outro nível. Caio já quebrou meu coração uma vez, e eu não sei se vou conseguir juntar os pedaços se ele o quebrar novamente. Vou dormir, estou cansada.

Passo o resto do dia no quarto. Não sinto fome. Como diz minha vizinha, quem dorme não tem fome. Vou para o banheiro e tomo um belo banho. Estou lavando meus cabelos quando ouço alguém entrar no quarto. Não vou interromper meu banho por causa dele. Ainda não quero vê-lo.

Termino meu banho, seco meus cabelos e me envolvo em um roupão branco. Quando abro a porta, ele está sentado em uma poltrona do outro lado da cama, ainda de terno. Acho que ele não saiu de casa. Não olho ou falo com ele, abro a porta e saio do quarto, deixando-o lá sentando.

Vou para seu quarto e entro em seu *closet*, onde agora também tem um lado meu, com minhas roupas de sempre e as roupas de etiquetas caras que ele comprou para mim. Coloco um conjunto rosa de calcinha e sutiã e um vestido longo verde que tenho e adoro.

Quando saio do *closet*, Caio está sentando na poltrona do seu quarto, avaliando-me de longe. Não estou com clima para conversar. Volto ao banheiro e faço uma “make” básica. Hoje às 18h tenho uma consulta médica e não vou perdê-la.

Caio está em pé ao lado da porta, com um pé na parede e as mãos dentro do bolso. Pode fazer charme à vontade, que hoje não estou para ninguém!

— Para onde você pensa que vai, Rebeca? — pergunta-me com uma voz baixa e desafiadora.

— Eu não penso, Caio. Eu vou. Tenho consulta médica e já estou atrasada.

— Me espere, vou tomar um banho rápido e te levo — diz arrancando a gravata.

— Não espero, já disse que estou atrasada.

— Vai me deixar para trás, é isso?

— Você vai sobreviver, não se preocupe. Hoje, quando você levou sua noiva no seu carro e me deixou lá na praia, nas mãos dos seus homens, eu não morri! Agora estou indo, Nina e Davi já estão me esperando.

— Como você quiser! — fala entre os dentes. Está fervendo de raiva. Prove do seu veneno, moço!

Quando estou descendo as escadas, escuto uns xingamentos e algo se quebrando no quarto. Não tenho nada aqui que me faça falta.

Assim que encontro meu irmão, caio em seus braços, chorando feito um bebê. Davi já sabe que estou chorando por algo que Caio me fez e começa a esculhambá-lo. Nina, por sua vez, defende o irmão. Paro de chorar para sorrir dos dois brigando sem motivos, então, começam a sorrir também. Lisa ficou presa no trabalho e não vai poder participar da consulta.

Quando sou chamada, entro sozinha, mas sou passada para a sala do ultrassom. Na antessala, tenho que segurar o sorriso quando a enfermeira faz a pergunta ao Davi, que fica com cara de bobo.

— O senhor é o pai? — ela pergunta, mas quando meu irmão vai responder, é interrompido.

— Não. Eu sou o pai — Caio responde firme.

Está lindo em uma calça jeans preta e uma blusa de mangas com gola em v marrom. Posso ver que a enfermeira está com problemas para deixar de admirá-lo. Não a culpo por isso. O que me deixa mais feliz é que ele veio para a consulta mesmo depois da discussão que tivemos.

— Vamos para a sala do ultrassom. Por aqui, por favor — a enfermeira pede.

Está tudo bem com o bebê. Caio bombardeia a médica com perguntas, parece um interrogatório, mas ele está amando estar nesse papel de pai preocupado. Acabo me questionando se ele também participa ativamente das consultas da outra. A cada minuto fica mais difícil aceitar essa situação.

Quando a consulta termina, vamos todos jantar. A conversa é sempre entre meu irmão, Nina e mim ou entre meu irmão, Nina e Caio. Eu estou evitando o máximo possível falar com ele. No fim, Nina vai se encontrar com Lisa, já que vai deixar meu irmão em casa. E tenho que voltar com Caio.

No carro, o silêncio só não é maior pela música suave que ele colocou, é *Still loving you* – Scorpions. Está tentando me dizer algo e usando a música para isso. Merda, esse homem sabe mexer comigo até na escolha de uma simples música que agora virou uma declaração.

Continuo em silêncio, ouvindo sua mensagem, mas sinto seus olhos em mim. Também posso jogar esse jogo de fazer se entender através de uma música. Espero sua música acabar com o coração na boca. Abro minha bolsa e pego meu *pen drive*.

— Posso?

— Hum... Claro — O cretino ainda tem dúvidas.

Coloco o *pen drive* e escolho a música *Listen to your heart* – Roxett. Engole essa, Caio! Assim que a música começa a fluir, sinto-o estremecer. Quando paramos no sinal, ele se vira e fica me olhando. Não desvio o olhar. Fixamo-nos nesse momento, e posso ver várias coisas em seus olhos, mas a principal é que ele está entendendo o que eu estou dizendo através da canção.

Quando chegamos à garagem do seu prédio, ele abre a porta para mim, e entramos no elevador. O clima fica mais tenso. Caio não tira os olhos de mim, mas não me importo com sua atitude. Entramos no apartamento, e estou indo direto para o quarto de hóspedes, quando ele pega em minha mão.

— Entendi seu recado.

— Não foi um recado.

— Não? Então me diga o que é.

— Foi um aviso! — Vejo sua expressão mudar de dúvida para medo. É isso mesmo, dono do mundo!

Ele assente com a cabeça, mas quando tento soltar minha mão da sua, não deixa. Então olho para nossas mãos e o olho de volta friamente. Solta-me, baixando a cabeça em derrota. Vou para o quarto em uma pisada firme.

Entro no cômodo, jogo-me na cama e, mais uma vez, consigo não chorar. Começo a pensar na vida que está dentro de mim até adormecer. Um pouco antes das 23h, desço para beber um pouco de água, e a porta do quarto dele está aberta. Vou olhar, e está tudo escuro. Ele não está lá. Será que saiu? Que seja!

Então vou até a cozinha e, na volta, vejo que a TV da sala de som está ligada. Ele está dormindo no sofá, havia tirado a blusa e os sapatos. Passo por ele, não podendo deixar de admirar o corpo perfeito que tem, seus cabelos com o mesmo bagunçado sexy. O queixo, sou apaixonada pelo seu queixo. Dá-me vontade de morder. A vontade é tão intensa que me arrepio.

Desligo a TV, mas, quando me viro, ele está em pé à minha frente em toda sua plenitude. Respira, Rebeca!

— Precisamos conversar, meu amor.

— Melhor não, Caio.
— Por favor, Rebeca.
— Se for para continuar a esconder coisas de mim, não quero ouvir nada.

— Não vou te esconder nada. Eu estou sofrendo para cacete só de pensar que você construiu a ideia de ir embora novamente da minha vida.

— Isso vai depender de você, Caio.
— Você não vai nunca! Não posso deixar de ouvir meu coração. Você é meu coração, Rebeca.

— Por que não me disse que estava com ela?
— Não achei que fosse importante. Não temos mais nada há muito tempo, mas ontem coloquei um ponto final. Eu a fiz me dizer tudo que havia lhe contando na praia. Ela mentiu, Rebeca. Eu nunca iria pedir um teste de DNA. Você se entregou a mim.

Caio pega meu rosto com as duas mãos e me beija com vontade. Eu já tive todos os beijos do cardápio do Caio, mas esse de hoje é necessitado, apaixonado e amoroso. Suas mãos descem para minha cintura, e eu puxo sua nuca e acaricio seus cabelos. Ele me coloca em seus braços e sobe comigo pelas escadas, levando-me para seu quarto.

— Fique aqui.
Fico paradinha, vendo-o escolher uma música. Coloca *Send me an angel* – Scorpions. Eu a conheço, é linda! Aproxima-se de mim e começa a dançar comigo lentamente. Seu corpo cola no meu, fazendo sua dança sensual. Esse homem quer me matar?

Coloca-me em sua cama. Canta e me encanta. Começamos na nossa melhor dança. Hoje é só amor. Choro e gemo em seus braços e mais uma vez me perco. Ele chama meu nome como uma súplica, afirmando que me ama em cada movimento dos seus quadris, reivindicando-me como sua.

Seu corpo está coberto por uma fina camada de suor, mas ele não para. Eu imploro, mas ele me consome como se não pudesse ter o suficiente do meu prazer. Fazemos amor apaixonado, sem barreira, só entrega. Estou tão exausta que durmo o melhor dos sonhos no lugar que mais amo: nos braços dele.



Quando acordo, olho para o relógio, que marca 10h. Sinto uma vontade urgente de ir ao banheiro, mas quem diz que Caio quer me soltar? Com muita luta, consigo sair dos seus braços e vou correndo fazer xixi. Aproveito para tomar um banho quente, mas não fico muito tempo sozinha.

— Fugindo de mim, mulher?

Está lindo apenas de boxer preta.

— Claro que não!

— Saiu feito uma fugitiva da cama, me deixou sozinho.

Não existe bico mais lindo que o do Caio fazendo manha. Entra no box e começa a lavar meus cabelos.

— Eu não sabia que você cantava — falo.

— Eu também não sabia que você cantava até a festa dos meus pais. Muito bem, por sinal. Fez aulas?

— Não. Cantei no coral da igreja, e havia ensaios nos fins de semana. E você?

— Comecei por causa da Nina. Quando ela entrou no teatro, fui obrigado a participar das apresentações musicais dela, caso contrário não se apresentaria. Fiz três anos de aulas de canto. — Não posso deixar de imaginar Caio todo birrento nessas aulas. Começo a rir. — Pode rir de mim agora. Na época, eu pensei seriamente em fugir de casa.

Sorrimos juntos.

— Toca algum instrumento ou só canta? — pergunto.

— Bateria, guitarra e violão.

— Uau... Canta, toca e ainda sabe cozinhar? É um homem perfeito.

— Se esqueceu de mencionar que sou o melhor advogado criminalista do Estado. — Bato no seu ombro pelo seu convencimento, e o safado só faz sorrir. — Mas sou o melhor mesmo.

— Convencido!

— Se você não estivesse tão grávida, eu ia te mostrar o convencido.

O cabelo dele é lindo assim, caindo nos olhos. Minha vontade é de que ele o raspe, para que mulher nenhuma sinta vontade de passar as mãos nele.

— O que quer dizer com isso? O que quer fazer comigo que minha gravidez o impede?

— Coisas, meu amor... Coisas. — Tem algo em seu olhar que não consigo interpretar.

— É por isso que tem essa tatuagem? Era um rebelde?

— Não, fiz depois que me formei. Eu era um pouco nervosinho quando mais novo. Dei muito trabalho até o velho me colocar na linha de frente do meu futuro.

— Como assim?

— Sempre demonstrei interesse pelo ramo jurídico, mas como era muito rebelde, o velho me deu duas alternativas: passar na faculdade de Direito aqui ou passar em uma faculdade fora. Então me matei de estudar e fui para fora. Me formei aos 22 anos. Passei na primeira prova da Ordem que fiz. Então há seis anos sou o sucesso dos tribunais. — Dá-me o seu sorriso de modelo safado.

Continuo meu banho, deliciando-me com suas mãos por todo o meu corpo e com ele sempre elogiando minhas curvas e meus cabelos que, para ele, são sexys até molhados.

Não posso deixar de admirá-lo também. Suas coxas, abdômen e peitoral parecem esculpidos. Ele me diz que malha e treina com a equipe em várias modalidades de artes marciais três vezes por semana e, quando dá, corre na praia, mas tudo faz parte de um avançado pacote de treino com o irmão. Está explicado porque ele é essa montanha de músculos definidos. Esse homem, ontem, transformou-se em uma máquina de sexo.

Tomamos café da manhã na varanda, e ele me diz que não irá trabalhar no escritório o resto da semana. Arrasta-me até o *shopping* para olhar coisas de bebês e encomenda um lindo quarto branco completo que chegará em três meses, por ser um lançamento da loja. Custou uma fortuna, mas o bastardo entregou o cartão de crédito e piscou para mim.

As duas semanas que passam são maravilhosas. Saímos muito e estamos realmente vivendo um tempo sem problemas. Quem poderia dizer que o misterioso Caio Telles é um homem tão amoroso e gentil? Contudo, observando o tratamento do seu pai com sua mãe, ele tem a quem puxar.

É muito bom ser aceita. Todos na casa me tratam com muita atenção e carinho. Nas vezes em que Caio não está comigo ou chega tarde, fico imaginando se não está com ela. Essa sensação de insegurança me deixa triste.



Tudo está bom demais para ser verdade. Faz três dias que Caio viajou para trabalhar em um dos escritórios fora do Estado, quando recebo uma ligação do número dele que tira meu ar.

— Oi, moreno! — cumprimento muito feliz.

— Como você é ingênua, Rebeca. — Fico muda e sem ação. Ela está com ele? — O que foi, o gato comeu sua língua? É isso mesmo, queridinha, havíamos combinado e, antes de viajar, ele passou aqui, pegou-me para viajarmos juntinhos como a família feliz que somos. Se esta ligação não é o bastante, dá uma procurada na internet e veja quem ele levou como acompanhante no jantar da sua vitória ontem!

Ele me contou sobre esse jantar que seria oferecido a ele, mas que não ia porque iria estar muito cansado.

— Vou facilitar sua vida e te enviar a reportagem por e-mail para comprovar que não estou mentido. Tenha um belo dia, querida!

Fico branca, sinto uma dor de cabeça imensa, mas preciso ver isso. E lá está a reportagem com fotos.

O advogado Caio Telles marca presença no jantar oferecido por um dos seus clientes, acompanhado da sua linda noiva Mari Rocha, totalmente grávida! Parabéns ao casal!

Abaixo, segue-se uma sequência de fotos, todas dela muito perto dele. E eles parecem realmente um casal, uma família feliz! Quem sobra nessa história sou eu!

Eu sabia que era felicidade demais. Não posso conviver com essa divisão. Ele saiu de casa há três dias e está com ela em outro Estado. Eu quero fugir de tudo isso e vou! Pego meu celular e ligo para a única pessoa que poderá me ajudar.

— Oi! — diz-me a voz alegre do outro lado da linha.

— Nina?

Uma hora depois, eu tenho trinta chamadas dele e um monte de mensagens que excluo sem ler. Estou esperando por Nina em seu quarto, dessa forma será mais fácil para ela arrumar os "esquemas", como disse.

— Está tudo pronto, vamos? — ela fala pegando minha bolsa.

— Claro!

Depois que ligo para minha mãe, deixo o celular na cama da Nina.

Vamos para a garagem, e entro na mala do carro dela. Tem espaço suficiente para oito malas, então está certo para mim.

Eu amo Caio, mas não vou entrar nessa de trio amoroso. Minha madrinha está no banco da frente com Nina. É o plano perfeito! Só não sei como Nina conseguiu sair sem os seus seguranças.

Depois que entramos na quarta rua, minha madrinha ajuda-me a sair da mala, e vou para a parte de trás do carro. Serão umas boas três horas de viagem.

Paramos algumas vezes, pois sempre sinto vontade de fazer xixi ou de colocar o que comi para fora. Ah, gravidez não é fácil! Quando chegamos ao posto da minha cidade natal, meu pai já está lá me esperando. Nina tem que voltar para ele não desconfiar de nada.

— Obrigada, Nina e madrinha.

— Não por isso, cunhadinha linda.

— Se cuide, filha. Eu que devia ter tido mais cuidado com você. Eu notei que, desde que você chegou na casa, Caio estava diferente, mas minha idade não me deixou notar nada! — minha madrinha me diz.

— Não, madrinha. Isso tinha que acontecer. Agora vou indo. Amo vocês.

Mal ouço Nina falar.

— O que foi, Nina?

— Tenho informações de que Caio já descobriu que você viu as fotos. Acho que alguém vai ficar careca mais cedo. Não dê importância, ele tem que saber o que quer. Assim que chegarmos, vou falar com seu irmão sobre seu paradeiro! Agora vá!



Capítulo 12

Caio Telles

Minha vida finalmente tomou um rumo. Na volta dessa viagem irei pedir Rebeca em casamento. A joia que mandei fabricar para ela já está pronta, a pedra é uma esmeralda rara que imita a cor das minhas íris. Escolhi essa pedra por ela ser apaixonada pela cor dos meus olhos, mas prefiro mil vezes a cor dos dela.

Chego ao escritório, participo de uma reunião e depois vou me preparar para a terrível audiência que terei hoje. Será tudo ou nada, mas não estou com receio. Vim preparado.

Ganho a causa com êxito. Estou louco para voltar para casa, mas haverá um jantar, então terei que ficar aqui. A saudade que sinto da Rebeca chega a doer. Pelo menos, posso escutar sua voz. Entro no carro, pego meu celular e ligo para minha morena.

— Oi, morena!

— Oi, moreno! — diz-me rindo. Eu amo ouvir esse som.

— Como vocês estão?

— Estamos bem e com saudades de você!

— Também estou com saudades. Amanhã estou de volta. Terá um jantar mais tarde, estou cansado e não dei certeza da minha presença.

— Vai, moreno.
— Ganhei a causa. Tenho que comparecer mesmo.
— Eu já sabia desse resultado.
— Sabia, é? E o que mais você sabe?
— Sei que estou neste momento hidratando meu corpo.
Merda, vou ficar duro dentro do carro!
— Isso não vale. Eu não estou aí, e você fica me provocando desse jeito. Quer se queimar, é?
— Adoro brincar com fogo!
— Vou te queimar todinha.
— Vai, é?
Atrevida!
— Me espere amanhã em nossa cama sem nada e não se esqueça de levar o extintor. Vou colocar fogo na porra da casa!
— Isso é uma ameaça, senhor? — Deixa-me louco quando me chama de senhor.
— Certamente terei que tomar um banho bastante frio agora.
A safada ri.
— Até a volta, minha linda. Te amo!
— Até a volta, moreno. Eu te amo mais!
Quando chego ao hotel, eu não posso acreditar que Mari esteja ali me esperando. É a porra de um pesadelo a minha frente. Puta merda!
— O que faz aqui, Mari?
— Já que você resolveu me desprezar desde o incidente na praia, resolvi vir aqui falar com você.
— Estou ouvindo, diga.
— Pelo amor de Deus, Caio, acabei de chegar! Estou cansada, quer conversar aqui no saguão do hotel?
— Vou te colocar em um quarto, e amanhã você vai me dizer que merda te fez vir até aqui! Estou atrasado para um jantar agora.
— E você vai me deixar aqui? Sozinha?
— Vou! Aproveite a porra da sua estada e me deixe em paz!
Que mulher complicada dos infernos. O que estou fazendo por ela é mais que o necessário. Não quero nem imaginar se Rebeca sonhar com isso. Vou ter que omitir essa merda, de fato.
Estou terminando de me arrumar quando batem à porta do meu quarto.

Não preciso ser um gênio para saber quem é.

— Eu te disse que conversamos amanhã. Estou de saída!

— Caio, eu sei que você está com ela e, já que temos uma criança entre nós, poderíamos pelo menos tentar ser amigos? Me leve nesse jantar com você. Não quero ficar aqui sozinha!

— Faça como quiser, o restaurante é público, só não fique perto de mim!

Ela assente. Caralho!

— Posso usar seu banheiro? — Passa a mão na barriga.

— Entre. Estou indo, quando sair, feche a porta. O carro vai estar à sua espera. E mais uma vez, fique longe de mim!



A noite está tranquila. Mari fica perto de mim algumas vezes, mas logo se retira. Ela sabe que não tem chances comigo nunca mais. A criança é um caso à parte.

Antes de ir embora, ela me diz que está indo essa noite mesmo, pois notou que eu não a quero por perto. Amém! Não tenho o que responder. Não me despeço dela, e vamos embora em carros separados. Quando vou pegar meu celular para ver se minha morena me ligou, eu não estou com ele. Perdi-o. Amanhã compro outro.

Acordo cedo e vou para a academia do hotel. Voltarei para casa hoje depois do almoço. Estou mais que satisfeito. Pulo o café da manhã e vou para o escritório. Lá, todos me dão parabéns pela minha noiva e a chegada do bebê, mas ninguém sabe da Rebeca aqui... *FILHA DA PUTA*, minha consciência grita.

— Como ficaram sabendo sobre isso?

Começam a desconversar.

— Respondam!

— Nos sites. Têm fotos do jantar de ontem em vários.

Caralho! Será que Rebeca viu? Se viu, estou muito ferrado. Na minha sala, ligo para o celular da Rebeca. Ela não atende. Ligo para outra pessoa.

— Bruno. Entre em contado com os homens da casa. Estou tentando falar com a minha mulher, e o celular está desligado. Quero isso para agora!

— Sim, senhor!

Alguns minutos depois, Bruno me informa que Rebeca está na casa dos meus pais, foi visitar minha irmã. Deus, que ela não saiba de nada.

Ligo para casa, e Lu me diz que ela está dormindo no meu quarto e que está bem. Estou ficando mais nervoso a cada minuto. O telefone da minha sala toca duas horas depois.

— Caio Telles — atendo.

— Senhor?

Que porra o Bruno quer?

— Diga.

— A Senhora Rebeca não se encontra na casa dos seus pais.

Meu coração para.

— PORRA! — Dou um soco na mesa. — Como isso aconteceu se há uma maldita equipe com ela?

— Acredito que sua irmã tenha ajudado, senhor!

— Me envie o jato agora! Estou voltando.

— Sim, senhor!

Puta que pariu! Ela me deixou. Ela me deixou! Eu vou matar a Nina por isso, dessa vez vou fazê-la desenhar a porra da roupa que vai usar em seu próprio funeral! Maldita moleca!

Vou matar aquela Mari também. Ela vai me pagar por isso, se a minha Rebeca me deixar. Estou muito fodido! Nem meus seis anos de experiência em tribunais vai fazê-la acreditar em mim depois daquelas malditas fotos. E meu celular, que foi localizado em um café em que eu nunca estive? Foi Mari! Vou matá-la!



Chego às 22h e vou direto para a casa dos meus pais. Só Nina teria coragem de tirar Rebeca de lá sem que meus homens suspeitassem de início. Praticamente invado a sala de TV, onde estão todos reunidos. Vou direto para minha irmã, que não hesita em ficar de pé para me enfrentar. Moleca corajosa.

— Onde você a deixou?

Sinto Alex me segurar pelo braço.

— Calma, Caio. Nina não fez nada — fala meu irmão, apertando meu braço com mais força.

— Fez, sim! Abre essa boca, Nina, e me fala tudo o que quero saber!

— O que você fez a ela primeiro, Caio?

— Nada. Não fiz coisa alguma!

— Tem certeza? Acho que você fez!

Criatura pequena e irritante é essa minha irmã.

— NÃO ME DESAFIE, NINA!

— Calma, meu irmão.

— Cala a boca, Alex!

— Caio, já chega. Venha comigo ao escritório, temos muito o que conversar — meu pai fala com seu tom calmo e firme de sempre.

Quando saio, ouço Alex dizer que eu estou parecendo um louco e que Nina não brinque comigo desse jeito. Eu estou louco mesmo, mas com minha querida irmã me entendo depois.

— Você pode me explicar o motivo de ter escondido a gravidez da Mari por todo esse tempo?

— É complicado, pai.

— É um filho seu que está escondendo. E ainda engravidou Rebeca. Conheço você, meu filho, e sei que tem algo de muito errado nesta história. Me conte, filho.

— Essa criança da Mari existe por culpa minha. Me sinto responsável pelo que houve. Por esse motivo, prometi a Mari que não vou deixar a criança desamparada nunca.

— Ainda não entendo, filho.

— Pai, infelizmente não posso lhe contar o que aconteceu. Não pertence só a mim o que houve.

— Compreendo.

— Não faço ideia de onde Rebeca possa estar. Minha equipe está virando tudo, mas até agora nada!

— Nina a levou hoje cedo, filho.

— Eu sei, pai.

— Ela sabe dessa história da Mari?

— Tudo, não. Sabe da gravidez, apenas. Eu não posso ficar com Mari, mas prometi que não vou ficar fora dessa história também. O senhor me entende? Eu prometi. — Baixo minha cabeça em derrota.

— Sempre soube que havia criado homens de bem. Estou muito orgulhoso por manter sua palavra, meu filho, mas não é mais fácil contar tudo para Rebeca?

— Rebeca é geniosa, pai. Quando soube do filho da Mari, me deixou sem dó e sem piedade.

— Agora vejo. Você tem noção do quanto a está machucando, filho?

— Tenho. Eu a amo, pai.

— Eu entendo, filho, mas agora você terá que deixá-la ir. Ela precisa de tempo.

— Eu não vou suportar isso, pai.

— Sim, você vai. Ela está muito bem e será bem cuidada também. Eu garanto.

— Como posso aceitar isso?

— Aceitando, meu filho.

Saio da casa dos meus pais e vou para meu apartamento. Eu não consigo parar de sentir tanta dor dentro de mim. Dói mais ainda a sentir em cada canto do apartamento. Tiro minhas roupas pelo caminho, entro no banheiro e choro todas as lágrimas que posso. Choro até meu corpo estremecer.



Já faz um mês que ela me deixou. Eu já sei onde está, mas respeitei seu tempo. Procuro me focar no trabalho. Levar minha vida adiante é difícil, mas eu tenho que fazer.

A cada informação que recebo, meu coração se racha mais e mais. O infeliz do Miguel cai matando em meu sofrimento. Sempre que pode, está com ela. Minha equipe está fazendo a escolta dela a distância e sempre tem arquivos de cada passo que dá. Às vezes, ela e o Miguel parecem um maldito casal.

Meu dia e meu mundo mudam completamente quando minha irmã me liga para me propor algo que não faço há muito tempo.

— Se você quer arrumar toda essa situação, eu vou te ajudar, mas tem que ser hoje! É pegar ou largar, Caio. Prometo que, na próxima vez que você fizer uma merda, não ajudo.

— Certo. Eu pego, Nina. Diga o que preciso fazer para ter Rebeca de volta que faço!

— Eu não sei quem de vocês dois é mais cabeça-dura. Não quero essa vida para essa criança que está chegando. Resolva tudo hoje!

— Entendi. Me diga o que tem em mente.

— Você vai querer me matar.

— Penso nisso diariamente!



Caio deve ter se esquecido de mim, apesar de todos dizerem que não. Já faz um tempo que ele não me procura. Nem uma mensagem, nada. Davi me disse que, nas poucas vezes em que o encontrou, estava do mesmo jeito, como se nada tivesse acontecido. E aqui estou, grávida de quatro meses de um filho dele.

Hoje estou indo para mais uma consulta. Estou animada para saber o sexo do bebê, mas um pouco chateada com os planos de Nina e Lisa de comemorar na boate C22F hoje à noite. Meu receio é que ele apareça por lá. Nina me garantiu que ele está viajando. Ela já me ajudou tanto que não posso dizer não. Então lá vamos nós.

Depois da consulta, arrumo um belo motivo para comemorar. Estou esperando um menino. Vamos ao *shopping*, e Nina me compra um lindo vestido solto na cor verde que fica na altura dos meus joelhos. Depois vou para o salão e faço tudo a que tenho direito. Com o cabelo não faço nada, só o hidratante mesmo. E assim, estou pronta para a noite.

Vamos todos, até Miguel está aqui. A comemoração será animada. Chegamos e, como estamos com a Nina, vamos para a área VIP. A boate está lotada, e realmente Caio não está aqui.

Nina está conversando com todos, enquanto eu só aliso minha barriga e bebo meu suco de beterraba com laranja. Nina vem em minha direção toda animada.

— Vamos para os camarotes perto do palco, Rebs. Hoje tem uma banda nova, você vai amar! Dizem que o vocalista é um pão.

Reviro os olhos.

— Está bem, mas depois um de vocês vai me deixar em casa, estou cansada.

— Eu levo! — diz Miguel todo apaixonado.

Vamos para o camarote, que está todo organizado com rosas vermelhas. Está tudo lindo. O palco está escuro, e dá para notar alguns vultos de movimentação.

O dono da boate apresenta a banda, e a bateria começa. O vocalista começa a cantar, e fico toda arrepiada. O palco continua meio escuro, mas ele domina a música, que é alucinante, *Always* – Bon Jovi.

O vocalista canta com todo o coração com sua voz sexy e rouca. Um convite ao sexo alucinante. Coloca tanta emoção que parece que está sofrendo. Não posso deixar de lembrar que estou sofrendo também. Quando chega o refrão, todas as luzes do palco são acesas. Não posso acreditar no que meus olhos estão vendo.

Caio é o vocalista, o dono da voz que arrepiou todo o meu corpo desde que começou a cantar. E está olhando diretamente para mim. A boate entra em chamas. Eu entro em chamas. Ele me consome com o olhar. Está lindo usando uma calça jeans preta definindo suas coxas, camisa básica preta e jaqueta de couro. Seu cabelo está molhado, e sua franja está rebelde, caindo sobre seus olhos, o que o faz jogar todo o cabelo para trás em uma manobra sexy com a cabeça.

Quem não soubesse quem ele era, realmente poderia dizer que é um roqueiro *bad boy* com essa guitarra preta nas mãos. Sua voz é divina! Vejo as mulheres jogarem coisas para ele, gritando e até chorando, mas ele só olha para mim. Olho de relance para Miguel, que não está muito satisfeito.

A declaração do Caio mais uma vez me dá o recado. E eu estou chorando. E posso ver que ele também está. Eu o amo, e nosso amor é maior que tudo!

Quando a música acaba, Caio agradece e sai do palco. Depois aparece por uma porta dentro do camarote. Ele dá um forte abraço em Nina, fazendo

seu vestido levantar, e Davi leva um tapa da Lis por ter visto algo que não devia. Miguel permanece ao meu lado, e os olhos do Caio estão fixos nele, até que faz sinal com a cabeça, e Alex puxa Miguel de perto de mim.

Caio está vindo em minha direção e está mais forte do que eu me lembro. Seu cabelo também está maior. Parando à minha frente, coloca a mão na minha barriga e sorri, e eu devolvo o sorriso. Ele abaixa a cabeça um pouco e sussurra ao meu ouvido:

— Me faça o homem mais feliz desse mundo hoje, Rebeca. Me diga *sim*. Me diga que aceita se casar comigo. — Olho para seus olhos e sinto quando pega minha mão direita, colocando um lindo anel com um absurdo de uma pedra verde quase da cor dos seus olhos. Todos aplaudem. Só choro. — Não chore. Me diga *sim*, OK?

Como posso dar outra resposta? O problema é minha voz sair!

— Sim!

Ele sorri todo feliz, leva minha mão até a boca e beija o anel.

— Vou te beijar agora. — E assim o faz. Beija-me carinhosamente.

Podemos ouvir os estrondos das pessoas na boate, até umas reclamações de algumas mulheres pelo vocalista gostoso estar ali por mim. Recebemos felicitações de todos. Até meus pais e os pais do Caio estão presentes. Nina sorri satisfeita com sua boa ação do dia.

Recebemos abraços e felicitações de todos. Minha mãe chora junto comigo. Nossas famílias estão juntas em um noivado improvisado.

— A ideia foi sua?

— De cantar? Não. Nina disse que era pegar ou largar. Eu peguei.

— Eu amei.

— Eu amo você, morena — diz me beijando mais uma vez. — Quer sair daqui?

Assinto com a cabeça. Ele pega minha mão, e saímos pela mesma porta pela qual ele passou. É um corredor estreito, todas as paredes estão cobertas com rosas vermelhas, e assim segue até o seu carro. Sorrio quando vejo que nem Bruno escapou, está com uma rosa na lapela. Não para por aí, dentro do carro há mais rosas rubras.

— Você comprou uma floricultura?

— Não. Comprei um caminhão cheio de rosas vermelhas hoje.

No caminho, vejo as mulheres nas ruas com um botão de rosa nas mãos.

— Você também?

— Cada mulher que foi encontrada perto da boate hoje recebeu uma rosa com as honras de Caio Telles.

— Elas vão se apaixonar.

— Caio Telles já tem dona. — Beija-me mais uma vez.

Como eu senti falta dos seus beijos. Do seu corpo. Até o bebê está animado, começa a se mexer levemente em minha barriga. Pego sua mão e a coloco sobre minha barriga para ele sentir os pequenos movimentos do seu filho.

— Calma, rapazinho. Papai está aqui agora.

— Como você sabe que é menino?

— Eu estava lá.

— Como? Eu não te vi.

— Bom, do mesmo jeito da outra consulta. Fui avisado. Cheguei antes de você e fiquei atrás da parede falsa. — Puxa a carteira e me mostra as fotos das ultrassonografias que ele recebeu. A de hoje tem as bordas azuis, e nela está escrito "É menino!". Fico muito feliz por saber que ele sempre esteve por perto, mesmo quando eu achava que não estava.

— Já pensou no nome para ele? — pergunta-me.

— Ainda não. E você?

— Bom, eu tenho uma pequena lista, mas gosto de Enzo.

É um nome bonito.

— Gosto de Enzo.

— Gosta?

Assinto.

— Bom, rapaz, a partir de agora você será chamado de Enzo!



A cada mês minha barriga cresce mais. Estou com seis meses e pareço que já vou tê-lo a qualquer momento. Sinto-me mais pesada, e para dormir é uma luta. Enzo está maior que o normal. Todas as vezes que sinto falta de ar à noite, pergunto-me por que Caio não poderia ser um pouquinho mais baixo.

Caio parece que está em estado de gravidez também. Vive com sono, e eu, com vontade de sexo, sintoma que ele ama, e agora arrumou como

desculpa para andar de cueca boxer pela casa. Que mulher com os hormônios em chamas pode controlar-se com um homem como ele dando mole assim?

Estamos todos almoçando na casa dos pais do Caio. Minha madrinha está recordando como Dona Dora ficou enorme na gravidez do Caio, que nasceu enorme. Estou ferrada mesmo!

Noto quando Caio atende o celular e vai para o escritório. Não vou atrás dele, pode ser coisas do trabalho. Continuo conversando com minha madrinha. Porém, quando ele sai, chama o pai, e vão conversar um pouco afastados de todos. Vejo Caio passar as mãos pelos cabelos várias vezes; isso é sinal de que algo está errado. Não vou procurar saber. Depois de um tempo, ele consegue olhar para mim.

— Você vai me dizer o que está te fazendo arrancar os cabelos?

— Mari acabou de ter o menino — diz-me como se fosse algo normal. O filho dele acabou de nascer, e ele está aqui como se não fosse nada importante.

— Vamos lá!

— Você vai comigo?

— Claro que vou. A criança não tem culpa de nada, Caio.

Mari armou contra ele roubando seu celular no quarto do hotel, em seguida ligou para mim. Isso deixou-me mais alerta que tudo!

— Então vamos.

Está na cara que ele não está feliz.

Chegamos ao hospital, e Caio vai perguntar na recepção sobre Mari. O parto foi normal, e ela já está em uma suíte.

— Vamos? — chama-me.

— Pode ir, vou ficar aqui mesmo.

— Você veio até aqui e vai ficar sentada aí? Nunca! Vamos.

— Caio, ela acabou de ter um filho, não vai gostar de me ver aqui.

— Já fui informado que ela está bem. Só vou até o berçário. Vamos.

Os pais dela estão lá olhando a criança. A mãe dela dá um forte abraço em Caio e chora muito também. Não entendo o motivo.

Caio me chama, e vou até o vidro onde dá para ver o filho dele. Na plaquinha tem escrito o nome Lucas. Ele é bem branquinho, carequinha e pequeno. Lucas está dormindo tranquilo.

Uma enfermeira o pega para o aproximar mais um pouco do vidro. De perto, não parece em nada com Caio, mas tem a cor da mãe. Acho-o muito

bonito. Olho para Caio e o vejo sorrindo para o filho, que ainda dorme. Antes de irmos embora, Caio passa pela recepção e deixa tudo pago.

Estou muito cansada, mas, na verdade, não senti nada de diferente em Caio. Ele não pode ser tão bastardo para não sentir emoção por um filho? Comigo é diferente, só falta pouco ele ter o Enzo por mim. Não entendo essa reação dele com a outra criança.

— Seu filho é bonito.

— Será lindo.

Hã? Essa não entendi!

— O quê?

— Criança nasce sem parecer com ninguém, depois vai aparecendo as características. Nina mesmo parecia uma foca quando nasceu.

— Você escolheu o nome dele, moreno?

— Não. Rebeca, não fique pensando demais. Lucas nasceu saudável, e vou fazer tudo por ele. Mais que isso, não farei. Entendeu?

— Não estou pensando em nada, Caio. Só achei você meio estranho.

— Sou assim, Rebeca. Por favor, pense em nosso Enzo. Deixe que, com o Lucas e a mãe dele, eu resolvo.

— Eu não quero me meter entre vocês, Caio. Longe de mim!

— Vai ficar com raiva de mim agora?

— Me esqueça, Caio.

— Porra, que zanga é essa, mulher?

— Não estou zangada. Você que é todo misterioso!

— Se sou misterioso, você tem zanga.

— A única zanga que vejo dentro deste carro é a sua.

— Eu sei o motivo desta sua zanga toda.

— Motivo? Que motivo? Deixa de ser louco, criatura. Você deveria tomar um remédio, isso sim!

— Quando chegarmos em casa, você verá o tamanho da minha loucura. Para começar, espero que não goste da porra desse vestido. Vou rasgá-lo! — Olha-me sério.

— Pode ir parando. Você já rasgou muitos; este aqui, não!

— Vou, sim!

— Não tem explicação para essa sua mania de rasgar minhas calcinhas e minhas roupas agora!

— Quem foi que disse que não tem explicação? Eu tenho uma

explicação.

— Me fale.

— Olha o tamanho desses seus peitos. Puta que pariu, já estou duro só de imaginar você me cavalgando.

— Tarado!

— Nunca disse o contrário.

Quando chegamos à garagem do apartamento, Caio faz questão de se esfregar em mim assim que saio do carro.

— Comporte-se, Caio Telles! — tento ser séria, mas ele é tão safado que se esfrega outra vez.

— Vamos, mulher! Tenho um vestido para rasgar.

Mal tenho tempo de entrar no apartamento. Caio me pega nos braços e me leva para o quarto. Coloca-me no sofá e pede que espere por ele. Minutos depois, volta com uma caixa preta. O que esse homem vai aprontar agora?

— Caio, o que você vai fazer?

— Nada demais. — Vem em minha direção sério e decidido. O que esse homem tem?

— Você está estranho. Está com cara de quem vai aprontar alguma coisa.

— Estou, é? Que bom que me conhece muito bem! Levanta para mim, amor. — Faço o que pediu. Caio fica atrás de mim, alisando meus cabelos, beijando meu pescoço e dando mordidas. — Hoje você vai conhecer um pouco da minha loucura — diz, beijando meu pescoço.

Fico parada, com a respiração entrecortada e o coração acelerado. Esse homem não pode ser desse mundo! Fecha todas as cortinas, deixando o quarto em uma imensa escuridão. Vai até a caixa preta, pega algumas velas e as espalha pelo quarto, acendendo-as em seguida. Mesmo com as velas acesas, não posso ver tudo nitidamente, mas observo.

Ele retorna à caixa, pega algo como se fosse uma bandana, só que cobre até seu nariz. É uma máscara preta na parte da frente! Coloca a máscara, amarrando-a estilo pirata, deixando seus cabelos atrás rebitados. Está sério e lindo. Só posso ver sua boca e queixo. Depois vai colocar uma música. Não a reconheço de início, apenas depois. É *Divano* — Era. Arrepio-me toda!

Vira-se de costas e começa a dançar lentamente. Meu Deus, isso é um *strip-tease*! Continua sua dança lenta e sexual, tirando sua blusa aos poucos. Flexiona perfeitamente todos os músculos das suas costas. Tira a blusa e a

torce, fazendo-a virar quase uma corda em suas mãos, e a passa por seu corpo. Nada o tira da sincronia da sua dança sensual. É notável a força e concentração de cada movimento que faz na dança ao mover o quadril em círculos precisos.

Ele já fez isso antes, isso não é um *strip* normal! Os movimentos são lentos e sedutores. Não tem como não ficar excitada com a cena de um homem dançando dessa forma.

Fica apenas de calça jeans, levando-me à loucura com seus movimentos. Vira-se de frente para mim passando as mãos por toda a extensão do peitoral, sempre flexionando o abdômen definido no ritmo da música e de forma sensual. Vem em minha direção, mas fica atrás de mim. Hoje infarto!

Fico parada, esperando um contato que ele não faz. Depois, sinto seu corpo colado ao meu. Está duro e só de boxer. Ele vai ter que me explicar onde aprendeu a dançar assim! Ah, vai!

Coloca a mão em meu pescoço, puxando-me para deitar a cabeça em seu ombro. Sua outra mão desce até o decote do meu vestido, passando as mãos lentamente em meus seios. Todos os movimentos são perfeitos. Tira a mão do meu pescoço, descendo até chegar à minha barriga. Depois começa a massagear meus seios com as duas mãos até que, em um movimento rápido, rasga o meu vestido. O bastardo sorri. A música já está acabando, mas ele ainda mantém sua dança sensual, esfregando-se e respirando pesadamente em meu pescoço.

Vira-me de frente, pega minha mão e a leva até seu rosto, depois coloca meu dedo em sua boca, mordiscando-o levemente. O homem é o significado da palavra sedução com essa máscara! Fico olhando para a máscara preta que certamente foi feita só para ele.

Beija-me lentamente e com amor. Pega minha mão. Não dança mais, tira a máscara, jogando-a no chão. Caio agora tem outro propósito.

Ama-me com carinho, toca-me com reverência, como sempre fez, e diz para eu montá-lo. Dita os movimentos, sincronizando cada estocada que me dá. Está enlouquecido de uma forma que nunca vi antes. Faz-me sua de todos os modos: Caio Telles lento, delicado, bruto, necessitado e enlouquecedor. Só me solta quando perde todas as forças. Consume-me como se eu fosse seu ar.

Caio é um verdadeiro mistério. Hoje pude comprovar um lado que

nunca havia visto. Assustei-me e amei ao mesmo tempo. Tenho que saber o que esse homem me esconde!

Passo o resto da noite olhando Caio dormir ao meu lado. Parece um anjo, mas de anjo esse diabo não tem nada. Lembro-me da forma como dançou com Mari na boate há um tempo atrás. Ele não só dançou, como deu um verdadeiro show privado para mim. Onde aprendeu a dançar assim? E a máscara? Não tive tempo de pegá-la depois que tomamos banho, ele guardou tudo.



Quando acordo, Caio não está mais na cama. Vou para o banheiro fazer minha higiene pessoal. As imagens dele dançando ontem não saem da minha cabeça.

— Que carinha de quem quer algo é essa, Rebeca? Posso ir trabalhar agora ou devo avisar que irei me atrasar?

Não canso de admirar a perfeição desse homem com cara de safado, mas essa perfeição toda tem rachaduras.

— Pode avisar que vai se atrasar.

Dá-me seu melhor sorriso torto sexy.

— Você que manda! — Já está tirando a gravata quando sai. Termino meu banho, visto-me e vou para o quarto.

Caio já se livrou de boa parte das suas roupas. Está só com a calça social, cinto e sapatos. Está tirando o relógio quando olha para mim e nota minha interrogação na cabeça. Só pode. Vira-se, colocando as mãos no bolso da calça. Controle-se, Rebeca!

— Me diga o que lhe perturba, Rebeca.

— Sua dança... foi... profissional, Caio. O que foi aquilo?

— Para mim foi apenas um *strip-tease*.

— Aquilo não foi um *strip-tease* normal. Havia concentração, movimentos precisos. Você dançou para seduzir!

— Nada em mim é normal. Meu *strip* é diferente.

O maldito tem resposta para tudo!

— Não subestime minha inteligência, Caio. O que mais tem dentro daquela caixa? Onde aprendeu aqueles movimentos? E aquela máscara?

Notei que foi feita para você!

Dá-me um olhar frio.

— Não gostou?

— Eu amei.

— Então assunto encerrado! Se não precisa de mim para mais nada, estou indo. — Começa a se vestir novamente, calado. Que homem impossível!

— Caio?

— Quer que fique e te faça minha? Se não for para isso, preciso ir.

— Pode ir.

— Tem certeza? — indaga com cara de safado.

— Tenho.

— Tudo bem. — Dá-me um beijo casto e se vai.



Sei que deixei Rebeca com os pensamentos a mil por hora. Não demonstrei tudo que sei fazer com meu corpo em primeiro lugar por respeito a sua gravidez; em segundo, por ter certeza de que ela nunca irá entender; e terceiro, por ter mais certeza ainda de que ela sairá da minha vida mais uma vez!

Um dia terei coragem de lhe contar tudo. Que esse dia esteja bem distante. Pelo pouco que vi do resultado, ela me deixará sem pensar duas vezes, e isso não posso deixar acontecer.

Assim que paro o carro no prédio do escritório, vejo Bruno correr para meu automóvel. Sabia que algo não vai muito bem.

— Senhor, temos que dar cobertura para a equipe do seu irmão.

— Onde Alex está?

— Está com toda a equipe presa na antiga rodovia desativada.

— Como isso aconteceu?

— Foi uma emboscada.

— Puta merda! — Coloco as mãos na cabeça. — Não deixe que essa informação chegue ao meu pai.

— Sim, senhor.

— Rebeca está na casa?

— Não, está na casa do irmão.

— Inferno de mulher teimosa! Vejo a hora do meu menino nascer no meio da rua! Vá buscá-la e a leve para a casa dos meus pais, estou indo para lá agora.

— Sim, senhor.

Não entro no escritório. Saio feito um louco no trânsito para a casa dos meus pais. Meu equipamento está todo lá. Merda, depois que Rebeca veio morar comigo, tive que tirar tudo do apartamento, nem kit no carro tenho mais. Inferno!

Entro em casa feito um raio, indo direto para a sala de armas. Pego minha pistola *Glock*, munições extras, capacete. Não estou com tempo para colocar o equipamento completo. De terno, então, será um inferno.

Bruno avisa por mensagem que Rebeca já está na casa, possessa de raiva. Com ela, entendo-me depois. Tenho que ajudar meu irmão agora.

Saio feito um ladrão da casa, para que ela não suspeite que estou aqui. Tenho que sair empurrando a moto até o portal principal. Bruno, eficiente como sempre, já está com todos do lado de fora da casa ao meu aguardo.

Depois de quatro horas, conseguimos sair da rodovia abandonada com êxito. Minha vontade é de meter uma bala na cabeça do Alex, que olha para mim como se eu tivesse feito merda.

— Estava tudo sob controle — diz-me com a cara mais sínica que já vi.

— O caralho que estava, Alex! Se eu tivesse me atrasado 15 minutos, estaria trazendo seu maldito corpo peneirado para nossa mãe cremar, seu infeliz!

— Não vem me criticar não, Caio! Você sabe melhor que ninguém que são eles ou nós.

— Sei. Como também tenho consciência de que eles querem nosso sangue, e você não pode dar outro vacilo como o de hoje, irmão.

— Eu sei, Caio. A situação saiu do controle, na realidade. Às vezes, não suporto essa pressão sobre nossa família. Vivemos como se nós fossemos os errados! Sem falar que hoje você pegou pesado.

— Eu saí feito um louco para te ajudar, e você vem querer ensinar o Pai Nosso ao vigário? — Dou-lhe meu melhor olhar de *foda-se*.

— Desculpe, irmão. Sei que você sempre vem quando preciso. Mas você é pai, e falta pouco para ser novamente. Não quis envolver você.

Quando abri a encomenda, minha única reação foi ir resolver da melhor maneira possível.

— Na próxima, não me deixe de fora por pensamentos como esse de hoje. Nem se dê ao trabalho de sair de casa, me chame que vou correndo lhe dar uma boa surra!

— Já pedi desculpa!

— Você me deve uma moto nova!

Alex olha-me com cara de arrependido.

— Pode escolher.

— Vou mesmo!

— Só não banco a blindagem.

— Uma porra que não banca.

O cretino sorri.

— Já estamos chegando, senhor — diz-me Bruno.

— Acho melhor você pensar em uma boa desculpa para dar a Rebs para esse corte aí, em seu braço.

— Você me deve um terno.

— Eu não vou te comprar outro *Armani*.

— Alex, este corte era para ser em você! Agora meu terno está fodido, e ainda tenho que encarar Rebeca.

— Porcaria! — Alex xinga sério, assistindo eu me livrar da camisa.

Entramos pelos fundos da casa. Tiro todo meu equipamento, ou melhor, o que restou dele. Respiro fundo três vezes, criando coragem para enfrentar Rebeca. Dá vontade de chorar. Encarar o que acabei de encarar, e meu coração acelerar com medo da reação de uma mulher. Puta merda!

Quando estou chegando perto da piscina, meu celular toca. Na tela aparece o nome *Mari*. Esse dia só melhora.

— Diga, Mari.

— Tem como você ser um pouco mais gentil comigo? É pedir demais?

— É, sim! Tive um dia extraordinário, então sem rodeios e fala de uma vez.

— Precisamos falar sobre o Lucas.

— O que tem o Lucas?

— Não o quero!

— COMO ASSIM NÃO O QUER? “TÁ” MALUCA, PORRA!? —

Quando me viro, dou de cara com Rebeca. Puta merda. Hoje só melhora e só

melhora. Inferno!

— Não quero.

— Amanhã irei na sua casa e conversamos com calma. Tenho que desligar. — Merda, Rebeca está muito perto, certamente ouviu.

— O que aconteceu com você? Onde está sua camisa?

Olha para o corte em meu braço.

— Nada demais.

Aproxima-se de mim. Que mulher cheirosa. Está linda com essa calça colada e blusão. É linda, e grávida é um tesão. Merda de mente suja essa minha.

— Onde conseguiu esse corte, Caio?

Estou pronto para responder, mas sou interrompido.

— Foi culpa minha, Rebs. Aprontaram contra mim, e Caio veio me ajudar.

Acho que é uma boa hora para dar um soco na boca do meu irmão.

— Ela já entendeu, Alex. — Ainda bem que me entende sem eu precisar falar muito. Meu irmão sai, deixando-me com a mulher gato. Sinto cheiro de interrogatório.

— O que ele quis dizer, Caio? Vocês se meteram em alguma confusão?

— Quase isso, amor. Vamos entrar, que estou muito cansado.

— Está bem. Vamos.

Abraço minha pequena. Tão inocente. Se ela sonhasse que vivo com uma arma apontada para minha cabeça 24 horas por dia, sete dias por semana estaria surtando agora.



Existem coisas sobre Caio que não consigo entender. O mistério que o cerca às vezes me deixa louca. Naquela noite quando vi o corte em seu braço não acreditei no que Alex disse. Há algo acontecendo, mas como sempre ele não me conta nada. Seus mistérios vão além da sua profissão. Já rodei essa casa procurando aquela maldita caixa preta, e não a encontro em lugar nenhum!

Ainda hoje não consigo esquecer aquela maldita dança erótica. Toda vez que dançamos, noto que seus movimentos são diferentes, e mesmo com meu barrigão de quase sete meses, isso não impede de me incendiar!

Hoje vamos à boate comemorar o aniversário da namorada do Alex. Estou animada para ir mesmo sabendo que não posso dançar como antes, mas amo uma boa balada com Caio.

Caio está mais que lindo em uma calça social cinza feita perfeitamente para marcar cada centímetro das suas longas pernas definidas, com uma blusa de botões colada em seu peitoral na cor roxa. Pecado tem nome, pernas e uma bunda maravilhosa, e o dono desse pacote se chama Caio Telles.

Eu opto por um vestido colado na cor preta com uma manga só, que vai até a altura dos meus joelhos, da coleção que Nina desenhou para mim e,

como ela mesma diz: “Mulher grávida também tem que ser sexy!” Deixo meus cabelos soltos e faço uma “make” poderosa.

O melhor é ver a cara de desejo do Caio acompanhando meus passos. Seu olhar vai dos saltos pretos até meus cabelos. Não tem como não rir de um homem babão desses!

— Temos mesmo que ir? — pergunta-me com cara de safado.

— Claro que sim!

— Merda!

Ele está meio revoltado

— O que foi? — Tento segurar o sorriso.

— Nada. Vamos logo, antes que eu rasgue essa porra de vestido. — Sorrio na cara dele. — Não brinca comigo, mulher.

Chegamos à boate, mas só entramos depois de Bruno liberar. Alex reservou três camarotes VIP para hoje. A boate está lotada. Nina está radiante com um vestido vermelho. Vem logo elogiar meu vestido e alisar minha barriga, o que é o mais novo hobby dela. Estamos nos divertindo muito. Caio está sentado em um banco e me coloca entre suas pernas, com os braços em volta da minha barriga. Cheira meu pescoço e sussurra sacanagens em meu ouvido.

Miguel chega acompanhado de uma moça. Vem logo falar comigo e recebe um aperto de mão forte do Caio. Esse homem é uma coisa de possessivo.

— Esse idiota não desiste! — diz no meu ouvido.

— Somos apenas amigos, Caio.

— Ele quer você, e não é de hoje! — Fica amaldiçoando o pobre do Miguel e alisando minha barriga.

— Deixe disso. Não tem motivos para esse ciúme todo.

— Ele é um filho da puta, isso sim. — Até Enzo é contra Miguel, dá-me um chute tão forte que Caio sente também e fica sorrindo. — É isso mesmo, filho. Vou dar um soco no meio da cara daquele infeliz para ele deixar de desejar nossa mulher.

— Você não tem jeito!

— Dou tudo que tenho, fico com a roupa do corpo, se ele não se masturba pensando em você!

— Caio?

— Vontade de quebrar os braços e as pernas dele. Infeliz!

— Caio, pare com isso!

— O quê?!

Acabamos rindo das suas loucuras.

Quando o DJ coloca *Danza Kuduro – Don Omar*, Nina vem aos pulinhos, já com Alex ao lado, chamar Caio para dançar, mas ele não quer me deixar sozinha, como se eu não soubesse o motivo.

— Vamos, Caio, amo essa música, e só presta dançá-la com nós três!

— Nina pede fazendo biquinho e já dançando.

— Não sei dançar essa música. — Olho para ele bem séria. — O quê?

— pergunta-me com cara de sonso.

— Vai e me dê um show.

— Não sai daí. Só vou para satisfazê-la.

Nina dá-lhe um puxão e o leva.

Os três irmãos começam a dançar. Não demora muito para a mulherada cair matando na tentativa de se aproximar do Caio. Ele é um tesão quando dá aquela maldita manobra com a cabeça para tirar os cabelos dos olhos. Vou fazê-lo raspar essa merda de cabelo. Que ódio!

Entretanto, infelizmente em todo lugar tem aquelas mulheres sem noção que saem de casa para levar um bom tapa na cara para deixarem de ser vadias. A descarada tem a audácia de ir se esfregar nas costas do Caio, que sai o mais rápido possível de perto, olhando diretamente para mim. Faço cara de paisagem para ele. Esse infeliz também tem que dançar com esses movimentos? Mas ele é meu! E vou mostrar. Faço sinal para Bruno, que vem para o meu lado no mesmo instante.

— Retire aquela moça de perto do Caio agora.

Ele assente e vai. A safada ainda resiste ao pedido de Bruno. Pois então vou eu! Vou diretamente na direção do Caio, que está dançando e não vê o movimento da bandida. Que raiva!

— Algum problema, querida? — questiono educadamente, mas minha vontade é de rodar a mão na cara dessa cretina.

— Esse homem aqui, me impedindo de dançar com aquele gostoso de blusa roxa.

Olho para a direção que ela aponta.

— Aquele ali de calça cinza?

— Sim, ele mesmo. Aquilo é um deus! Estou louquinha para dançar com ele.

É uma descarada de uma figa!

— Espera que já volto, querida — digo, deixando-a nas mãos de Bruno, que por incrível que pareça, está sorrindo da minha ceninha.

— Cuidado com essa barriga! — a moça grita para mim. Que peninha dela... Só que não!

Antes de eu chegar perto, Caio se vira, ainda dançando, e me dá um lindo sorriso. Continua dançando, fazendo movimentos com as mãos como se tivesse me laçado com uma corda e agora estivesse me puxando. Vou dançando até chegar aos seus braços e receber um beijo de tirar o fôlego.

Viro-me, ficando de costas para Caio, que se esfrega atrás de mim com uma mão na minha barriga. Olho para a vaca friamente e falo:

— *Esse aqui é meu!*

Acredito que ela tenha entendido o que eu disse, porque sai pisando forte e empurrando Bruno, que assente para mim.

Dançamos mais três músicas e voltamos para nossa mesa. No caminho uma voz melosa chama o nome do Caio, que está ao meu lado. Viramo-nos juntos, e dou de cara com uma morena alta, olhos penetrantes, um corpo de matar e cabelos encaracolados. Está sorrindo como se tivesse encontrado seu brinco predileto que estava perdido. Não gosto dessa mulher! Mas pior é sentir que Caio fica tenso.

— Que mundo pequeno. Não tem 24 horas que cheguei de viagem e olha quem encontro? — Ela o olha dos pés à cabeça. Que ódio! — Caio Telles! Quanto tempo?

— Vanessa. O que a traz à cidade?

Os olhos dela piscam: *você!* Pelo menos ele não a abraça, apenas estende a mão.

— Trabalho, querido. E quem é essa deusa ao seu lado, com esses olhos de arrasar?

Falsa!

— Rebeca Mendes. Minha noiva. — A formalidade em sua voz me deixa cega de ódio.

— É um grande prazer conhecê-la, Rebeca. Sou amiga do Caio há muito tempo. — A cretina esfrega na minha cara que o conhece mais do que eu? *Sério?* Puta! E ainda deve estar fazendo um ultrassom enquanto olha para minha barriga. — Sempre apressadinho, Caio, não casou e já vai ser pai?

— Vamos indo agora. Foi bom revê-la, Vanessa. Espero que tenha uma

boa estada.

— Tenho certeza que terei, Caio.

Sério que ela está flertando com ele na minha cara?

— Tchau, Vanessa. — Solto-me da mão dele, saindo de perto do *casal saudades*. Esse Caio é uma verdadeira caixa de surpresas!

Saio sem olhar para trás, pegando o caminho dos banheiros. Sei que ele deve estar puto atrás de mim. Posso sentir sua raiva de longe. Maldito. Entro no banheiro e passo um pouco de água em meu pescoço.

Acalme-se, Rebeca. Você está grávida. Aquela mulher é uma cretina com selo de garantia. Que ódio! Quando saio, ele está com cara de raiva no corredor. Foda-se, Caio Telles!

— Você pode me dizer que ideia maldita foi essa de sumir?

— Não sumi, vim ao banheiro. É cego? Não está vendo a plaquinha? Não sabe mais ler ou perdeu os sentidos depois de rever sua amiguinha?

Dá-me seu olhar frio. Nem ligo mais para seu cardápio de olhares. Passo por ele pisando duro.

— Para onde você vai?

— Para casa. Se quiser, pode ficar, acredito que os amigos têm muito o que conversar. — Olho para a direita e vejo Bruno. Vou para a sua direção sem me importar se Caio está vindo ou não. Se ele tem juízo, ele virá! — Vamos embora, Bruno.

— Sim, senhora.

Saio da boate. O carro com os outros seguranças já está esperando. Ainda, sou puxada por mãos firmes.

— Você vai me dizer que porra é isso tudo?

— Não! Eu não tenho nada para te dizer. Agora você é que vai me dizer e não vai mentir para mim.

— Pergunte.

— Aquela mulher já esteve em sua cama, Caio Telles?

Ele coloca a mão na cabeça. Já respondeu, meu amigo, seu desespero é sua resposta!

— Isso foi há muito tempo, Rebeca.

— SIM OU NÃO!? — perco a paciência.

— Sim! — Eu sabia! — Isso foi há muito tempo, já disse.

— Pelo que notei, ela conhece você muito bem mesmo.

— O que é agora, Rebeca? Você perguntou e teve sua resposta. Foi há

muito tempo.

— Não quero saber há quanto tempo foi essa merda. Ela está aqui e quer você! Se você me der um maldito motivo, por menor que seja, acabou! Você está me entendendo, Caio?

— Não vou te dar motivo algum, ela está no meu passado. Você é meu presente e é o meu futuro.

— Fácil para você falar isso.

— Dá para explicar agora?

— Ela te conhece há mais tempo que eu. Aposto que sabe onde e como você aprendeu a dançar daquele jeito!

— PUTA QUE PARIU, REBECA!

— Não grita, Caio! — Dou-lhe um olhar mortal.

— Acredita em mim, amor.

— Você por algum momento acredita em mim, Caio?

— Acredito!

— Sei. Faltou pouco para você bater no pobre do Miguel lá dentro.

— Aquele merda quis e quer você desde que te viu!

— Adianta eu dizer que somos só amigos? Não! Mas eu tenho minha consciência limpa em relação a Miguel nunca ter deitado em minha cama ou eu na dele. Agora você quer que eu aceite sua foda do passado? Devo convidá-la para um chá no domingo à tarde?

— Não me provoca assim, Rebeca.

— Não me provoque você!

— Entra nesse carro, Rebeca. Estou a ponto de cometer uma loucura aqui. — Passa as mãos pelos cabelos; ah, arranque fio por fio. — Vou entrar porque quero! E quer saber? Vá para o inferno!

— Caralho!

Entramos no carro e seguimos em silêncio. A cretina já dormiu com ele e veio atrás novamente. Não tenho dúvidas. Que raiva, minha vontade é de bater nele até que não possa andar mais. Infeliz!

Chegando ao apartamento, não quero nem olhar para a cara dele. Estou fervendo de raiva. Vou direto para o banheiro, trancando a porta. Tomo um banho na banheira e choro de ódio. Quando estou penteando meu cabelo, ele tenta abrir a porta.

— Isso é brincadeira, Rebeca? Abre essa porta agora.

Vou abri-la, não porque ele pediu, mas por já ter terminado meu banho.

Quando a abro, ele bloqueia minha passagem.

— Me deixe passar, Caio.

Continua no mesmo lugar. Ainda está vestido.

— Para com isso. Eu amo você. Só você.

— Saia da minha frente, Caio.

— Não me afaste, Rebeca. Eu perco meu ar sem você, amor. Olha para mim. Olha nos meus olhos e me diz se tenho capacidade para te trair? — Droga de homem que sabe usar as palavras. Maldita lábia de advogado. — Olha para mim, Rebeca.

Olho em seus olhos. Só vejo amor e nada mais.

— Está bem, Caio. Vou acreditar em você. Agora saia da minha frente.

— Eu fico louco quando ergue essa porra de barreira!

— Pode sair da minha frente?

— Meu beijo primeiro, “bravinha”. — Beija-me apaixonadamente como sempre. — Ciumenta. Por essa eu não esperava. Rebeca, uma grande ciumenta.

O safado está sorrindo de mim.

— Peguei de você.

— Deve ter sido mesmo. Morro de ciúmes de você. Morro!



Caio tem que viajar a trabalho, deixando-me na casa dos seus pais. Segundo ele, sente-se mais seguro quando tem que levar Bruno se estou aqui. A casa está cercada de seguranças, de um jeito que parece uma fortaleza.

Hoje passo a manhã separando roupas que Nina desenhou e fez para mim para o ensaio fotográfico que vou fazer com o amigo dela.

— Já podemos ir, Rebs?

— Claro, Nina.

— Sabe a que horas Caio chega?

— Por volta das 21h.

— Temos tempo. Conseguiu falar com ele sobre o ensaio?

— Deixei recado.

— Vamos, suas fotos vão ficar maravilhosas.

Vamos para o estúdio do Pedro Félix, amigo da Nina. Adoro posar com

roupas de gestante, mas Pedro pede que o ensaio seja um pouco mais ousado.

— Para quê? — Já estamos batendo fotos há quase três horas.

— Não se preocupe, Rebs, são fotos profissionais. Depois você poderá dá-las de presente ao Caio — diz-me Nina.

— Está bem, vamos lá!

Coloco uma calça larga branca e transparente, com calcinha modelo cueca cor da pele. Não uso nada em minha parte superior. Estou apenas coberta por meus cabelos.

Pedro é um rapaz muito bonito e paciente. Acha minha barriga linda, diz que meu olhar é digno de capa de revista. Conversamos e rimos bastante vendo o material que conseguiu. Ele realmente tem talento. Pede um minuto para fazer uma ligação e, quando retorna, traz uma seda preta. Ele e Nina trocam um olhar e sorriem.

— Rebs, agora você vai se sentar sobre seus pés, com as pernas um pouco abertas. Vou colocar essa seda preta em você.

— Está bem.

Faço do jeito que Pedro me pede. Ele bate várias fotos de vários ângulos diferentes. Nina vem arrumar meu cabelo, quando a porta é literalmente chutada.

— QUE MERDA ESTÁ ACONTECENDO AQUI?! — O homem entra chutando a porta. Nina fica na minha frente. Merda, isso não vai prestar!

Se Caio fosse um desenho, estaria saindo fumaça dos seus ouvidos. Ele demonstra uma falta de controle tão grande que posso ver que suas mãos tremem de raiva. Está todo de preto, do terno à gravata, o que o deixa mais sombrio.

Contudo, o triste é quando ele me vê sentada ainda na última pose que Pedro pediu que eu fizesse. Ele fecha os olhos com muita força. Estou ferrada!

— Quem é você para invadir meu estúdio assim? — Pedro vai tomar satisfação apontando para a porta com a maçaneta quebrada.

— Pergunta errada, IDIOTA! — Pedro é erguido e encostado na parede por um Caio pronto para lhe dar um murro. — A pergunta certa é o que você está fazendo com a minha mulher?

— Caio, solte o Pedro — Nina lhe pede. Ele não a olha. Saio de fininho para vestir um roupão antes que ele mate o rapaz.

— Caio, não faça isso. Solte o rapaz agora! — exijo firme.
— Se importa tanto com ele, Rebeca? — Seu tom é acusatório.
— Me importo com a loucura que você possa cometer e sem motivo algum.

Ele solta o rapaz, que parece ser um saco de batatas jogado no chão. Vem em minha direção, passando por Nina com tudo. Se não tivesse sido rápida, ela teria caído no chão.

Fica me encarando de cima com seu olhar de autoridade, mas para mim não funciona. Levanto minha cabeça mais ainda e o encaro. Vejo em seus olhos a confusão que sente, e certamente se está travando uma guerra em sua cabeça. Sem que eu espere, pega em meu braço e me puxa. Antes dá um olhar frio para a irmã e para Pedro.

Entramos no elevador, que não é muito pequeno, mas se torna, com esse homem possesso de raiva dentro dele. É notável que não quer olhar para mim. No hall do prédio, Bruno já está esperando.

— Leve-a para casa, Bruno — ordena.

— Você não vem também? — pergunto não sei para quê. Não me responde. Sai me dando as costas, indo para seu carro. Ótimo, seu bastardo, muito maduro da sua parte!



Já são 22h, e nada de o Caio chegar. Ligo várias vezes, deixo recado, mas ele não me responde, nem retorna as ligações. Nunca fez isso. Deito-me na cama, alisando minha barriga e acabo dormindo.

No meio da noite, sinto um calor imenso e vou tomar um banho. Já passa das 2h, e nem sinal do Caio. Termino meu banho e vou pegar meu celular para ligar para ele. Tem uma mensagem de um número desconhecido. Quando a abro, quase infarto. É uma foto do Caio abraçado a Vanessa. Filho da puta!

Assim que vou começar a chorar, ouço a porta da sala se abrir. Engulo o choro de tanta raiva que sinto. Ele vai ver! Volto para a cama e finjo que durmo serenamente. Pela manhã resolverei tudo.

Ele se deita ao meu lado do jeito que está.



Levanto-me primeiro que ele. Tomo um banho e me visto digna para dar um show. Tomo café da manhã e me sento na varanda, esperando ele acordar. Ele começa a gritar meu nome pela cobertura. Não saio do lugar. Sua voz começa a soar desesperada. Quando chega à varanda, posso ver o alívio em seus olhos.

— Quer me matar do coração?

— Onde você estava, Caio? — consigo inquirir baixo e calmamente, mas por dentro estou fervendo.

— Fui para o escritório. Depois saí para beber algo.

Bela conversa. Mas não caio nessa!

— Por que não atendeu e não respondeu às minhas mensagens?

— Deixei meu celular no carro.

— Estava só ou acompanhado? — Quero ver se vai mentir agora.

— De início, sim. Depois tive companhia.

— Sei. Então você me arrasta de um ensaio fotográfico onde eu estava acompanhada da sua irmã. Praticamente, bate no rapaz. Me arrasta de lá, depois me coloca na mão de um dos seus homens para você ir curtir a noite. Estou certa ou falta algum detalhe? Acho que falta. Qual será, Caio?

— Está certa até agora.

— Até agora?

— Sim, foi praticamente nesta ordem.

— Você ainda não disse quem foi sua companhia da noite, Caio.

Baixa a cabeça.

— Não foi ninguém importante, Rebeca.

— Será que não, Caio?

— Onde você está querendo chegar, Rebeca? Pelo que sei, quem estava aprontando pelas minhas costas era você!

— Aprontando?

— Sim! Você mesma.

— Não vai me dizer o nome da sua companhia?

— Já falei que não era ninguém importante.

— Era sim, Caio. A pessoa com quem você estava curtindo ontem à noite é importante. Tão importante que teve até abraço. Estou errada? Teve

algo mais?

— Não. Olha, Rebeca, não aconteceu nada.

Bastardo!

— Certo, Caio. Não estou dizendo que aconteceu. Só queria que você fosse homem suficiente para dizer na minha cara que chegou depois das 2h por estar com sua foda do passado.

— Eu posso explicar.

— Até pode, mas não quero ouvir. Ontem você me tratou muito mal. Depois volta para casa no outro dia e quer jogar a culpa em mim? Não, Caio. Estou saindo, e não venha atrás de mim!

— Vai para onde, Rebeca? Vamos conversar?

Não quero conversa.

— Tchau, Caio. — Passo por ele, mas ele me puxa pelo braço. Ainda veste as mesmas roupas de ontem.

— Não me toque, Caio. Você cheira a ela.

Não me solta. Olha-me furioso.

— Eu não cheiro a outra mulher que não seja a minha. Você não vai sair daqui até que tenha me ouvido. Não fiz nada! Vanessa foi embora ontem, e só conversamos durante cinco minutos. Ela me abraçou, e não passou disso. Se não acredita no que digo, posso facilmente conseguir as imagens do bar. Depois fui para a casa dos meus pais. Conversei com meu pai por um tempo e vim para casa. Você já estava dormindo.

— Você não quis abraçá-la na boate na minha presença e nas minhas costas não teve problemas? Vai se foder, Caio Telles!

— Ela me abraçou!

— Solte-me, Caio. Agora!

Até pode ser verdade tudo que me disse, mas não quero ficar aqui com ele. Não agora.

— Você precisa me dizer por que estava fazendo aquele ensaio.

— É para a coleção gestante da sua irmã.

— E tinha que ter fotos nuas?

— Não estava nua. E sua irmã estava lá comigo. Você me viu abraçando alguém? Diferente de você! — jogo na cara dele.

— Mereci essa, mas não houve nada, e tenho como provar.

— Não quero que prove nada!

— Mas quer me deixar. Conheço você. Sempre consegue fugir de mim,

mas desta vez não vai! Nem que eu tenha que te prender ao pé da cama. Agora vamos entrar. Vou me desculpar, fui um completo idiota ao cubo ontem.

— Você nasceu um completo idiota!

— Eu não fiz nada, Rebeca. Sou homem suficiente para dizer que não aconteceu porra nenhuma! Não voltei para casa com você por saber que estava fora de controle. Apenas isso.

O bastardo me faz esperar por ele no quarto e, como é louco de pedra, tranca a porta e leva a chave com ele. Homem maluco! Estou tão cansada de tudo. Deito-me na cama e acabo dormindo.

Acordo sendo fortemente chutada pelo Enzo. Abro meus olhos, e está escuro já. Caio não está no quarto. Levanto-me e vou até o banheiro, preciso de um banho urgente. Nesses últimos dias, venho sentindo um calor fora do comum. Tomo um banho gelado, depois coloco um vestido branco e leve. Seco meus cabelos e saio do quarto.

Da escada dá para ver o apartamento todo escuro. Caio deve ter saído. Quando coloco meu pé no primeiro degrau, piso em algo. Acendo as luzes embutidas da escada e vejo um rastro de pétalas de rosas vermelhas. O que eu faço com esse homem?

Sigo o rastro, que vai até a porta da varanda. Abro-a, e o som da guitarra começa – golpe baixo desse bastardo. Apareço na varanda, e ele começa a tocar e cantar para mim *It will rain* – Bruno Mars.

Olho ao redor, e tudo está lindo. A varanda está repleta de pétalas de rosas e de velas. No entanto, o mais lindo está à minha frente com uma guitarra, jeans preto surrado, pés descalços e regata preta. Esse homem ainda vai me matar com essas músicas que escolhe e com sua voz rouca e sexy.

Fico parada um pouco afastada, vendo meu show particular, mas ele vem caminhando lentamente e para à minha frente. Seus olhos verdes estão quase negros. A letra da música fala por si só!

Quando termina de cantar, coloca a guitarra para trás e fica parado, olhando-me. Sua mão direita vai até meu cabelo, depois alisa meu rosto, minha boca, até que vai até minha nuca e me puxa para um beijo que começa lento e suave, como se fosse o primeiro.

— Me desculpe. Eu sou um idiota.

— Eu sei.

— Sabe, é?

— Sei, sim.

— Fiquei cego de ciúmes quando vi o que estava fazendo. Tive vontade de quebrar tudo.

— Você quebrou a porta com seu chute.

— Já mandei colocar outra no lugar. Eu te amo, Rebeca. Você é minha vida. Entenda isso. Não importa quem já passou por minha vida, porque ficou no meu passado. Sou seu. Só seu! E você é minha. Só minha. Me diga isso.

— Sou sua. Só sua.

— Vamos para o quarto; desde que cheguei de viagem que não fiz o que mais amo. — Olho para ele meio confusa. Então ele sussurra ao meu ouvido: — Ficar enterrado dentro você!

De uns meses para cá, Caio tem sido mais suave e delicado comigo. Até porque minha barriga limita que ele faça tudo o que se passa por sua cabeça louca, mas sempre fazemos amor com a mesma intensidade.

Rasga meu vestido branco, deita-me na cama e alisa minha barriga como se pedisse permissão ao filho. Em seguida beija cada parte do meu corpo, até me penetrar bem devagar.

— Sinta, Rebeca. Tome o que é seu. Eu sou seu, meu amor. Só seu. — Só a voz dele me deixa na borda. Fecho meus olhos.

— Caio... — chamo seu nome quase sussurrando.

— Abra os olhos, Rebeca.

Abro-os no mesmo instante em que ele pede. Amo ver esse homem se acabando de prazer. Amo ver o suor em seu corpo, sua concentração e sentir cada movimento do seu quadril. Amo Caio.



Capítulo 15

Rebeca Mendes

Hoje eu estou completando oito meses. Caio está contando os dias para ter o filho nos braços, e eu também. Não sei se é o fim da gravidez, mas hoje estou me sentindo estranha. Desde que Caio saiu para trabalhar, sinto um vazio em meu peito. O que poderá ser?

Estou arrumando o quarto do Enzo, quando ouço a porta do apartamento ser fechada brutalmente. Nem tenho tempo de sair do lugar.

Caio chega à porta do quarto com o ar de louco. Está completamente bêbado. Algo está muito mal. Eu nunca o vi bêbado antes. Sabia que estava pressentindo algo ruim.

Ele está com o cabelo mais desarrumado que o normal. Sem gravata, blusa para fora da calça e olhos vermelhos como se tivesse chorado em algum momento, mas ao falar, mantém-se firme e frio.

— Eu quero que você me responda e não pense em mentir para mim. Já sei de tudo!

— Diga, Caio.

— Esse filho é meu? Ou essa porra é do Miguel?

Gelo.

— O que você disse? — minha voz sai baixa.

— Não sou gravador para repetir!

— Caio...

Totalmente cego, ele me interrompe:

— Pela sua cara, não preciso mais de uma resposta. Você me enganou esse tempo todo, carregando o filho de outro, me fazendo acreditar em sua mentira! Acabou a farsa!

— Quem te contou isso?

— Não interessa. Nada te interessa mais. Agora entendo o motivo de você sempre me deixar tão fácil! — Anda pelo quarto como um leão pronto para atacar. Estou em estado de choque.

— Caio, pelo amor de Deus, me escute.

— Não seja hipócrita. Não coloque Deus no meio da sua farsa!

— Isso é mentira!

— Claro que você agora vai abrir a porra da sua torneira e chorar lágrimas de sangue! Não caio nessa!

— Como pode pensar isso de mim? Se você não tivesse me visto no quarto da Nina, nunca iria saber que eu estava grávida.

— Claro que não! O filho não é meu! Você nunca me amou. E o otário aqui saía correndo feito louco para tê-la de volta em minha vida sempre que fazia uma merda. — Dá um murro na parede.

— Caio... — Calo-me. Ele me olha como um assassino.

— Sua farsa acabou! Estou saindo agora e voltarei dentro de uma hora. Eu não quero encontrar você aqui quando eu voltar!

Agora é mesmo o fim. Não digo nada, levanto-me e vou pegar minhas coisas. Não vou discutir. Já não basta todo o sofrimento que ele me faz passar com as mulheres na vida dele, agora vem com essa. Não sou eu que vou me humilhar para ele.

Ele ainda não havia saído como disse. Está quebrando tudo que encontra na sala. Também não paro para olhar. Estou no piloto automático.

Quando estou abrindo a porta, ele coloca a mão machucada e sangrando sobre a minha. Viro-me e o encaro. Só vejo ódio em seus olhos.

— Sua puta! — diz-me baixinho. Meto a mão na sua cara, o que só o faz sorrir friamente.

— Você vai se arrepender de tudo isso. E sabe o que será melhor? Você vai sofrer como o inferno, porque é isso que você merece! Saiba agora, neste momento, que tudo que eu cheguei a sentir por seu ser deplorável passa agora

a ser como esses cacos de cristais no chão!

Saio com minha dignidade, mas com o coração em pedaços. No elevador, ainda posso ouvi-lo quebrando tudo e me chamando de “maldita mulher”.

Pego um táxi e vou para meu apartamento. Davi não está, deve estar no trabalho. Não tenho forças para descobrir quem inventou essa mentira para Caio. O amor dele não é tão grande como imaginei. Ele acreditou em uma mentira que contaram e não me deu direito de resposta. Deito-me na cama e choro até dormir.

— Pequena? O que houve? — meu irmão soa preocupado.

— Caio me deixou.

— Por quê? Vocês estavam tão bem...

— Eu também achava isso, mas ele chegou em casa bêbado e me falou coisas horríveis. Mas o que mais me doeu foi ter que ouvir da boca dele que Enzo não é dele. Que eu o enganei. Perguntou-me se o meu bebê é do Miguel. Dá para acreditar nisso?

— Eu vou quebrar aquele maldito!

— Não! Ele vai engolir tudo que me disse. Vou fazer um exame de DNA quando o Enzo nascer e mandar entregar para ele. Ele vai chorar lágrimas de sangue. Não o quero mais!

Não tenho mais lágrimas para chorar por tudo que ouvi dele. Passei minha gestação toda em meio a idas e vindas. E ainda tem esse maldito anel que preciso devolver. Não quero nada dele.



Uma semana depois, pego meu carro e vou até a cobertura do Caio. Não vou entrar ou perguntar por ele. Bruno está saindo da garagem; pelo horário, Caio deve estar na cobertura. Aceno para Bruno, que vem em minha direção.

— Bom dia, Bruno!

— Bom dia, senhora. — Está com um olhar triste. Pego a caixinha e a entrego a ele.

— Me faz esse favor?

— Claro. Senhora, acredito que tudo não passou de uma grande e bem-

feita armação. Senhor Caio é muito possessivo em relação à senhora. Dê um tempo a ele. Garanto que nem pensou no que fez. Ele é um homem bom.

— Admiro sua boa vontade, Bruno, mas não quero saber do seu chefe. Também não estou preocupada com o que ele acredita. O que eu sei é que Caio Telles não tem mais espaço em minha vida. Desde aquele dia, estou fora dos seus limites.



Já são 15 dias sem ter um telefonema ou uma mensagem do Caio, até mesmo notícias, já que pedi para Nina não me falar sobre ele. Estou levando minha vida sem Caio. O buraco que ficou em meu peito machuca tanto que chega a me faltar o ar. Agora preciso ter forças pelo meu filho. Caio não faz mais parte da minha vida, e só ele tem o poder de me quebrar.

Às vezes fico sabendo sobre ele através das revistas. Pelas fotos, está sempre muito bem acompanhado, quando não está passeando com o filho dele e da Mari em seus braços. Foi visto com Vanessa saindo de algum restaurante.

Nessa tarde, minha bolsa se rompe e entro em trabalho de parto. Infelizmente não pode ser parto normal, Enzo é muito grande, e eu não tenho dilatação.

Enzo vem ao mundo bravo e lindo, e sei que terei muito trabalho no futuro com as mulheres. É a cara do pai. Parece até um castigo: o homem que quero tirar da minha mente, esquecer, vai conviver comigo agora definitivamente em seu filho. Tudo em Enzo grita Caio Telles.

Peço para que ninguém avise ao Caio. Quase todos da família Telles e alguns amigos estão aqui. O Sr. Telles, quando vê Enzo, chama o próprio filho de idiota. Sua mãe diz que está vendo Caio bebê novamente. Alex, depois de tirar várias fotos do sobrinho, não solta o celular. Nina e Lisa choram feito bobas, admirando o sobrinho. Davi e meus pais estão encantados com meu pequeno, que já demonstra ter um gênio magnífico para o coitado do Miguel.

Peço para que o Sr. Telles faça o exame de DNA, e ele diz que não será necessário, pois Enzo é um Telles legítimo, mas insisto tanto que ele acaba cedendo.

Depois de três dias, volto para a casa dos meus pais, em minha cidade natal. Recebo a constante visita de Miguel, que está apaixonado pelo Enzo, que não é muito fã dele. Até o gênio ruim do pai o menino tem.



Nina me visita e me traz uma linda caixa de madeira MDF que mandou fazer, com várias fotos do Enzo, que já está com dois meses de vida e a cada dia transforma-se mais ainda em um mini-Caio. Como posso esquecer esse homem?

O Sr. Telles fica revoltado comigo quando registro Enzo sem pai. Tenho que conversar bastante, até ele entender meus motivos e por fim ter que aceitar que seu neto se chamará Enzo Mendes.

O tempo segue seu curso, e parece que eu nunca estive grávida. Meu corpo se torna mais bonito que antes e Pedro Félix me contrata para fazer fotos para uma grande marca de calça jeans. Topo, pois não posso voltar ao curso agora e preciso de dinheiro. Ele falou e mostrou as fotos que havia tirado de mim ainda grávida a seu irmão, que adorou todas.

Nesse dia, volto para meu apartamento com Enzo. Assim que chego, sou recepcionada com uma festa surpresa organizada por Nina e Lis, as tias mais maluquinhas que eu poderia arrumar para o meu filho. Todos estão presentes. Menos Caio.

Claro que ele não poderia estar aqui. Seguiu sua vida, e irei fazer o mesmo com a minha. De agora em diante, serei uma mãe e um pai para meu filho.

Você não pode perder a sequência desta história fascinante:

NO LIMITE DO SEU DESEJO 2

PERDÃO E AMOR

Capítulo 1

Caio Telles

O filho dela já está com dois meses. Eu estou definitivamente evitando ir à casa dos meus pais, já que todos me olham de lado. Porém, como eu posso agir de outra forma se ela me enganou? Por isso resolvo sair da cidade. Não posso conviver com ela tão perto. Mandeí retirar a segurança desde que as ameaças haviam acabado. Ela está segura longe de mim.

Lembro como se fosse hoje:

Cheguei ao meu escritório, e havia uma caixa direcionada a mim. Dentro havia tudo que meu coração não poderia aguentar. Fotos e conversas de texto entre Rebeca e Miguel. Tudo que se possa imaginar que um casal apaixonado pudesse fazer para sustentar sua relação secreta estava ali na minha frente. O filho não era meu. Tinha sido feito na noite da boate. Ela não me amava, só queria um pai rico para o filho.

Minhas pernas ficaram moles, e tenho certeza de que, por alguns segundos, o meu coração parou de bater. Naquele mesmo dia, perdi a primeira causa em toda minha carreira jurídica. Não podia fazer nada a não ser beber tudo o que podia para poder chegar a minha casa e colocar a mulher da minha vida para fora.

Espanto os pensamentos e acesso meu e-mail; há trezentas mensagens só das revistas de fofocas. Eu odeio essas revistas, tenho mais raiva ainda quando abro um dos arquivos. Lá está ela, brincando em um parque com um menino nos braços. Vou passando as fotos e leio algumas legendas mais antigas:

Nasce o segundo filho do advogado Caio Telles, mas pelo que se vem notando, o casal está separado.

Há rumores de que Caio Telles deixou Rebeca por traição.

Rebeca Mendes tornou-se uma deusa da moda, sendo queridinha dos

seus patrocinadores. Ninguém segura essa mulher fatal!

O empresário e “amigo” Miguel Torres sempre está ao lado da Rebeca! Romance no ar?

A pedido de Rebeca, não temos permissão para tirar fotos do pequeno Enzo de perto. Algumas pessoas dizem que ele é um bebê muito tranquilo e lindo!

Existem rumores sobre a paternidade do pequeno Enzo!

Rebeca demonstra que ter um filho faz bem à saúde, estava na praia cedinho com o filho, o irmão e o fiel “amigo” Miguel. Usava um biquíni branco que não deixava muito a esconder.

— Ela está linda mesmo, seu corpo está no estilo mulherão, e, pelo horário da foto, eles devem estar juntos mesmo!

Fecho minha conta, não preciso mais ver isso. Tenho que me arrumar, hoje é o aniversário do meu pai e tenho que voltar para a cidade. Sei que Rebeca ainda é amiga da Nina e de todos os outros, mas acredito que não comparecerá à festa. Ela pode ser amiga da família, mas não é membro dela. Desde que saiu do meu apartamento, não me procurou e nem ligou. O anel de noivado, foi tão covarde que entregou ao Bruno. Está no cofre até hoje. Deixou mais que provado que o filho não é meu.

Fiquei sabendo que, 15 dias depois que a mandei embora, seu filho nasceu. Nunca vi uma foto da criança e também fiz questão de me manter longe de todos. Nunca procurei ninguém para conversar sobre o assunto. Alex ainda me avisou do nascimento, mas eu disse que não tinha interesse, então, ele desligou na minha cara. A relação com minha família não é mais a mesma desde que eu saí da cidade.

Vou para a festa do meu pai e, como esperado, Rebeca não está lá, mas fico sabendo que estará em um almoço amanhã. Nessa altura, eu já estarei voltando para casa. Ouvi do meu irmão que ela não tem nada com o Miguel. Contudo, ele está fazendo de tudo para conquistar seu coração.

— Caio, deixa de ser idiota! — diz o gênio do meu irmão. — Vá falar com Rebeca, arrume essa situação!

— Não vou falar com ninguém, Alex.

— Você prefere sofrer feito um condenado?
— Sou forte o suficiente para esquecê-la.
— Não cometa meus erros, meu irmão.
— Deixe-me em paz! Que inferno!
— Inferno é eu ter que ver você perdendo SEU FILHO E A MULHER QUE AMA!
Corajoso o rapaz.
— Não grita comigo, Alex, eu te rasgo ao meio!
— Quer saber, Caio? Você não merece a Rebeca. Você é um fodido!
— Quer que te mostre o fodido aqui ou na academia, Alex? — Se ele quer briga, ele vai ter!
— Esquece, Caio. Só tenho pena de você, irmão.
Filho da puta!



Já faz seis meses que eu estou cuidando da saúde mental da Mari. Não consigo fazê-la entender que eu não quero tocá-la e não a desejo. Saber que meu amor ainda é de outra está acabando com ela e com sua sanidade mental mais rápido.

Estou a caminho da casa dos meus pais, preciso ter uma reunião com meu pai sobre uma das causas do escritório. Era para ser amanhã, mas vou adiantar logo. Quando chego, noto que todos estão na área da piscina. Resolvo ir para meu quarto tomar um banho antes que notem que cheguei.

Termino meu banho e me dirijo para a sala. No caminho vejo um menino tentando se equilibrar para ficar em pé, mas termina caindo sentado. Sorrio da cena. Ele é moreno, e seus cabelos são lisos e negros. Está bem cuidado e usa apenas uma sunga do Homem-Aranha.

Aproximo-me mais e, quando o pequeno se vira para mim e sorri, meu coração para. A mesma cor dos meus olhos, o mesmo tom de pele, e ele também parece muito comigo nessa fase. Minha consciência grita: *É SEU FILHO, IDIOTA!*

Agradecimentos

A brincadeira se tornou realidade graças a duas pessoas que me fizeram acreditar que minha escrita encantaria muitas pessoas. Agradeço a minha Equipe Telles, formada por meninas maravilhosas que moram no meu coração: Marizete, Millie, Hadassa, Jully, Lenny, Cindy, Jull, Anna, Kathryne, Luciene, Luzhya, Fernanda Jéssica, Jessie e G.T por todo esforço, dedicação, carinho e aprendizagem diária. Sem vocês definitivamente nada disto seria possível.

Às minhas queridas Telletes, que fazem do Grupo KB – Romances um verdadeiro lar virtual. Nossos dias são mais belos com a harmonia e brincadeiras que só uma verdadeira família mantém, nossa família Telles.

Às minhas queridas autoras Sue Hecker, Laizy Shayne, Cris Fernandes e Cláudia Pereira, que foram suportes indispensáveis nesta trajetória.

Aos amigos que conquistei e sempre estão ao meu lado. Para você, moço, que sempre me deu as palavras certas quando necessito.

Muito obrigada!

Kyra Baptista

Biografia

Kyra Baptista sempre gostou de escrever apenas para guardar lembranças de momentos, tornando-as poesias. Aos 16 anos de idade, tomou gosto pela escrita de livros; dessa forma nasceu seu primeiro romance, *No limite do seu desejo: Sedução, Perdão e amor e Para sempre*.

Editora Angel

VISITE NOSSO SITE

WWW.EDITORAAANGEL.COM.BR